



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

JAILMA DO SOCORRO UCHÔA BULHÕES

**LEVANTAMENTO, ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE ELEMENTOS
PARALINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS ESPONTÂNEO.**

**BELÉM – PARÁ
2006**

JAILMA DO SOCORRO UCHÔA BULHÕES

**LEVANTAMENTO, ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE ELEMENTOS
PARALINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS ESPONTÂNEO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dr. Regina Célia Fernandes Cruz.

**BELÉM – PARÁ
2006**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Bulhões, Jailma do Socorro Uchôa.

Levantamento, análise e descrição de elementos paralinguísticos do português espontâneo. / Jailma do Socorro Uchôa Bulhões; orientadora, Regina Célia Fernandes Cruz. 186 pp, 2006.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2006.

1. Língua Portuguesa - fonética. 2. Língua portuguesa – Pará - Regionalismo. 3. Língua portuguesa - variação. 4. Fala. I.Título.

CDD-20.ed.469.15

JAILMA DO SOCORRO UCHÔA BULHÕES

**LEVANTAMENTO, ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE ELEMENTOS
PARALINGUÍSTICOS DO PORTUGUES ESPONTÂNEO.**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
LINGUÍSTICA**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora: Prof. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz

2º Examinador: Prof. Dr. César Augusto da Conceição Reis

3º Examinador: Prof. Dr. Samuel Pereira Campos

Belém, 20 de Abril de 2006.

Aos meus queridos pais, que sempre me incentivaram e me amaram incondicionalmente; e a meu amado João Felício, companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida que me concedeu e pelas bênçãos diárias;

À Universidade Federal do Pará e ao Centro de Letras e Artes, que me propiciaram as condições necessárias para fazer o curso de mestrado;

A meu pai, pelo exemplo de força, determinação e coragem; por ter me ensinado a ‘alçar vãos altos’;

A minha mãe, cuja ternura confortou meu coração em todos os momentos mais difíceis;

Ao meu querido João Felício, pelo apoio, amor, dedicação e companheirismo. Por ter contribuído para a construção, muitas vezes neurótica, deste trabalho com simples reflexões sobre o tema investigado. Por ter me ajudado a levantar sempre que desmoronava e desejava desistir de tudo.

Aos meus irmãos, em especial, minha irmã Jamile, cuja contribuição e apoio foram essenciais em todos os longos anos longe de casa;

À Profa. Regina Cruz, pela valiosa orientação;

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo;

A todos os informantes, que contribuíram de bom grado para a realização deste trabalho;

A Rosemiro Lopes, pela preciosa ajuda na revisão de meu trabalho;

À Carlene Nunes, pela parceria nas neuróticas produções de trabalhos. Pelas longas horas de estudo das quais sentirei muita saudade;

A todos os meus amigos, Lea, Maria do Socorro, Cinnamorlinda e Francis, cuja amizade foi imprescindível nos últimos anos;

Aos professores do CML, em especial à Profa. Dra. Eulália Toscano, cujas aulas esclarecedoras contribuíram para o engrandecimento dessa investigação.

RESUMO

A fala apresenta aspectos paralinguísticos que não pertencem ao código linguístico convencional, mas contribuem significativamente para a unidade temática do discurso. Essas realizações se constituem em enunciados não-lexicalizados que funcionam como atos de fala completos nas interações comunicativas interpessoais. Sobre essas emissões não-verbais, Campbell (2002a, 2002b, 2003 e 2004), Maekawa (2004), Fujie *et al.* (2004), Hault (2004), Key (1958) *apud* Steimberg (1988) postulam que elas contribuem para a manifestação da fala expressiva. Para os autores, é justamente o fenômeno da paralinguagem que sinaliza informações sobre atitudes, opiniões e emoções do falante em relação ao interlocutor ou ao tópico discursivo. Nesse sentido, investigamos, neste trabalho, as manifestações paralinguísticas recorrentes em conversas informais para demonstrarmos seu papel expressivo na linguagem falada. Para tanto, fizemos um levantamento de 450 ocorrências de elementos paralinguísticos no processo de transcrição de amostras de falas do Português Regional Paraense produzidas em situações reais de conversação. Pressupondo que essas realizações não-verbais são caracterizadas por variações prosódicas, nós as submetemos a uma análise fonética por meio do *software* PRAAT. A partir dessa análise, constatamos a contribuição de duas propriedades: a frequência fundamental (F0) e o tempo de emissão, para a manifestação expressiva dos elementos paralinguísticos no discurso falado. Além disso, identificamos também a silabação como uma propriedade comum às realizações sonoras focalizadas. Após o processo de análise, fizemos a descrição do uso e do funcionamento desses elementos nas conversas, bem como da contribuição deles para a manifestação da fala expressiva. Os resultados nos mostram que os elementos paralinguísticos, além de contribuírem para a fluência do discurso falado, desempenham a função de sinalizar compreensão, interesse e/ou atenção, gerenciar relações interpessoais e expressar emoções, atitudes e afeto.

PALAVRAS-CHAVE: fala expressiva, elementos paralinguísticos, fala espontânea, relações interpessoais, português regional paraense.

ABSTRACT

Natural speech contains paralinguistic aspects that do not belong to the arbitrary conventional code of language, but which nevertheless are meaningful and important in speech communication. These aspects are non-lexical utterances that function as full speech acts in the intersubjective communicative interaction. In respect these non-verbal details, Campbell (2002a, 2002b, 2003, 2004), Maekawa (2004), Fujie *et al.* (2004), Hout (2004), Key (1958) *apud* Steimberg (1988) argue they contribute to expressive speech. In accord to these authors, it's the paralanguage phenomenon that signalizes information about speaker's attitude, opinions and emotions. In this way, we investigate, in this work, the common paralinguistic utterances in informal conversation in order to demonstrate its expressive function in speech signal. We identified 450 paralinguistic utterances in samples of natural speech of the Paraense Regional Portuguese and submitted them to a phonetic analysis. The analysis showed us that fundamental frequency and duration have strong effects in conveying paralinguistic phenomena in speech. Besides, we also identified another common property of the paralinguistic tokens: the syllabification. After analysis process, we described the usage and function of these non-lexical utterances and its contribution to the expressive speech. The results indicate that paralinguistic tokens signalize recognition, comprehension and attention, manage interpersonal relations and express emotion, attitude, and affect.

KEY WORDS: expressive speech, paralinguistic aspects, natural speech, interpersonal relations, paraense regional Portuguese.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO.....	8
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE TABELAS.....	13
INTRODUÇÃO.....	14
I. O ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE PARALINGUAGEM.....	15
II. OBJETO DE ESTUDO.....	17
III. OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	19
IV. CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO.....	20
CAPÍTULO I – A COMUNICAÇÃO ORAL.....	23
1.1. Considerações iniciais.....	24
1.2. Informação verbal.....	25
1.3. Informação não-verbal.....	26
1.4. Considerações finais.....	29
CAPÍTULO II – A PARALINGUAGEM.....	31
2.1. Considerações iniciais.....	32
2.2. Definição.....	33
2.3. Função.....	36
2.4. Propriedades.....	39
2.5. Relevância.....	43
2.6. Considerações finais.....	44
CAPÍTULO III – ROTEIRO METODOLÓGICO.....	46
3.1. Considerações iniciais.....	47

3.2. O <i>corpus</i> analisado.....	47
3.3. O sistema de transcrição do <i>corpus</i>	55
3.3.1. Lexical.....	56
3.3.2. Paralinguístico.....	59
3.4. Procedimentos de análise.....	63
3.4.1. Seleção dos elementos paralinguísticos.....	63
3.4.2. Extração dos elementos paralinguísticos.....	64
3.4.3. Categorização dos elementos paralinguísticos.....	64
3.4.4. Extração das medidas físicas dos elementos paralinguísticos.....	65
3.5. Considerações finais.....	67
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS.....	68
4.1. Considerações iniciais.....	69
4.2. Categorização dos elementos paralinguísticos.....	70
4.3. Propriedades prosódicas analisadas.....	73
4.3.1. Duração.....	73
4.3.2. Frequência fundamental (F0).....	82
4.3.3. Silabação.....	90
4.4. Considerações finais.....	94
CAPÍTULO V – ANÁLISE PRAGMÁTICA DOS ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS.....	96
5.1. Considerações iniciais.....	97
5.2. Sinalizadores de compreensão, de participação, de interesse e/ou assentimento.....	97
5.2.1. Sinais de monitoramento do ouvinte.....	98
5.2.2. Sinalizadores de assentimento.....	101
5.2.3. Sinalizadores de afirmação e negação.....	104
5.2.4. Sinalizadores de interesse.....	107
5.2.5. Sinalizadores de recordação ou rememoração.....	110
5.2.6. Sinalizadores de compreensão.....	111
5.2.7. Marcadores de hesitação.....	114
5.2.8. Marcadores de evocação de atenção.....	116
5.2.9. Marcadores de discordância.....	118

5.3. Sinalizadores de emoção e de atitude.....	120
5.3.1. Sinalizadores de compaixão.....	121
5.3.2. Sinalizadores de deboche/ironia/desdém.....	124
5.3.3. Sinalizadores de reprovação.....	133
5.3.4. Sinalizadores de frustração/insatisfação.....	137
5.3.5. Sinalizadores de surpresa/espanto.....	140
5.3.6. Sinalizadores de sensação de incômodo.....	145
5.3.7. Sinalizadores de aborrecimento/descontentamento/chateação.....	147
5.3.8. Sinalizadores de desejo.....	150
5.3.9. Sinalizadores de irritação.....	150
5.3.10. Sinalizadores de avaliação subjetiva.....	154
5.3.11. Sinalizadores de incredulidade/desconfiança.....	157
5.3.12. Sinalizadores de alegria.....	158
5.3.13. Sinalizador de oferta.....	163
5.3.14. Sinalizadores de indignação.....	164
5.3.15. Sinalizadores de ameaça.....	166
5.3.16. Sinalizadores de repreensão.....	168
5.3.17. Sinalizadores de ressentimento.....	170
5.4. Considerações finais.....	171
CONCLUSÃO.....	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	179
ANEXOS.....	187

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01a - Distribuição (número de ocorrências) de sentidos identificados no <i>corpus</i>	70
Gráfico 01b - Distribuição (número de ocorrências) de efeitos expressivos identificados no <i>corpus</i>	71
Gráfico 01c - Distribuição (número de ocorrências) de efeitos expressivos identificados no <i>corpus</i>	71
Gráfico 04 - Média de duração das sílabas do elemento <<i>uhm-hum</i>>	77
Gráfico 05 - Média de duração do elemento <<i>un?</i>> de acordo com sentido expresso	80
Gráfico 06 - Média de duração do elemento <<i>heim</i>> de acordo com sentido expresso	81
Gráfico 07 - Número de ocorrências de elementos de duas ou mais sílabas identificados no <i>corpus</i>	91
Gráfico 08 - Comparação entre os elementos paralinguísticos silabados e os não-silabados	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Os canais não-verbais da comunicação oral	28
Figura 02 - As funções da prosódia	40
Figura 03 - Padrão de codificação dos fragmentos de fala utilizados no <i>corpus</i>.	52
Figura 04 - Amostra de uma janela de trabalho no <i>software</i> PRAAT	62
Figura 05 - Representação gráfica da curva de F0/relação tempo da emissão	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - As categorias não-verbais expressas no sinal da fala	27
Tabela 02 - Características dos fragmentos sonoros que compõem o <i>corpus</i> definitivo usado inicialmente	48
Tabela 03 - Características dos fragmentos de fala utilizados	53
Tabela 04 - Símbolos utilizados na transcrição lexical (cf. orientações de Marcuschi, 2003)	56
Tabela 05 - Símbolos utilizados na transcrição dos elementos paralinguísticos	59
Tabela 06 - Elenco dos elementos paralinguísticos encontrados no <i>corpus</i>	61
Tabela 07 - Duração mínima e máxima (ms) dos elementos paralinguísticos de acordo com o sentido expresso	74
Tabela 08a - Valores de <i>pitch</i>: sexo masculino	84
Tabela 08b - Valores de <i>pitch</i>: sexo feminino	85
Tabela 8c - Valores de <i>pitch</i>: sexo feminino	86
TABELA 09: Valores de <i>pitch</i> (voz feminina) de elementos paralinguísticos com apenas 1 (uma) ocorrência no <i>corpus</i> cada	87

INTRODUÇÃO

*“Não escondas nas palavras coisa alguma:
Ouvindo-se sabe o que não se lê.
Não finjas na voz que sempre te engana
No timbre da voz é que a gente vê”.*

(Augusto Deodato Guerreiro)

I. O ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE PARALINGUAGEM

Cagliari (1993) e Maekawa (2004) argumentam que na prática da descrição linguística raramente é reconhecido um valor paralinguístico ou algum tipo de significado ligado às atitudes do falante, de modo que os efeitos causados pelas propriedades paralinguísticas são considerados como fatores marginais do trabalho. Assim, é raro encontrar trabalhos que incorporem tais aspectos nas análises linguísticas. Essa prática foge à essência da linguagem oral.

A esse respeito, acreditamos que haja uma escassez muito patente de estudos dessa natureza nas investigações realizadas no Português Brasileiro (doravante PB), visto que os estudiosos da oralidade têm registrado tal fenômeno apenas como apêndice do ato verbal (Gomes, 2004 e Silva, 2005), deixando de lado seu caráter individual enquanto componente da linguagem. Nesses estudos, a paralinguagem deixa de ser vista como um comportamento único na comunicação falada - aquele que possibilita a expressão de emoção e de atitude na fala – para ser encarada como um fenômeno não-verbal que não existe sem a informação dita linguística.

Também, em relação aos trabalhos já produzidos, constatamos que os estudos sobre a paralinguagem difundidos em outras línguas e, sobretudo, no bojo da Engenharia da Computação são mais numerosos do que os circunscritos na Linguística, visto que a tecnologia da fala tem direcionado sua atenção para a produção da fala natural. Desse modo, muitos trabalhos sobre a paralinguagem são desenvolvidos a fim de aperfeiçoar os programas computacionais de síntese de fala¹ e de reconhecimento de voz². Entretanto, ainda ressentimos

¹ “Sistema de síntese é um modelo computacional que permite gerar automaticamente fala, a partir de uma representação simbólica que é fornecida como entrada” (VIANA, M. Céu. *Síntese de fala*. In: RANCHHOD, Elisabete Marques (org). *Tratamento das Línguas por Computador: Uma introdução à Linguística Computacional e suas aplicações*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.p. 133).

a lacuna de estudos sobre a paralinguagem e seus efeitos no discurso nos estudos linguísticos sobre o PB.

Os trabalhos produzidos estudam a fala emotiva Mozziconacci (1998 e 2002); Schötz (2002a, 2002b e 2003) e Hoult (2004), concentrando suas análises em aspectos paralinguísticos, tais como as intenções e as emoções do falante. Campbell (2002a; 2002b), em seu trabalho sobre fala expressiva, também reconhece o fenômeno da paralinguagem como fator inerente à fala natural. Nele, o autor realiza um trabalho no qual inclui toda a informação não-verbal marcada pela variação prosódica e pelo tom de voz, inclusive os itens não-verbais, chamados por ele de ‘ruídos’, que contribuem para a expressão de sentimentos, atitudes e opiniões do falante numa interação comunicativa.

Esses trabalhos se aproximam do nosso por conta de dois fatores: (i) o uso de amostras de fala espontânea na análise; e (ii) a anotação da variação prosódica, propriedade importante para a efetivação da informação paralinguística. Em seus trabalhos, Mozziconacci (*op. cit.*); Schötz (*op. cit.*), Hoult (*op. cit.*) e Campbell (*op. cit.*) verificam como os elementos paralinguísticos veiculam informações relacionadas aos estados emotivos como raiva, ironia, tristeza, alegria, tédio entre outras emoções presentes na voz, considerados em nosso trabalho. Todavia, não submeteremos à análise enunciados lexicalizados.

Um estudo bem próximo ao que ora empreendemos é o de Ward (2004) cujo trabalho analisa os enunciados não-lexicalizados, *uh-uh*, *ahm*³, entre outros do inglês falado, com o propósito de relacionar as funções pragmáticas de tais elementos, também chamados de paralinguísticos (cf. Eco, 1991; Key apud Steimberg, 1988).

No âmbito dos estudos linguísticos sobre o PB, encontramos dois trabalhos que tratam dos aspectos paralinguísticos: Gomes (*op. cit.*) e Silva (*op. cit.*). Esses autores estudam o

² “Sistema que pretende transformar comandos vocais em instruções a que uma máquina deve obedecer [...]” (MARTINS, Fernando. *Bases lingüísticas em sistemas de reconhecimento de fala*. In: RANCHHOD, Elisabete Marques (org). *Tratamento das Línguas por Computador: Uma introdução à Lingüística Computacional e suas aplicações*. Lisboa: Editorial caminho, 2001. p. 195).

³ Anotação proposta pelo próprio autor.

papel dos aspectos não-verbais paralinguísticos em narrativas orais, a fim de contribuir para a compreensão do gênero textual narrativa oral. Entretanto, nenhum deles realizou um estudo fonético sobre as propriedades responsáveis pela expressão paralinguística na fala.

Podemos salientar, nesse sentido, que há ainda uma grande necessidade de que estudos fonéticos sobre o canal da paralinguagem no PB sejam desenvolvidos, com o objetivo de destacar essa categoria como o componente que fornece ao ouvinte uma informação adicional sobre as intenções pretendidas pelo falante (Campbell (*op. cit.*)), sem a necessidade de estas serem lexicalmente proferidas.

II. O OBJETO DE ESTUDO

O estudo do fenômeno da paralinguagem empregado durante a interação comunicativa é tão significativo quanto o estudo de outros elementos verbais e não-verbais que ocorrem também no ato conversacional. A produção de informações paralinguísticas exerce um papel relevante no contexto interativo, haja vista representar uma das formas de que dispõe o falante para expressar suas intenções e atitudes em relação ao ouvinte ou ao assunto tratado na conversação.

De acordo com Campbell (2003), o estudo desse fenômeno deve ser direcionado para a fala natural produzida em situações reais de interação, já que é justamente a paralinguagem que confere a naturalidade da fala (Mozziconacci, 1998). Além disso, para esses autores e para Hault (*op. cit.*), a paralinguagem exerce um grande papel na fala quando a conversação se torna mais pessoal. Diante disso, acreditamos que sejam em situações diárias de conversação que os falantes mais revelam suas opiniões e atitudes.

A partir desse pressuposto, focalizamos, em nosso estudo, dados de fala espontânea produzidos em situações conversacionais comuns do dia-a-dia para verificarmos a grande

variedade de informação paralingüística presente nesse tipo de situação de fala. Dessa forma, buscamos registrar conversas informais travadas por interlocutores cujas relações pessoais fossem bastante estreitas, a fim de que fossem coletados dados reais de fala expressiva.

Sabemos que há a manifestação expressiva da paralinguagem em enunciados lexicalizados ou não, na medida em que os interlocutores desejam demonstrar suas intenções e/ou atitudes. Todavia, elegemos como objeto central de nosso trabalho enunciados não-lexicalizados⁴, como <un-hun>; <heim>; <an-han>, entre outros, produzidos pelo falante ou pelo ouvinte no decorrer do ato conversacional. Escolhemos essas manifestações não-verbais por conta de dois motivos: o primeiro diz respeito à ausência de estudos que identifiquem propriedades prosódicas envolvidas na manifestação desses elementos, bem como o valor expressivo dos mesmos nas conversas interpessoais; e o segundo está relacionado ao maior propósito deste trabalho, o de contribuir para a descrição de fatos não-verbais do português falado no interior paraense⁵.

A análise de propriedades prosódicas que promovem o significado dessas emissões paralingüísticas produzidas no momento das interações, focalizadas em nosso estudo, bem como a descrição do papel expressivo desses elementos, é uma forma de destacar essas emissões paralingüísticas como contribuídas para a organização do discurso falado e da produção de seu sentido, demonstrando que esses fenômenos funcionam não apenas como marcadores discursivos, no papel de destaque, de reforço, entre outros, mas também como um canal paralelo à estrutura linguística que revela informações sobre as atitudes e o estado afetivo do locutor.

Nesse sentido, buscamos, no limite deste estudo, investigar o funcionamento dessas emissões paralingüísticas enquanto elementos que contribuem para a construção textual e para

⁴ Trataremos esses enunciados doravante ora por elementos paralingüísticos ora por emissões vocálicas ou emissões paralingüísticas.

⁵ Nosso trabalho está integrado a um projeto maior chamado “Vozes da Amazônia: *corpus* oral e fala espontânea” (portaria CLA 065/2003), destinado à descrição do português regional paraense, sob coordenação da Profa. Dr. Regina Célia Fernandes Cruz.

a produção da informação expressiva na fala, assim como a importância de propriedades prosódicas para a promoção do significado e do efeito pragmático desses elementos paralinguísticos numa interação comunicativa oral.

III. OBJETIVOS E HIPÓTESES

As pesquisas sobre a língua falada no PB, do ponto de vista fonético, ainda ressentem de estudos sobre as propriedades paralingüísticas da fala. Essas pesquisas limitam-se a analisar os sons segmentais da língua deixando de lado todos os outros detalhes sonoros que contribuem para a efetivação da linguagem oral. Desse modo, este estudo faz uma abordagem diferente, visto que pretendemos investigar os fenômenos não-verbais (emissões paralinguísticas) produzidos em situações reais de conversação.

Partindo da hipótese de que esses fenômenos vocálicos não-verbais têm, no canal da fala, o papel de carrear as intenções emotivas dos falantes e, por isso, desempenham um papel importante na caracterização da fala expressiva, bem como contribuem para a condução da interação, revelando o interesse e a intenção dos interlocutores sobre o assunto em pauta numa dada conversa ou até mesmo sobre o parceiro na interlocução, procuramos, de modo geral, proceder a uma investigação dessas emissões paralinguísticas presentes em falas produzidas em diferentes situações de interação cotidianas, a fim de analisarmos e descrevermos sua função, bem como algumas propriedades prosódicas que as efetivam na cadeia da fala. De forma particular, buscamos demonstrar o contexto interativo em que essas emissões paralinguísticas são produzidas, bem como ilustrar a grande variedade dessas expressões nas conversações espontâneas, além de detalhar as informações emotivas reveladas nesses elementos. Procuramos identificar também o papel desses elementos no discurso, no sentido de registrar um conjunto desses elementos paralinguísticos do português regional espontâneo, a fim de contribuirmos para as investigações linguísticas e/ou não linguísticas (como estudos

relacionados à tecnologia da fala e às ciências da computação, por exemplo) que se interessem pelo estudo desses segmentos orais não-verbalizados, assim como incorporá-los a uma gramática da língua falada. Trata-se, portanto, de um estudo sobre emissões aparentemente não relevantes para a análise fonética, mas de indiscutível significação e relevância para a manifestação da informação expressiva em interações comunicativas interpessoais.

IV. CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO

O conjunto deste trabalho está organizado em cinco capítulos além da introdução e da conclusão e sua seqüência é progressiva.

No primeiro capítulo, *A Comunicação Oral*, apresentamos uma breve definição das informações verbais e não-verbais impressas na cadeia da fala, de acordo com alguns estudiosos da oralidade. Além disso, neste capítulo também categorizamos o canal paralingüístico no âmbito da comunicação oral.

Como se trata de um estudo novo na área e precisamos, antes de tudo, fazer um grande levantamento de material bibliográfico, visto a dificuldade de encontrar artigos e/ou livros publicados em Língua Portuguesa que abordem especificamente o tema tratado em nossa pesquisa, reservamos o segundo capítulo, *A Paralinguagem*, para uma breve apresentação das definições dadas ao fenômeno da paralinguagem, no que diz respeito a sua natureza, encontradas na literatura da área. Tratamos do fenômeno conforme a posição de autores, como Nick Campbell, Christopher Hoult, Kikuo Maekawa, Suzana Schötz, George Trager, Mary Ritchie Key, Sylvie Mozziconacci, Marta Steimberg, entre outros. Neste capítulo, também tratamos da função (ou funções) desempenhada (s) pela paralinguagem na fala, bem como das propriedades fonéticas que a sinalizam. Destacamos, ainda, a relevância desse fenômeno para a manifestação da fala expressiva.

No terceiro capítulo, *Roteiro Metodológico*, definimos e contextualizamos o *corpus* piloto utilizado inicialmente neste estudo, bem como o *corpus* efetivamente usado para análise e descrição. Sobre o *corpus*, destacamos os procedimentos adotados para a seleção de informantes, a observação de campo, a captação e a digitalização dos dados. Neste capítulo, também apresentamos o modelo de anotação formulado e adotado para a transcrição das amostras de fala utilizadas. Sobre o sistema de anotação, destacamos os sinais utilizados para a transcrição grafemática e para a identificação dos elementos paralingüísticos focalizados. E, por fim, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa para a análise fonética e a descrição das emissões paralingüísticas.

No quarto capítulo, *Análise dos Elementos Paralingüísticos*, destacamos os resultados obtidos a partir da análise de duas propriedades prosódicas: a duração e a frequência fundamental (F0), na tentativa de esclarecer as diferenças sonoras nas emissões dos elementos paralingüísticos estudados, bem como as variações de produção dependentes da intenção do falante. Neste capítulo, também apresentamos os elementos paralingüísticos agrupados por efeito pragmático, a fim de relacionarmos os resultados de análise ao sentido. Abordamos, ainda, outra propriedade fonética muito saliente em algumas emissões paralingüísticas – a silabação⁶ e sua relação com o propósito do falante.

A descrição dos elementos paralingüísticos que identificamos no *corpus* desta pesquisa, bem como as observações sobre os efeitos expressivos e o papel desses elementos para a organização textual de uma conversação desenvolvemos no quinto capítulo, *Efeitos Expressivos dos Elementos Paralingüísticos*. Neste capítulo, descrevemos e exemplificamos os elementos paralingüísticos, de acordo com o sentido revelado nos fragmentos de fala utilizados, a fim de ressaltarmos a variedade de manifestações expressivas que um elemento pode exercer na fala conforme a intenção comunicativa do falante.

⁶ Tradução nossa do termo em Inglês *syllabification*.

Abordamos, pois, neste trabalho, o fenômeno da paralinguagem, apresentando o levantamento, a análise e a descrição de elementos característicos desse fenômeno, contribuindo assim para um melhor entendimento do mesmo.

CAPÍTULO I

A COMUNICAÇÃO ORAL

“[...] As conversas espontâneas que construímos cotidianamente estão repletas dessa mistura do verbal e do não-verbal [...]”⁷

(Ângela Dionísio)

⁷ Dionísio (2001, p. 77).

1.1. Considerações Iniciais

De acordo com Rector & Trinta (1985), a comunicação humana é tanto um fenômeno quanto uma função social. Comunicar, nesse sentido, envolve a idéia de compartilhar e de transmitir informações entre dois ou mais interactantes. Em verdade, a comunicação só se efetua através de duas condições. A primeira diz respeito à presença de dois sistemas: um emissor e um receptor; e a segunda à transmissão de mensagens (Corraze (1982) *apud* Silva, 2005).

Essas informações compartilhadas entre emissor e receptor (es) durante uma interação face a face são processadas por meio de dois canais: o verbal e o não-verbal. Assim, no processo interativo, os indivíduos não somente verbalizam enunciados, ou seja, não fazem uso apenas do elemento verbal, mas também se valem de elementos não-verbais que contribuem para a efetivação do discurso.

Para Bakhtin (1999), a enunciação compreende não somente formas linguísticas, como as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações, mas também os elementos não-verbais da situação que contribuem para a unidade temática da enunciação. Desse modo, a compreensão do sentido dado a qualquer enunciado se deve também, e fundamentalmente, aos elementos não-verbais da conversação.

Nesse sentido, discutiremos neste capítulo os recursos sonoros não-verbais que possibilitam ao indivíduo, na comunicação falada, transmitir informações extras que complementam os enunciados verbalizados, de modo que seja esclarecido que o falante, ao produzir qualquer realização linguística, de qualquer extensão, faz uso não só de variáveis lexicais, semânticas e sintáticas, mas também de movimentos, gestos e recursos

paralinguísticos (Steimberg, 1988). Em nosso estudo, nos importará ressaltar o valor pragmático desses efeitos não-vocálicos que chamaremos de elementos paralinguísticos.

1.2. Informação Verbal

A informação verbal é efetuada basicamente pelos signos lingüísticos da fala, ou seja, ela é a forma discursiva da linguagem pela qual o homem interage socialmente (Koch, 2003). É conhecida como informação linguística, visto que expressa mensagens por intermédio do léxico e da gramática da língua.

Para Mixdorff (1998) *apud* Schötz (2002a, p. 02), “Linguistic information includes lexical stress, sentence modality (question vs non-question), focus structure and segmentation [...]”⁸. Werner & Keller (1994, p. 24) também fornecem uma definição para o termo: “By linguistic expression is meant any oral expression using language signs [...]”⁹. De uma forma geral, esse componente da língua inclui todas as formas segmentais da língua e suas qualidades articulatórias, bem como suas variações intra ou entre falantes. Assim, o componente verbal diz respeito apenas ao código convencional da língua utilizado tanto para a comunicação oral quanto para a escrita.

Esse canal de comunicação é classificado por Traunmüller (2000) como um dos tipos de informação que o sinal de fala contém. Ele é justamente o canal que reflete a mensagem, o dialeto e o idioleto dos falantes.

Essa idéia postula que a linguagem falada contém outros tipos de informações que não são tradicionalmente transcritas na fala. De acordo com Maekawa (2004), apenas os aspectos linguisticamente relevantes são focalizados nas notações fonéticas, de modo que todos os

⁸ “A informação linguística inclui o acento lexical, o modo da sentença (pergunta vs não pergunta), focaliza a estrutura e a segmentação [...]” (Mixdorff (1998) *apud* Schötz (2002a, p. 02), tradução nossa).

⁹ “Por expressão linguística entende-se qualquer enunciado oral em que sejam usados os signos linguísticos.” (Werner & Keller (1994, p. 24) tradução nossa).

outros aspectos são deixados de lado. Assim, a informação verbal do discurso falado tem sido prioritariamente inserida nas análises da linguagem oral.

Paralelamente, ao canal verbal, há a manifestação do canal não-verbal que processa grande parte do significado das mensagens emitidas numa interação. Estes dois níveis de comunicação se apresentam e atuam concomitantemente nas interações entre indivíduos, complementando-se ou contrapondo-se no discurso ou, ainda, ampliando ou não um ao outro (Mesquita, 1997).

1.3. Informação Não-verbal

O canal não-verbal é a forma não discursiva que também, de acordo com Corraze (1982) *apud* Silva (2005), é um meio de transmitir informação. Seu processamento na fala se dá por meio de diferentes unidades expressivas, como a face, o olhar, a paralinguagem ou paralinguística, os gestos, as ações e a postura. Autores como Steimberg (1988), Knapp (1982) *apud* Mesquita (*op. cit.*) e Dionísio (2001) apresentam esquemas da conduta não-verbal, nos quais citam: a) características físicas; b) movimento corporal ou cinésico (emblemas, ilustradores, expressões de afeto, reguladores e adaptadores); c) comportamentos táteis; d) paralinguagem (modalidades vocais); silêncio (ausência de palavras); e proxêmica (distância mantida entre os participantes de uma interação). Knapp ainda estabelece um esquema mais detalhado por citar também (i) artefatos e (ii) meio ambiente. Essas classificações apresentam, de forma geral, as possibilidades de comunicação não-verbal entre os indivíduos, esclarecendo, assim, que são vários os canais de comunicação.

Dentre essas unidades não-verbais, destacamos ainda aquelas responsáveis pela emissão de informações pessoais do falante no discurso. Maekawa (2004) registra dois tipos

de categorias não verbalizadas que os ouvintes são capazes de perceber durante a conversação, como podemos observar na tabela a seguir:

CATEGORIAS	INFORMAÇÃO
Paralinguística	Expressiva
Extralinguística	Orgânica

TABELA 01 - As categorias não-verbais expressas no sinal da fala

Para o autor, a paralinguagem é responsável pela transmissão de informações sobre o estado emotivo do locutor bem como de suas atitudes e intenções. Já a extralinguagem fornece informações relacionadas à condição fisiológica do falante, tais como idade, sexo e saúde. Ambas as categorias distinguem informações do locutor que não seriam de outra forma transmitidas numa conversação face a face. Desse modo, o sinal de fala contém necessariamente vários tipos de informação que não são citadas nas transcrições fonéticas tradicionais de amostras de fala.

Sobre a manifestação dessas categorias não-verbais na fala, Maekawa (*op. cit.* p. 01) postula que “Simultaneous transmission of linguistic, paralinguistic, and non linguistic information is one of the most important characteristics of spoken language [...]”¹⁰. Assim, tais unidades são cruciais para a efetivação da fala em situações concretas de conversação. Essa premissa de Maekawa (*op. cit.*) parece dialogar com a de Traunmüller (2000) quando este argumenta que é conveniente destacar essa duas categorias não-verbais da fala

¹⁰ “A transmissão simultânea das informações linguística, paralinguística e extralinguística é uma das mais importantes características da linguagem falada.” (Maekawa (*op. cit.* p. 01), tradução nossa).

(paralinguística e extralinguística), visto expressarem informações diferentes acerca do falante.

Para Hoult (2004), todas as outras formas de conduta não-verbal que não sejam transmitidas vocalmente são consideradas não linguísticas.

Assim, como nos orientamos conforme o postulado de Hoult (*op. cit.*), Campbell (2002a), Schötz (2002a, 2002b), entre outros, apresentamos o seguinte esquema sobre o canal não-verbal de comunicação:

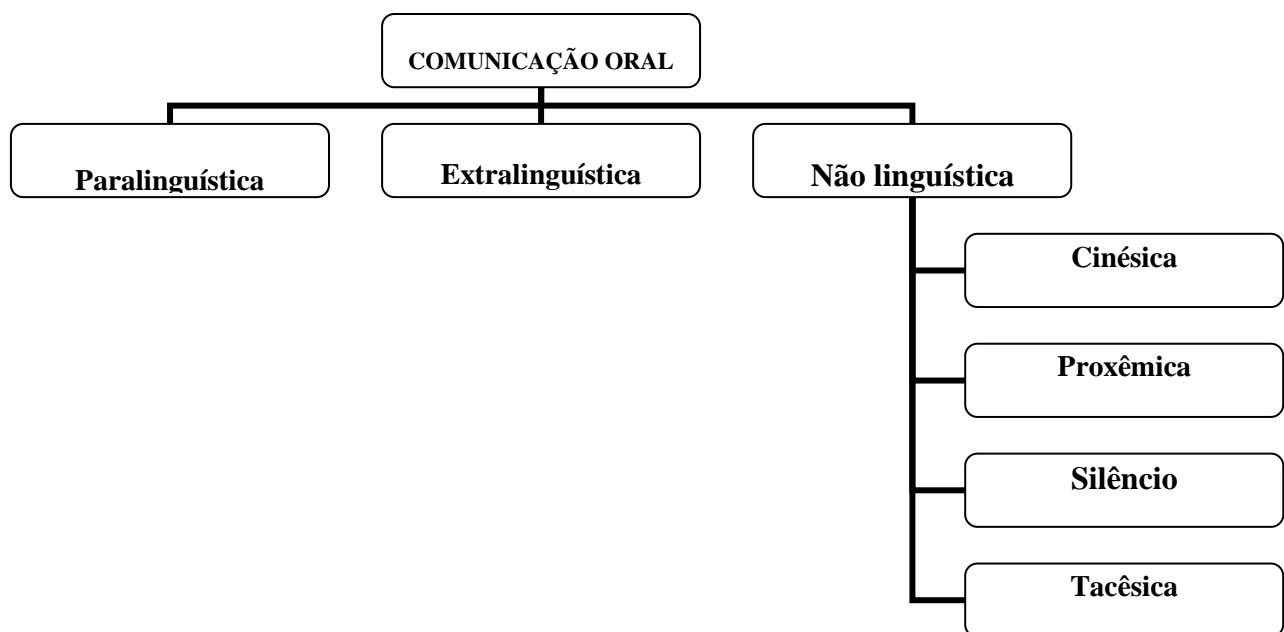


FIGURA 01 - Os canais não-verbais da comunicação oral

Vemos assim que quando se fala em comunicação oral, não podemos pensar apenas num sistema de segmentos sonoros convencionalizados, mas devemos também reconhecer o grande número de categorias não-verbais que exercem uma atividade expressiva que vai além das palavras.

Constatamos, então, que a importância dessas categorias tem sido levantada em estudos sobre a comunicação humana. Eles têm mostrado que as palavras, em uma interação comunicativa, têm apenas relevância indireta, pois a porcentagem de recursos não-verbais é

muito elevada. Como exemplo, temos o estudo de Birdwhistell *apud* Davis (1979) o qual conclui que 65% da comunicação oral se dá por meio dos elementos não-verbais e apenas 35% dela é realizada através de palavras. Rector & Trinta (1985) também indicam que mais de 65% do significado social de uma conversa se deve aos canais de comunicação não-verbal. Estas porcentagens evidenciam que, de fato, falamos com a voz e com o corpo (Dionísio, 2001, p. 17) e não apenas com códigos audíveis convencionalizados.

Nesse sentido, constatamos que o canal não-verbal torna-se um dos recursos da língua que o homem usa para se comunicar, visto que a conversação se realiza quase que totalmente por meio de uma grande quantidade de recursos não-verbais informativos, alheios à palavra, que expressam informações relacionadas tanto aos interlocutores quanto ao contexto comunicativo em que se encontram.

1.4. Considerações Finais

Neste capítulo, buscamos ressaltar as possibilidades da comunicação humana, dentre as quais destacamos os recursos não-verbais utilizados para apoiar a linguagem verbal na efetivação comunicativa. Assim, acreditamos que numa interação não há manifestação puramente linguística, mas também informações não linguísticas e paralinguísticas que acompanham a linguagem verbalizada com o intuito de reforçar a expressividade da fala.

Para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, abordamos dois canais comunicativos, a saber, o verbal e o não-verbal para esclarecermos em qual desses canais a paralinguagem se manifesta. Assim, antes de discorrermos sobre esses efeitos sonoros significativos da língua, buscamos destacar que, no processo de interação comunicativa, há uma variedade de elementos não-verbalizados que trabalham em conjunto com o ato verbal para a transmissão de conteúdos informacionais e interpessoais. A partir da explanação a

respeito da importância desses elementos não-verbais para a eficácia da conversação e para o funcionamento da interação verbal, é que podemos situar o fenômeno da paralinguagem no campo da linguagem não-verbal e tratá-lo de forma mais específica.

CAPÍTULO II

A PARALINGUAGEM

“O discurso falado é capaz de carregar muitas informações implícitas sobre o estado de humor e as intenções do falante, comunicando, assim, informações extralingüísticas e/ou paralingüísticas tanto quanto conteúdo linguístico.”¹¹

(Nick Campbell)

¹¹ Nick Campbell (2002b, p. 01, tradução nossa).

2.1. Considerações Iniciais

Na linguagem falada, a informação linguística é basicamente realizada pelas palavras e por sua organização dentro da sentença. Todavia, os sons da fala são constituídos não apenas por elementos segmentais, mas também por elementos não segmentais que na cadeia sonora contribuem para a efetivação da fala. Várias pistas prosódicas são manifestadas pelos falantes, a fim de fornecer informações pessoais, tais como idade, localidade de origem, sexo, estado de saúde, atitude e intenção, bem como seu estado emocional (Mozziconacci, 1998; Campbell, 2002a; Schötz, 2002b).

Esses aspectos da fala, que não pertencem ao código linguístico convencional¹², são significativos e importantes na comunicação falada, visto possibilitarem ao ouvinte ‘*listening between the line*’¹³ (Campbell, 2002a) e decodificar a informação pretendida numa mensagem falada. Desse modo, tais aspectos assumem um papel importante na construção do sentido no discurso falado, ao contribuir efetivamente para a expressão de informação sobre o falante.

A manifestação dessas informações no sinal da fala é chamada de fenômeno da paralinguagem, o que significa dizer que na expressão oral da língua podemos verificar a existência de dois canais – um lingüístico e um paralingüístico. O primeiro é responsável pela expressão de mensagens usando os signos convencionais da linguagem e, o segundo, pela informação extra, aquela que leva o ouvinte a obter conhecimento sobre a personalidade e as intenções do falante num determinado contexto discursivo.

Nesse sentido, apresentaremos, inicialmente, algumas das definições do fenômeno da paralinguagem, destacando as informações postuladas por estudiosos das ciências da linguagem e das ciências tecnológicas. Além de esboçarmos uma resenha sobre as definições,

¹² Esses aspectos da fala não são considerados parte do código linguístico convencional por não terem uma estrutura linguística propriamente dita (Schötz, 2002a).

¹³ “Ouvir as entrelinhas”. (cf. Campbell, 2002b).

descreveremos, também, a (s) função (ões) atribuída (s) ao fenômeno, bem como destacaremos as propriedades da fala que promovem a expressão da paralinguagem durante a manifestação oral de um falante. Finalmente, discorreremos sobre a relevância da paralinguagem para a efetivação da comunicação humana e para os estudos fonéticos.

2.2. Definição

A definição do que é paralinguagem é um assunto bastante discutido por pesquisadores que estudam a oralidade. Não há ainda um consenso que defina precisamente o termo. Alguns estudiosos chegaram a referir-se a ela como informação extralinguística ou não-linguística (Schötz, 2002a, 2002b), para tentar abarcar a série de aspectos que esse termo engloba.

Rector & Trinta (1985), por exemplo, afirmam que a paralinguagem é uma atividade comunicativa não-verbal que acompanha o ato verbal em uma conversa. Para os autores, os elementos paralinguísticos formam parte da interação própria da conversação. Desse modo, não fazem parte da paralinguagem aqueles fenômenos que não comunicam, tais como o espirro, o pigarrear, a tosse e o cacoete nervoso.

Corraze (1982) *apud* Silva (2005) esclarece que a paralinguagem engloba os fenômenos referentes às modalidades de voz, tais como variação de altura, intensidade, ritmo, entre outros. De acordo com o autor, são exatamente essas propriedades prosódicas que fornecem informações sobre o estado emotivo do locutor. Werner e Keller (1994), por sua vez, argumentam que o fenômeno da paralinguagem inclui as vocalizações não-verbais, como as onomatopéias e certas interjeições, bem como os estilos de fala que fazem um enunciado expressar emoções, como raiva, medo, alegria, tristeza, e outros.

Trager (1964) *apud* Eco (1991) classifica como paralinguísticos todos os ruídos que não possuem uma estrutura linguística propriamente dita. Dentre esses ruídos destacam-se:

- (i) As qualidades vocais: o tipo de controle dos lábios ou da glote, o peso ou a leveza da respiração, a ressonância, o tempo, e outros;
- (ii) As vocalizações, de onde se distinguem: a) os caracterizadores vocais, como o riso, o choro, o gemido, o resmungo, o arrotado, o grito, o sussurro, entre outros; b) os qualificadores vocais, tais como a intensidade e a altura do som. Aí entram a entoação, os sons e o acento. Essas características são, por vezes, usadas como acompanhamento da expressão linguística para efeitos expressivos; e, por fim, c) o que Trager chamou de “vocal segregate”, traduzido no Português para “segredos vocais”. Trata-se de vocalizações que funcionam como atos de fala completos, (*mhm*, *ãn* e outros), apesar de não serem considerados palavras. Enfim, para este autor, pode ser usado paralinguisticamente todo item sonoro que o falante possa controlar, e, portanto, usar intencionalmente para determinadas finalidades.

Segundo Schötz (2003), a paralinguagem abarca todos os aspectos da fala que não pertencem ao código linguístico convencional, mas que são significativos e importantes na comunicação falada, visto que carregam informações sobre as intenções e emoções do falante. Campbell (2002a, 2002b e 2003) parece compartilhar com essa autora quando salienta que o fenômeno paralinguístico detalha as informações relacionadas ao estado emotivo do falante. Para o autor, em particular, os aspectos paralinguísticos, independentemente dos fonemas que compõem as palavras, demonstram sentimentos, características da personalidade, atitudes, formas de relacionamento interpessoal e autoconceito. Esses sinais são fornecidos pelo ritmo da voz, intensidade, entonação, grunhidos, ruídos vocais de hesitação, tosses provocadas por tensão, suspiro, e outros.

Steimberg (1988) argumenta que a paralinguagem é entendida como todo e qualquer som produzido pelo aparelho fonador que acompanha a cadeia da fala nos atos de comunicação, mas não pertence ao sistema sonoro da língua. Para a autora, a fala é repleta de elementos paralinguísticos que contribuem significativamente para a fluência da comunicação.

A respeito da definição de paralinguagem, Key (1958) *apud* Steimberg (*op. cit.*) define o fenômeno como a ausência de atividade no aparelho fonador ou, até mesmo, uma modificação nesse aparelho. São incluídos nessa definição todos os sons e ruídos não-linguísticos que, de alguma forma, comunicam. A autora postula ainda que a paralinguagem pode ser considerada como um gesto sonoro e que, por isso, não pode ser separada da cinésica, visto que “[...] a comunicação [...] emotiva e a de atitude têm na paralinguagem e na cinésica o seu canal de comunicação [...]” (*op. cit.*, p. 05).

Nesse sentido, cinésica e paralinguística seriam fenômenos não-verbais que não deveriam ser estudados separadamente. Todavia, em nosso trabalho, não estudaremos os elementos cinésicos ou outras manifestações corporais que por ventura acompanhem a enunciação verbal. Interessa-nos levar em consideração apenas os elementos não-lexicalizados que acompanham a mensagem segmentada da língua.

Outras definições como as de Dionísio & Hoffnagel (1996) e de Fávero, Andrade & Aquino (2003), classificam a paralinguagem como a manifestação não-verbal de gestos, movimentos corporais, risos, olhares e gestos, categorizando-a, assim, como todo tipo de elemento não-verbal de natureza não-vocálica que acompanha o ato verbal. Entretanto, essas autoras não incluem nessa classificação as modalidades de voz, como modificações de altura, intensidade, ritmo e outros que também fornecem informações sobre o estado afetivo do locutor. Dessa forma, as autoras entendem por paralinguagem as estratégias executadas pela várias partes do corpo humano, se diferenciando de outras definições, conforme vimos neste

capítulo. Outros estudos sobre os fenômenos talvez usem a mesma definição para o termo, entretanto, em nosso trabalho levamos em conta aquelas que entendem os aspectos paralinguísticos como fenômenos vocais que não pertencem ao código convencional da língua, mas que são significativos e importantes para a efetivação da linguagem oral. (cf. Schötz, (2002a, 2002b, 2003), Campbell, (2002a, 2002b); Traunmüller, (2000).

A partir do que vimos acima, é possível compreendermos a paralinguagem como um conceito que se aplica às modalidades de voz (que se definem em modificações de altura, intensidade, ritmo, e outros.) que fornecem informações sobre o estado emotivo do locutor, e ainda outras emissões vocais que se constituem em enunciados não-lexicalizados (cf. Ward, 2004). Essa categoria fornece ao ouvinte uma informação adicional convertida pela prosódia ou pela qualidade de voz, o que garante o papel inquestionável destes na comunicação falada. Ao assumir o caráter de informação paralinguística, ambas propriedades realçam as intenções pretendidas pelo falante (Campbell (2003), sem a necessidade de estas serem lexicalmente proferidas.

2.3. Função

A respeito da paralinguagem e da informação que esta carrega na fala, há muitas considerações na literatura da área, especialmente acerca dos aspectos que devem ser considerados ou não paralinguísticos. Para a maioria dos estudiosos, esses aspectos são tipicamente uma combinação de propriedades perceptualmente distinguidas numa interação comunicativa.

Conforme Mozziconacci (1998, p. 02):

“[...] Speech does not only convey the content of the message formulated in a language, it also provides information concerning, among others, the identity of the speaker, his or her gender, age, regional background. It also contains information about the speaker’s state of health and emotional state, and his or

her attitude towards the speaker, the situation and the topic of conversation [...]¹⁴

Para a autora, além do canal verbal, o sinal da fala também tem um canal paralingüístico cuja função é converter a expressão de atitude e de emoção, bem como contribuir para a identificação do falante.

Schötz (*op. cit.*) parece apresentar uma visão similar a de Mozziconacci (*idem*) ao argumentar que a fala contém informações pessoais sobre o falante, marcando suas diferenças fisiológicas e acústicas de outros. Dessa maneira, “Natural (human) speech is not purely linguistic, but also contains information about the speaker’s age, attitude, emotions, etc. This is called paralinguistic information [...]”¹⁵ (Schötz, 2002b, p. 01)

De acordo com Schötz (20021a, 2003), Traunmüller (*op. cit.*) e Belin *et al.* (2004), a paralinguagem apresenta duas diferentes funções:

- (i) Fisiológica: promove informações orgânicas (saúde, patologias) e anatômicas na voz (sexo, altura, peso, e outros);
- (ii) Expressiva: informa o estilo de fala, a emoção e as atitudes do falante.

Assim, todos os tipos de informação que possam ser convertidos na comunicação oral, sejam eles relacionados à condição física do falante ou ao seu estado emocional ou mental, seriam considerados informações paralingüísticas.

Por outro lado, há outros autores como, Campbell (2002b, 2003 e 2004), Maekawa (2004) e Fujie *et al.* (2004), Hoult (2004) que postulam que a paralinguagem tem apenas a

¹⁴ “A fala não produz apenas o conteúdo segmental formulado na língua, ela também produz informações sobre idade, sexo, e sotaque do falante. Além disso, ela também expressa informações sobre os estados de saúde e emocional do falante, bem como sua atitude em relação ao tópico conversacional.” (Mozziconacci 1998, p. 02, tradução nossa).

¹⁵ “A fala natural (humana) não é puramente linguística, ela também contém informações sobre a idade, atitudes e emoções do falante. Estas informações são chamadas de paralingüísticas.” (Schötz, 2002b, p. 01, tradução nossa).

função expressiva e que as informações vocais que identificam características físicas e patológicas do locutor são extralinguísticas ou não-linguísticas.

Roach *et al.* (1999) *apud* Schötz (2003, p. 08) parecem concordar com esses autores ao argumentar: “Paralinguistic features are defined [...] as those used intentionally by the speaker, and non-linguistic features as those that cannot be used intentionally, including age, sex, physical condition etc [...]”¹⁶.

Para Campbell (2002a, p. 01), em particular, é preciso esclarecer que: “[...] extra linguistic content such as sex, age, and condition of the speaker may be obvious from the speech, but these aspects are not usually considered to be part of the message [...]”¹⁷

A esse respeito, Maekawa (*op. cit.*) também salienta que a informação paralinguística, assim como a mensagem linguística, é produzida voluntariamente e, por isso, difere da informação não linguística da fala, pois esta não é expressa por vontade própria do locutor.

Assim, todas as manifestações não intencionais seriam consideradas não-linguísticas ou extralinguísticas, e, aquelas que convertem a expressão de emoção e atitude na fala seriam denominadas paralinguísticas.

A respeito da intencionalidade da informação paralinguística, Quast (2001) afirma que o canal paralinguístico tem a função primordial de carrear informações sobre mudanças momentâneas, que podem ocorrer num curto espaço de tempo, tal como a expressão de emoções e de atitudes. Isso significa que a mudança no tom de voz ou as variações prosódicas podem ocorrer a todo instante numa dada situação comunicativa, promovendo a expressão de diferentes sentimentos e atitudes. Tal mudança é provocada pelo estado emocional do falante, que pode ser intencionalmente modificado por razões externas ou internas. A expressão vocal

¹⁶ “As propriedades paralinguísticas são definidas [...] como aquelas expressadas intencionalmente pelo falante; e as propriedades não-linguísticas, são aquelas que não são expressas intencionalmente, tais como idade, sexo e condição física do falante.” (Roach *et al. apud* Schötz (2003, p. 08), tradução nossa).

¹⁷ “[...] Conteúdos extralinguísticos, tais como sexo, idade, e condição física do falante são obviamente percebidos na fala, todavia, esses aspectos não são, geralmente, considerados partes da mensagem [...]”. (Campbell (2002a, p. 01), tradução nossa).

desses sentimentos é percebida pelos ouvintes como indicadores do humor, passível de alterações, do falante (Mozziconacci, 1998).

Como podemos ver, há algumas divergências entre os estudiosos da área no que diz respeito à (s) função (ões) da paralinguística na fala. Todavia, a maior parte dos trabalhos realizados referendados em nosso estudo – Campbell (2002a, 2002b, 2003, 2004), Maekawa (*op. cit.*), Fujie *et al.* (*op. cit.*), Houlst (*op. cit.*), Silva (2005) e Gomes (2003) tratam o fenômeno como caracterizador da fala expressiva, ou seja, a paralinguagem contribui para a expressão de sentimentos, atitudes e emoções. Por isso, em nosso trabalho, usaremos o termo para denotar apenas a informação expressiva da fala (de emoção e de atitude).

2.4. Propriedades

Como um canal não-verbal, a paralinguagem é sinalizada pela prosódia, pela qualidade de voz e pelo tom de voz, conforme mostraremos a seguir:

a. Prosódia

De acordo com Schötz (2003), Mozziconacci (1998) e Werner & Keller (1994), a prosódia apresenta função linguística, visto que afeta a identidade linguística ou o significado da mensagem sinalizada na fala; e função paralinguística, que na opinião das autoras, consiste em informar características específicas do falante e outros fatores tais como a expressão de emoções e intenções, por exemplo. Podemos observar no esquema abaixo a relação entre a prosódia e os dois canais em foco:

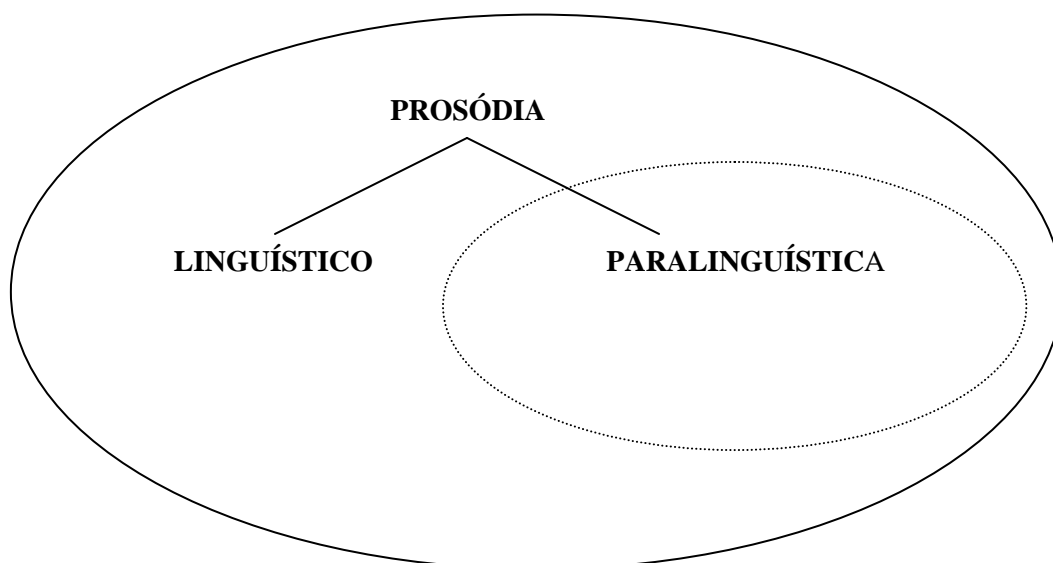


FIGURA 02 - As funções da prosódia.

Assim, como a prosódia pode sinalizar informações em dois canais diferentes da linguagem (um verbal e outro não-verbal), acreditamos, então, que ela funciona como uma categoria maior que pode promover as informações necessárias sobre os participantes e o contexto de fala, modificando os enunciados de acordo com as necessidades comunicativas dos mesmos.

Sobre a paralinguística, especificamente, Schötz (*op. cit.*, p. 11), postula que esse canal consiste numa subcategoria não-verbal sinalizada pela prosódia, servindo-se de propriedades desta para ser expressa na fala. Assim, esse fenômeno envolve uma série de recursos prosódicos, tais como, intensidade, entoação, velocidade de fala, ritmo, duração e outros, nos quais estão implícitos outros que, naturalmente, aparecem no âmbito da linguagem falada, como pausas, sons onomatopaicos, interjeições, timbre vocal, e outras emissões vocais não lexicalizadas produzidas pelo aparelho fonador. Cada uma dessas propriedades contribui para a fluência da fala, propiciando realce semântico ao significado de uma mensagem articulada.

Nesse sentido, podemos concluir que os aspectos prosódicos, tão pouco incluídos nas análises fonéticas, fazem parte da própria essência da fala. Eles possibilitam que a língua não seja apenas uma seqüência vazia de palavras, mas também a expressão de idéias, de conceitos, dos estados mental e emocional do falante, bem como de suas atitudes em relação ao (s) seu (s) interlocutor (es) ou ao contexto conversacional em que se encontra (Campbell (2003,2004); Maekawa (2004)).

b. Qualidade de voz

Hoult (2004) e Fujie *et al.* (2004) salientam que a paralinguagem também é sinalizada pela qualidade vocal. Esse parâmetro articulatório é atribuído como uma peculiaridade individual, pois depende da articulação sonora de cada falante. Assim, podemos reconhecer diferentes tipos de qualidades vocais já estabelecidas pela literatura linguística, como: voz velarizada, voz palatalizada, *creaky voice*, falseto e outros. Esses traços se inscrevem como características da fala, não relacionadas à prosódia, que distinguem um falante do outro.

A qualidade de voz é um efeito secundário na cadeia da fala, por isso, é considerado um fator problemático na transcrição fonética. As modificações articulatórias nos segmentos verbais provocadas por ela podem confundir os resultados físicos dos dados analisados numa descrição linguística, desse modo, esse parâmetro é, geralmente, considerado como um fator independente na análise fonética (Cagliari & Cagliari, 2001).

Em adição às propriedades prosódicas, a qualidade de voz parece emergir como um importante contribuidor para a manifestação paralinguística na fala (Campbell, 2002a, 2002b). Nesse sentido, a análise desse parâmetro articulatório contribuiria, de forma significativa, para a descrição dos efeitos expressivos do fenômeno da paralinguagem.

c. Tom de voz

Para Campbell (2002b), a paralinguagem é também sinalizada pelo tom de voz utilizado pelo falante. De acordo com o autor, essa propriedade vocal pode ser utilizada de forma bastante distinta pelo falante quando este deseja provocar um efeito específico sobre seu ouvinte, para tanto, ele pode usar diferentes tons de voz e, assim, expressar uma variedade de significados. A respeito do tom de voz, Cagliari (1993) também observa que os interlocutores sabem como agir diante da maneira como um enunciado é proferido. Para ele, o tom de voz tem um importante papel na fala.

Silva (2000) também postula que os falantes de uma língua fazem uso de certos traços articulatórios para expressar significados específicos. A autora chama esses traços de traços paralinguísticos, freqüentemente entendidos pelo falante como tons de voz. Desse modo, os usuários da língua podem usar uma voz chata, sussurrada, arrogante, alegre ou charmosa para transmitir sentidos específicos.

Para Campbell (*op. cit.*), a polidez, a suavidade, a força, a dureza, entre outros, são marcas da fala expressiva concretizadas pelo tom de voz. Além disso, o autor também afirma que os falantes de uma língua podem perceber a genuína emoção pelas perceptíveis diferenças não só na prosódia, mas também no tom de voz.

Nesse sentido, o tom de voz também contribui para a manifestação paralinguística na fala numa dada situação comunicativa, informando as diferenças expressivas no que diz respeito às atitudes, às opiniões e às emoções do falante em relação ao seu interlocutor ou ao tópico discursivo. Assim sendo, essa propriedade sonora revela-se importante para a manifestação das intenções comunicativas do falante, contribuindo de forma efetiva para a manifestação expressiva da linguagem.

2.5. Relevância

Em vista de a paralinguagem constituir-se num comportamento não-verbal audível (Steimberg, 1988), inevitavelmente convocada nos eventos de fala, compreendemos que ela não pode ser desprezada na análise do processo de comunicação oral, particularmente porque esse fenômeno torna a fala mais expressiva e pessoal (Campbell, 2003). Desse modo, no estudo da fala espontânea, não podemos deixar de reconhecer esse fenômeno comum à interação verbal.

Alguns estudos, como o de Mehrabian e colaboradores *apud* Hoult (2004), demonstram que o índice de participação dos canais não-verbais de comunicação em uma interação face a face é muito elevado. De acordo com esses autores, 55% da comunicação oral se dá por meio de comportamentos não-verbais, como movimentos corporais e expressões faciais; 38% é tributável à informação paralinguística; e apenas 7% é realizado por meio de palavras. Estudos posteriores, como o de Campbell (informação verbal¹⁸) postulam que 50% da comunicação humana é realizada por intermédio de elementos não-verbais, dentre os quais dão destaque para a paralinguagem, incluindo as qualidades vocais (os tons de voz), as variações prosódicas, e todos os itens não lexicalizados. Isso nos leva a crer que numa interação verbal a relevância das palavras é indireta, visto que grande parte da comunicação é realizada por elementos não verbalizados.

Como um canal não-verbal vocal, a paralinguística envolve uma série de emissões sonoras que não estão na ordem da mensagem articulada, tais como: entoação, modulação, acentuação, intensidade, ritmo, interjeições, sussurros, grunhidos e outros (Gomes, 2003), que possibilitam ao ouvinte a compreensão dos enunciados (palavras ou não) e carregam

¹⁸ Conclusão fornecida por Nick Campbell no VII Encontro IFNOPAP: navegando entre os rios e a floresta, em Cametá, em agosto de 2002.

sentimentos e afetos do falante revelados no ato da enunciação. Desse modo, os elementos paralinguísticos sobrepõem o significado literal das palavras, visto que são justamente as diferenças de emissão sonora que determinam a natureza intencional das sentenças e possibilitam a compreensão do que se quer dizer.

A paralinguagem constitui-se, assim, num fenômeno essencial para a manifestação da fala expressiva, pois é ela que possibilita ao falante usar diferentes formas de pronunciar palavras e frases, produzir sons significativos e fornecer tantas outras pistas prosódicas que contribuem significativamente para a expressão não apenas de idéias, mas, de igual modo, sentimentos nas interações comunicativas interpessoais (Campbell, 2002b).

2.6. Considerações finais

Neste capítulo, abordamos o fenômeno da paralinguagem por meio das discussões sobre a definição dessa manifestação na fala, especialmente no que diz respeito a que elementos não-verbais deve ser aplicado tal termo. Além dessa questão, também vimos que há divergências na área dos estudos fonéticos sobre que funções a paralinguagem desempenha na fala.

Em relação às funções atribuídas ao fenômeno, destacamos os pressupostos de alguns estudiosos que identificam a paralinguagem como caracterizadora da fala expressiva e outros que consideram que sua função seja a de imprimir a identificação pessoal do falante, no que diz respeito à informação da idade, do sexo, do sotaque e de problemas de saúde, bem como a revelação de estados emotivos. Destacamos essas opiniões divergentes sobre a função da paralinguagem na fala, a fim de esclarecermos que, em nosso estudo, trataremos a paralinguagem como um fenômeno específico da fala expressiva, discordando, assim, de alguns dos pesquisadores citados.

Apresentamos também as propriedades fonéticas que imprimem os efeitos paralinguísticos: a prosódia, a qualidade de voz e o tom de voz. Abordamos estas três propriedades por conta da necessidade de esclarecermos como se processa a manifestação paralinguística no sinal da fala. Além disso, precisamos destacá-las por que em nosso estudo realizaremos uma análise de propriedades prosódicas dos dados paralinguísticos focalizados, o que descreveremos no quarto capítulo.

Por fim, tratamos da relevância da paralinguagem para a naturalidade do discurso falado, o que justifica a necessidade desse fenômeno ser devidamente incorporado às análises linguísticas realizadas pelos foneticistas e analistas da oralidade em geral.

Este capítulo resume, de forma geral, a tentativa de destacarmos as considerações que têm sido feitas sobre a paralinguagem, bem como esclarecermos como se dá a manifestação e o funcionamento desse fenômeno na cadeia da fala. Acreditamos que a abordagem sobre esse canal de comunicação poderá contribuir de maneira significativa para o esclarecimento da produção da fala expressiva, objeto maior neste estudo.

CAPÍTULO III

ROTEIRO METODOLÓGICO

“Talvez o maior perigo encarado pelo pesquisador que deseja transcrever material de fala seja a alta complexidade de tal tarefa.”¹⁹

(Peter Roach)

¹⁹ Peter Roach (2000, p. 05, tradução nossa).

3.1. Considerações Iniciais

Neste capítulo, esboçamos os procedimentos metodológicos adotados para a produção deste trabalho. Mostraremos, inicialmente, o estudo piloto realizado com os dados de Cruz (2000) e Cruz *et al.* (2004a) e Cruz e Bulhões (2004b), que serviu para a formação de um modelo de anotação para os dados paralinguísticos e para as primeiras observações sobre o fenômeno.

Posteriormente, apresentaremos o processo de coleta, de digitalização, de organização e de transcrição dos dados. Finalmente, mostraremos os procedimentos analíticos adotados para a análise quantitativa e qualitativa dos elementos paralinguísticos.

Faremos, pois, um panorama do processo de feitura deste trabalho, visando contribuir para um melhor esclarecimento do mesmo.

3.2. O *corpus* analisado

Em nosso estudo, utilizamos, inicialmente, dados que compõem o *corpus* do banco de dados do PB de Cruz (*op. cit.*) Cruz *et al.* (*op. cit.*) e Cruz e Bulhões (*op. cit.*), o qual é representativo de três variedades linguísticas do português: o português da Amazônia (AM)²⁰ e o português afro-brasileiro (ABP)²¹, que caracterizam duas variedades regionais do português falado no interior da Amazônia paraense.

Na sua totalidade, o *corpus* compreendia mais de 30 horas de gravação, entretanto, devido a problemas técnicos, como falhas na leitura dos CDs, por exemplo, não foi possível

²⁰ Coletado por TRINDADE, Regina. *O som da fala dos pescadores de Cametá*. Mémoire de Máster du Département de Linguistic de L'Université Fédérale du Santa Catarina (Brésil), 1992.

²¹ Coletado entre 1992-1996 por CRUZ, Regina. *Analyse phonologique et acoustique du portugais parlé par des communautés noires de l'Amazonie (Brésil)*, Tese de Doutorado, Université de Provence, 2000. 266 p.

utilizarmos todo o material selecionado. Por isso, aproveitamos para a transcrição apenas 20 fragmentos²² do *corpus* disponível, considerados de ótima qualidade sonora²³, dos quais foi extraído um total de 57 elementos paralinguísticos, conforme a tabela abaixo:

Ordem	Locutores na situação de fala	Duração do fragmento	Fragmento	Sinal sonoro de origem ²⁴	Ocorrências de elementos paralinguísticos
1	2	47''	Am45ctcdmci01	AmBJrCI45j	3
2	2	21''	Am45ctcdmci02	AmBJrCI45j	2
5	2	34''	Am45ctcdmci03	AmBJrCI45j	3
6	2	45''	Am45ctcdmci04	AmBJrCI45j	3
7	2	41''	Am45ctcdmci05	AmBJrCI45j	6
8	2	50''	Am45ctcdmci06	AmBJrCI45j	2
9	2	19''	Am45ctcdmci07	AmBJrCI45j	6
10	2	1'31''	Am45ctcdmci08	AmBJrCI45j	3
11	2	14''	Am45ctcdmci09	AmBJrCI45j	2
12	2	31''	Am45ctcdmci10	AmBJrCI45j	1
13	2	22''	Am45ctcdmci11	AmBJrCI45j	2
14	2	09''	Am45ctcdmci12	AmBJrCI45j	2
3	3	46''	Am45ctgbmci01	AmBJrCI45j	4
4	3	1'16''	Am45ctgbmci02	AmBJrCI45j	5
17	3	1'03''	Am46ctprmci01	AmBJrCI46j	1
20	2	1'03''	Cna10L4t78	ABPME28b	2
16	2	1'11''	abpvmhci2	Sem sinal	1
18	2	2'29, ''	Amcmefrc01	Sem sinal	5
19	2	2'35''	Amcprmcr04	Sem sinal	3
TOTAL					57

TABELA 02 - Características dos fragmentos sonoros que compõem o *corpus* definitivo usado inicialmente.

²² Um fragmento consiste em turnos de fala de dois locutores.

²³ Cruz (2000b), antes do processo de digitalização, procedeu a um inventário das cassetes de áudio, o que lhe permitiu classificar as gravações em três categorias de acordo com sua qualidade sonora. As tomadas de gravação foram, assim, classificadas como: (i) de ótima qualidade sonora (tomadas de gravação cujas situações de fala são consideradas apropriadas para um estudo de fala espontânea e que não apresentam interferência de barulho externo); (ii) bom (tomadas de gravação cuja utilização para análise acústica é duvidosa); e (iii) ruim (tomadas de gravação inutilizáveis para um estudo acústico).

²⁴ Sinal sonoro é uma unidade de análise que corresponde a tomadas de gravação em situação de fala espontânea, como entrevistas, conversas informais, reuniões em comunidade, entre outros. É uma noção meramente técnica, uma vez que compreende o intervalo de tempo entre os momentos quando o gravador é acionado e desligado, ou seja, um sinal sonoro corresponde a uma gravação feita sem interrupção (Cruz 2000b).

Nesse total de ocorrências, encontramos apenas 9 (nove) tipos²⁵ de elementos paralinguísticos, número bastante reduzido e insatisfatório para o nosso estudo da fala expressiva. Por isso, preterimos esses dados sonoros e partimos para a formação de um novo *corpus* com amostragem maior e mais variadas ocorrências de elementos paralinguísticos.

Para a formação de um novo *corpus*, levamos em consideração as idéias postuladas por Campbell (2003, 2004) cujo trabalho registra que o estudo da fala expressiva necessita de um *corpus* de análise produzido em situações de interação familiar²⁶, haja vista tais situações propiciarem a produção da informação paralinguística. De acordo com o autor, a proximidade afetiva dos falantes torna a fala mais expressiva, visto que os efeitos da paralinguagem são mais acentuados quando a conversação se torna mais pessoal.

Nesse sentido, foi formado um *corpus* a partir das interações comunicativas provindas de relações cotidianas familiares de modo que fosse possível captar informações paralinguísticas presentes na fala expressiva.

No processo de formação do *corpus* foram adotados os seguintes procedimentos:

(I). Captação dos dados para análise

- **Seleção de informantes:**

Os informantes selecionados são todos residentes num bairro urbano da cidade de Capanema²⁷, sede do Distrito de Capanema²⁸. Escolhemos esta cidade por conta de dois motivos: (i) o primeiro diz respeito ao objetivo maior do trabalho que consiste em

²⁵ As 57 ocorrências se distribuem em apenas 9 tipos de emissões paralinguísticas

²⁶ Entendemos por interação familiar as situações de conversação diárias entre pais, filhos, irmãos, parentes e amigos próximos.

²⁷ Município localizado no Nordeste paraense situado a 148 km de Belém.

²⁸ O Distrito de Capanema é formado pelo município de Capanema e pelas localidades próximas, Mirasselas, Tauari e Curral Velho.

analisar elementos paralinguísticos do português espontâneo falado no Pará; (ii) o segundo está relacionado à facilidade de acesso ao ambiente familiar dos informantes.

Como se tratavam de parentes da pesquisadora e membros de uma só família – constituída de pais, irmãos, cunhados, cunhadas e sobrinhos – tivemos livre acesso a interações verbais hodiernas dos informantes, bem como obter permissão para o uso das gravações²⁹.

- **Observação de campo**

Antes da coleta de dados, sentimos necessidade de verificar em que tipo de interação conversacional os falantes produziam um maior número de variações paralinguísticas. Neste primeiro momento, percebemos que as conversas informais sobre fofocas, as discussões em que conflitavam pontos de vista diferentes e as novidades sobre membros da família e/ou amigos em comum são fontes de produção das mais variadas expressões paralinguísticas;

- **Coleta de dados**

Coletamos os dados em fitas cassete a partir das quais foram adquiridas 12 horas de gravação. Fizemos a gravação em dois fins de semana dos meses de setembro e outubro de 2005. Neste segundo momento, usamos o gravador escondido³⁰ na maioria das gravações, para que pudéssemos captar situações naturais de conversação e um maior

²⁹ Ressaltamos que em algumas das conversas gravadas houve participação da pesquisadora.

³⁰ Solicitamos posteriormente a devida autorização dos informantes para utilização do corpus neste trabalho. Além disso, na transcrição foram omitidos os nomes dos informantes.

número de elementos paralinguísticos. Nesta coleta, gravamos conversas ocorridas durante refeições, afazeres domésticos e reuniões de fim de tarde.

(II). Digitalização dos dados

Para a análise acústica e a documentação do material linguístico de forma segura, submetemos os dados a um processo de digitalização por meio do programa SOUNDFORGE³¹. Este programa possibilita o tratamento e o armazenamento adequados dos dados sonoros para posterior análise.

Do total de 12 (doze) horas gravadas, eliminamos todas as seções conversacionais consideradas de qualidade sonora insatisfatória³² e aquelas que não apresentaram elementos paralinguísticos, de modo que digitalizamos apenas 8 (oito) horas. Desse total final de horas digitalizadas, foram extraídas 2h1m83s, que correspondem a 83 (oitenta e três) seções conversacionais chamadas aqui de fragmentos de fala. Cada fragmento apresenta turnos de fala³³ de dois ou mais interlocutores e se resume a um tópico conversacional³⁴. Alguns dos fragmentos que utilizamos se constituem em uma continuação do tópico conversacional travado no fragmento anterior³⁵.

Atribuímos aos fragmentos codificações nas quais são disponibilizadas as informações contextuais do *corpus*: variedade linguística, localidade, situação de fala, lado da fita, qualidade de gravação e número de ordem, conforme anotação sugerida por Cruz (2000).

³¹ Disponível em: <http://www.sonymediasoftware.com/>

³² Consideramos de qualidade insatisfatória as seções conversacionais que apresentavam muito barulho externo.

³³ Entendemos por turno de fala qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão (cf. GALEMBECK, Paulo de T. *O turno conversacional*. In: PRETTI, Dino (org.). *Análise de textos orais*: Projeto de estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). São Paulo: FFLCH/USP, 1993.p. 55-79.

³⁴ Compreendemos por tópico conversacional aquilo acerca de que se está falando (cf. FÁVERO, L. *O tópico discursivo*. In: PRETTI, Dino (org.). *Série projetos paralelos*: v.1. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 33-53.

³⁵ Fragmentamos alguns trechos de fala em dois ou mais fragmentos por conta de sua longa duração. Adotamos esse procedimento devido à necessidade de facilitar a transcrição no programa de análise PRAAT utilizado em nosso estudo. Desse modo, temos mais de um fragmento que trata do mesmo tópico conversacional.

Apresentamos abaixo uma figura que exemplifica esse modelo de codificação:

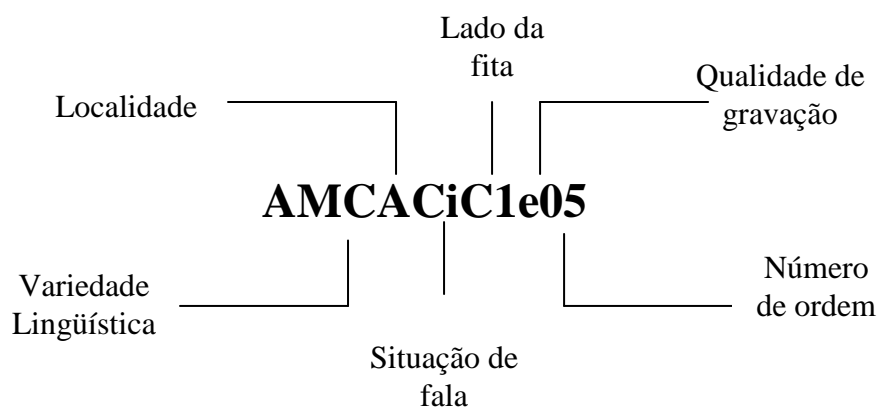


FIGURA 03 - Padrão de codificação dos fragmentos de fala utilizados no *corpus*.

As informações contidas no código de identificação dos fragmentos de fala de nosso *corpus* se referem a:

- (i) Variedade linguística: Português Regional Amazônico (AM);
- (ii) Localidade: Capanema (CA);
- (iii) Situação de fala: Conversa informal (Ci);
- (iv) Lado da fita: A1, A2, B1, C1, C2 e D1;
- (v) Qualidade de gravação: Excelente (e) ou Bom (b)
- (vi) Número de ordem: numeração progressiva indicada de acordo com o lado da fita.

Após o processo de digitalização e codificação, chegamos à formação final do *corpus* utilizado em nosso estudo. A tabela abaixo resume as principais características dos dados digitalizados:

Nº de ordem	Fragmento de fala	Duração	Nº de locutores envolvidos	Ocorrências de elementos paralinguísticos
01	AmCaCiA1e01	3'01"	2	6
02	AmCaCiA1e02	1'14"	2	3
03	AmCaCiA1e03	2'25"	2	4
04	AmCaCiA1e05	56"	2	1
05	AmCaCiA1e06	2'16"	2	7
06	AmCaCiA1e07	1'41"	2	1
07	AmCaCiA1e08	1'54"	2	2
08	AmCaCiA1e09	32"	2	2
09	AmCaCiA1e10	3'49"	2	6
10	AmCaCiA1e11	4'00	2	11
11	AmCaCiA1e12	2'11"	2	1
12	AmCaCiA1e14	40"	3	4
13	AmCaCiA1e15	1'00	2	1
14	AmCaCiA1e16	58"	2	2
15	AmCaCiA1e18	1'17"	2	4
16	AmCaCiA2e01	3'43"	2	3
17	AmCaCiA2e02	3'37"	2	4
18	AmCaCiA2e03	3'01"	2	3
19	AmCaCiA2e04	1'48"	2	2
20	AmCaCiA2e05	3'18"	3	7
21	AmCaCiA2e07	49"	2	2
22	AmCaCiA2e09	2'17"	2	1
23	AmCaCiA2e10	50"	2	2
24	AmCaCiA2e12	1'13"	2	2
25	AmcaCiB1e03	36"	4	1
26	AmcaCiB1e04	1'30"	4	7
27	AmcaCiB1e05	1'35"	3	15
28	AmcaCiB1e06	1'38"	2	5
29	AmcaCiB1e07	1'52"	2	11
30	AmcaCiB1e09	1'50"	3	4
31	AmcaCiB1e10	1'18"	2	2
32	AmcaCiB1e11	1'47"	4	7
33	AmcaCiB1e12	44"	4	1
34	AmcaCiB1e13	2'25"	4	8
35	AmcaCiB1e14	1'03"	4	8
36	AmcaCiB1e15	2'20"	4	7
37	AmcaCiB1e16	3'05"	2	9
38	AmcaCiB1e17	2'53"	3	14
39	AmcaCiB1e18	3'38"	2	10
40	AmcaCiB1e19	1'46"	3	7
41	AmcaCiB1e20	2'32"	2	8
42	AmcaCiB1e22	1'57"	2	4
43	AmcaCiB1e23	1'45"	2	6
44	AmcaCiB1e24	1'36"	2	6
45	AmcaCiB1e26	1'38"	2	8

46	AmcaCiB1e28	40''	2	1
47	AmcaCiC1b01	1'00	2	4
48	AmcaCiC1e02	1'47''	4	6
49	AmcaCiC1e03	1'05''	4	5
50	AmcaCiC1e04	54''	4	1
51	AmcaCiC1e05	1'20''	2	6
52	AmcaCiC1e06	2'12''	2	11
53	AmcaCiC1e07	1'11''	2	6
54	AmCaCiC1e08	50''	2	6
55	AmcaCiC1e09	1'11''	2	7
56	AmcaCiC1e10	1'03''	2	6
57	AmcaCiC1e11	1'14''	2	8
58	AmcaCiC2b01	3'32''	2	27
59	AmcaCiC2e02	1'04''	3	1
60	AmcaCiC2e03	1'36''	4	10
61	AmcaCiC2e04	51''	3	5
62	AmcaCiC2e05	1'33''	3	4
63	AmcaCiC2e06	2'11''	2	8
64	AmcaCiC2e07	1'44''	2	4
65	AmcaCiC2e09	2'11''	4	5
66	AmcaCiC2e10	1'09''	2	3
67	AmcaCiC2e11	1'25''	2	4
68	AmcaCiC2e13	1'13''	3	7
69	AmcaCiD1b01	31''	3	2
70	AmCaCiD1b02	25''	2	3
71	AmCaCiD1b03	2'35''	3	14
72	AmCaCiD1e04	1'20''	3	3
73	AmCaCiD1e06	1'05''	2	3
74	AmCaCiD1e07	1'37''	4	3
75	AmCaCiD1e08	42''	3	3
76	AmCaCiD1e10	1'16''	3	3
77	AmCaCiD1e11	45''	4	5
78	AmCaCiD1e12	28''	3	5
79	AmCaCiD1e13	1'47''	2	15
80	AmCaCiD1e14	2'15''	2	3
81	AmCaCiD1e15	49''	4	6
82	AmCaCiD1e16	59''	4	1
83	AmCaCiD1e17	55''	4	7
TOTAL				450

TABELA 03 - Características dos fragmentos de fala utilizados.

Sobre o número total de ocorrências, registradas na tabela 03, precisamos esclarecer que apenas 410 dos elementos paralinguísticos identificados foram passíveis de análise acústica. Isso ocorreu devido a três fatores:

- (i) Alguns elementos apresentavam uma duração sonora bastante curta (menos de 0,70 ms), o que impossibilitou sua leitura no programa de análise utilizado;
- (ii) Outros elementos ocorreram em superposição à fala do interlocutor, o que impediu a extração desses dados para a análise;
- (iii) Houve também a ocorrência de alguns elementos com uma produção desvozeada, impossibilitando também a análise.

Embora haja essa diferença numérica entre os dados submetidos à análise acústica e o total de ocorrências identificadas no *corpus*, consideramos importante destacar o número total de elementos encontrados nos fragmentos de fala para demonstrarmos a grande frequência dessas emissões paralinguísticas em conversas cotidianas.

3.3. O sistema de transcrição do *corpus*

O processo de segmentação é uma tarefa importante em nosso estudo, visto que é exatamente nesta etapa de trabalho que podemos identificar todos os elementos linguísticos e paralinguísticos contidos nos fragmentos de fala. Por isso mesmo, adotamos um modelo de transcrição multi-nível³⁶ que contempla dois níveis da análise: o lexical e o paralinguístico. A tarefa de segmentação dos dados foi feita manualmente e, para tanto, utilizamos o *software* PRAAT³⁷ (versão 3.9.11) que possibilitou uma transcrição multilinear das amostras de fala.

³⁶ De acordo com Roach (2000) o sistema de transcrição que sirva para o estudo de fala expressiva deve identificar tanto os elementos lexicais quanto os não lexicalizados que sejam responsáveis pela conversão de atitudes e sentimentos do falante.

³⁷ Disponível em: www.fon.hum.uva.nl/praat/

Para a segmentação inserimos as etiquetas correspondentes a cada nível:

3.3.1. Lexical

Este nível compreende a transcrição de todo material segmental (do ponto de vista fonético) e do enunciado (do ponto de vista discursivo). Considerando a natureza do gênero textual do material analisado – conversas informais –, lançamos mão de alguns dos sinais mais frequentes e úteis, presentes em Marcuschi (2003), para a transcrição de estudos de análise da conversação. Nesse sentido, no nível lexical, além do material verbal propriamente dito, segmentado ortograficamente, há as seguintes anotações:

SÍMBOLOS UTILIZADOS	EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS ³⁸
1. Alongamento vocálico: :: (uso de dois -pontos) Neste caso, os dois pontos são repetidos de acordo com a duração da vogal.	“/.../si eli ganhá eli sai da:: da zona di rebaixamentu”
2. Reduplicação de letras: reduplica-se a letra ou a sílaba. Quando houver repetição, basta reduplicar o segmento.	“ e e e eu sou sim;”
3. Dúvidas: (()) Quando não se entende uma parte da fala, usa-se parêntese duplo para indicar que a expressão é “incompreensível”.	“/.../ num peida na minha cara u luquinha pai ((incompreensível)) /.../”
4. Truncamento: / Quando o falante corta bruscamente uma unidade de fala, usa-se uma barra.	“ barbin/ é é renata; elis rob/ elis robaram.”
5. Ênfase: MAIÚSCULA Quando uma palavra (ou grupo de palavras) ou uma sílaba é pronunciada com ênfase, deve ser escrita com maiúscula para evidenciar a realização.	“é casu di CARÁTER mesmu”

³⁸Retiramos os exemplos indicados no quadro do *corpus* utilizado em nosso estudo.

<p>6. Comentário do analista: (())</p> <p>Quando o analista comenta algo que ocorre, usa parêntese duplo imediatamente depois do segmento a que se refere.</p>	<p>“((tossindo));((pigarreando))”</p>
<p>7. Silabação: - - - -</p> <p>Quando uma unidade é pronunciada silabadamente, usa-se hífen para indicar a realização.</p>	<p>“d-u-du-v-i-vi-d-o-do”</p>
<p>8. Superposição, simultaneidade de vozes: ligando</p> <p style="text-align: center;">[</p> <p style="text-align: center;">as vozes</p> <p>Quando há superposição de vozes durante a conversação, usa-se um colchete para identificar a produção simultânea de palavras ou de um grupo de palavras.</p>	<p>L2: a nassau?</p> <p style="text-align: center;">[</p> <p>L1: a nassau fica na frenti di lá</p>

TABELA 04 - Símbolos utilizados na transcrição lexical (cf. orientações de Marcuschi, 2003)

É importante salientarmos ainda que os símbolos convencionais ‘(+)’ e ‘...’ (três pontos) usados para marcar a pausa nas transcrições grafemáticas, em geral, não foram adotados em nosso modelo de transcrição, pois optamos pelo uso do “#”, símbolo utilizado no alfabeto SAMPA³⁹ para o português. Usamos esse símbolo para indicar qualquer momento de silêncio de fala. Além disso, levamos em consideração a produção real do material linguístico coletado, o que possibilitou a transcrição de detalhes característicos da oralidade, como por exemplo, o apagamento do morfema plural ‘s’, a eliminação do ‘r’ final em verbos no infinitivo (nesses casos, incluímos um acento gráfico para marcar o modo verbal), a eliminação de morfemas finais (“don/ maria; quantu disse pra eli”) e assim por diante. Além

³⁹ Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/sampa/home.htm>.

disso, há outras observações sobre a transcrição grafemática utilizada que precisamos destacar.

- Não fizemos uso de iniciais maiúsculas em inícios de períodos, turnos e frases ou nomes próprios;
- Os números foram escritos por extenso;
- Indicamos os pontos de interrogação para marcar perguntas e pontos de exclamação para marcar frases exclamativas;
- Utilizamos sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, dois-pontos, vírgula ou ponto final.

Em resumo, procuramos fazer uma transcrição que atentasse revelasse as feições da língua falada.

Como analisamos amostras de fala produzidas por interlocutores em situação real de comunicação, foi necessário utilizarmos um número de camadas suficiente para identificar a transcrição da fala dos interlocutores envolvidos. Assim, um mesmo fragmento de fala pode conter até quatro níveis de transcrição lexical:

- Lexical (L1): este é o nível lexical do primeiro locutor, aquele que inicia um tópico conversacional;
- Lexical (L2); Lexical (L3) e Lexical (L4): estes são os níveis correspondentes, respectivamente, ao segundo, terceiro e quarto locutores que participam diretamente da interação.

É importante destacarmos também que a maioria dos fragmentos transcritos apresentaram apenas 2 (dois) locutores envolvidos na conversação, conforme pudemos observar no quadro 02.

3.3.2. Paralinguístico

Neste nível, fazemos a anotação dos elementos paralinguísticos identificados no nível lexical. Para a transcrição desses elementos, formulamos uma anotação que se aproximasse graficamente do som produzido.

Apresentamos, a seguir, os sinais utilizados para a anotação padrão dos elementos paralinguísticos identificados em nosso estudo:

SÍMBOLOS UTILIZADOS	EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS ⁴⁰
1. Silabação: ‘-‘ Uso de hífen para identificar um elemento com duas sílabas.	<an-han>
	<u-hu>
	<an::-han::-hum>
2. Entoação: ‘?’; ‘!’ Uso de pontos gráficos de interrogação e exclamação para marcar diferenças entre elementos interrogativos e exclamativos.	<un?>
	<an!>
	<an?>
	<un!>
3. Alongamento: ‘:’ Uso de dois-pontos para marcar graficamente um efeito de alongamento.	<hu::>
	<he::>
	<ah::>
	<ha::>
4. ÊNFASE E DIFERENÇA DE SENTIDO: ‘MAIÚSCULA’ Uso de letra maiúscula para marcar a emissão enfática e a diferença de sentido de um dado	<un!>
	<UN!>
	<un?>
	<UN?>

⁴⁰ Retiramos as ocorrências usadas no quadro do *corpus* usado em nosso estudo.

elemento em face de seus correlatos sonoros.	
5. Nasalidade ⁴¹ : ‘n’; ‘m’ Uso dos grafemas (m) e (n) para marcar a nasalidade.	<umm::-uhm>
	<umm>
	<an-ham>
	<hum>
6. Mais que <... ; menos que ... >: Uso dos sinais <...> para identificar os elementos paralinguísticos.	<heim>
	<hem-heim>

TABELA 05 - Símbolos utilizados na transcrição dos elementos paralinguísticos.

Dos elementos paralinguísticos encontrados no *corpus*, destacamos também os cliques de língua⁴², que em nosso trabalho não recebem um símbolo de anotação, apenas são identificados como ‘*cliques*’.

Apresentamos, a seguir, um quadro com todos os elementos paralinguísticos encontrados no *corpus*, já com a anotação que propomos:

⁴¹ Nossa escolha pelo uso ora do ‘n’ ora do ‘m’ para identificarmos a nasalidade dos elementos se deu aleatoriamente, visto que nosso objetivo maior era apenas o de marcar a diferença de significado entre os mesmos.

⁴² Trata-se de um clique velar, som semelhante a um estalar da língua contra a parte superior da boca. (Crystal, 1985).

ANOTAÇÃO DOS ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS	
<aah>	<hu::>
<an-han>	<hu::-uhm>
<an-ahm>	<hu>
<an::-han::-hum>	<u-hu>
<clique>	<un-hun>
<an!>	<un!>
<an?>	<un?>
<ah>	<UN?>
<fum>	<uhm-hum>
<ha::>	<uhm-hum:>
<han>	<uhm>
<han-han>	<umm>
<he::>	<um::-uhm>
<heim>	<UN!>
<hem-heim>	<un::>
<hum>	<un-hum>

TABELA 06 – Elenco dos elementos paralinguísticos encontrados no *corpus*.

A identificação do locutor que produziu o elemento paralinguístico é posta entre parênteses do lado direito da transcrição proposta, como <un-hun> (L1), <an-han> (L2), <heim> (L3) e assim por diante.

Expomos, abaixo, uma amostra de um trecho de fala transcrito:

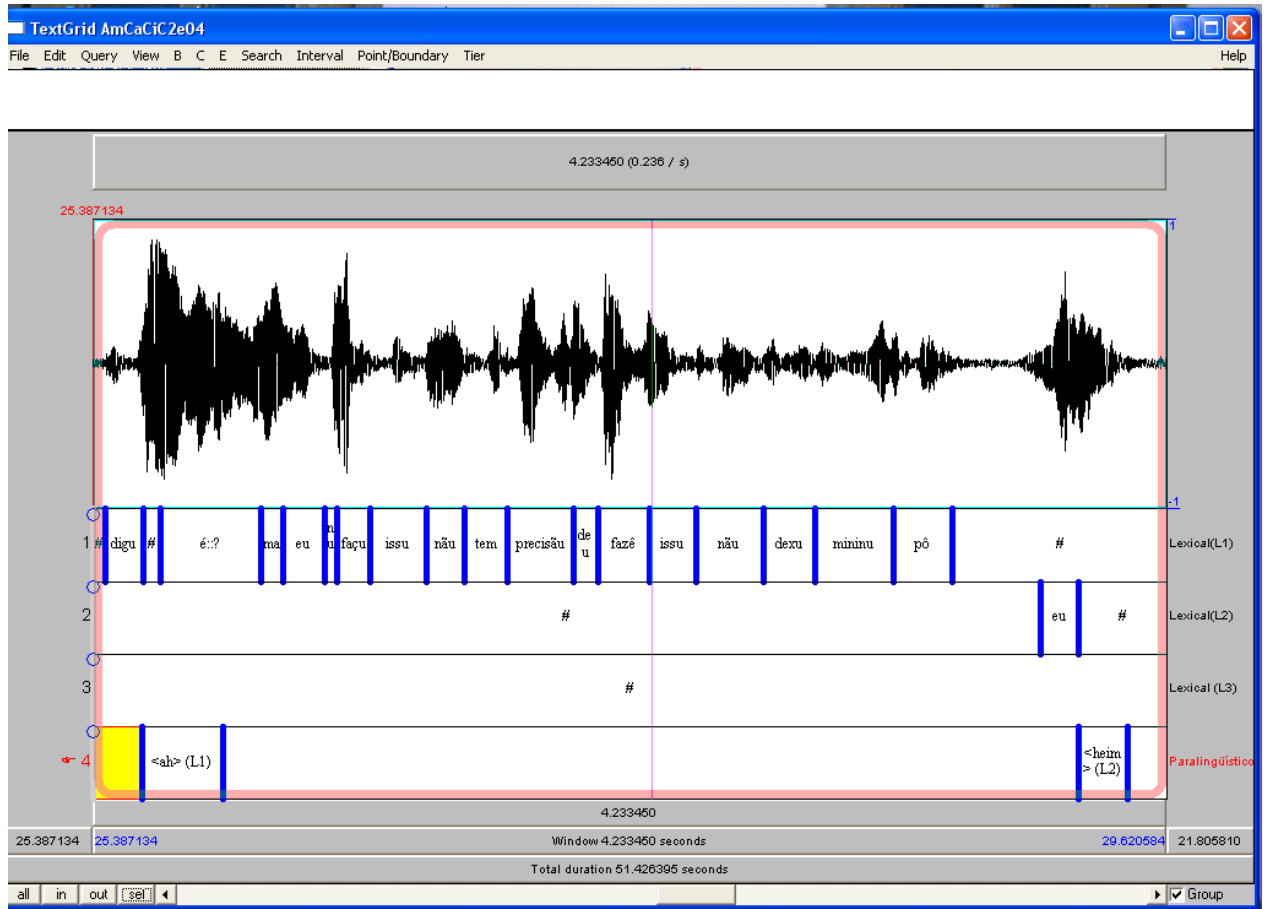


FIGURA 04 - Amostra de uma janela de trabalho no software PRAAT.

Verificamos, na figura 04, que nos níveis destinados à transcrição lexical, as unidades palavras são separadas umas das outras pelas etiquetas azuis. O que também ocorre na anotação dos elementos paralinguísticos, visto que a produção destes deve ser delimitada de acordo com o tempo de sua produção no sinal sonoro.

Chegamos à definição dessas normas de transcrição por conta da necessidade de se definir um tipo de notação que compreendesse também os elementos paralinguísticos, de forma que fosse possível destacar a relevância e frequente ocorrência desses aspectos da fala.

Dessa forma, dispondo de um modelo de notação, foi possível executarmos o processo de transcrição do material linguístico.

Acrescentamos o fato de que o trabalho de anotação dos dados foi oneroso em tempo, visto que nesta etapa foram transcritos todos os níveis lexical e paralinguístico identificados nos 83 fragmentos de fala que constituem nosso *corpus*. Além disso, precisamos revisar as transcrições para verificarmos se no nível destinado à anotação dos elementos paralinguísticos havia elementos não transcritos. Esse processo de revisão teve grande importância em nosso trabalho, haja vista muitos novos elementos terem sido identificados somente nessa etapa. Assim, com a transcrição e o levantamento dos elementos paralinguísticos já realizados, foi possível seguirmos com os procedimentos necessários para a análise e a descrição do fenômeno na totalidade do *corpus*.

3.4. Procedimentos de análise

Após a transcrição dos dados do *corpus* utilizado, precisamos cumprir os seguintes procedimentos metodológicos:

3.4.1. Seleção dos elementos paralinguísticos

Nesta etapa, revisamos o material linguístico já transcrito a fim de destacarmos os elementos passíveis de análise e pretermos aqueles com uma nítida interferência da fala de

outro locutor envolvido na interação. Desse modo, excluímos cerca de 40 (quarenta) elementos que não se enquadravam nos critérios de análise⁴³.

3.4.2. Extração dos elementos paralinguísticos

Para o processo de extração desses elementos, utilizamos também o *software* PRAAT que possibilitou a exata segmentação de cada elemento, no que diz respeito à duração dos mesmos. Nesta fase, destacamos todos os elementos, individualmente, de cada fragmento de fala, de modo que eles pudessem ser classificados por tipos, facilitando nossa análise.

Assim como no processo de transcrição, este processo também foi muito oneroso em tempo, visto que exigiu a verificação manual da duração tomada por cada ocorrência (precisamos definir o exato tempo inicial e final da produção sonora de cada elemento, para, enfim, podermos segmentá-las). Após essa etapa, partimos para a verificação das medidas prosódicas dos dados, conforme veremos a seguir.

3.4.3. Categorização dos elementos paralinguísticos

Esta etapa de trabalho também foi demorada, pois foi necessário fazer novas audições dos elementos, dentro e fora de seu contexto, a fim de classificá-los por sentido expresso na cadeia da fala. Obtivemos, de início, cerca de 35 categorias de sentido, todavia essa primeira categorização apresentou muitas falhas devido às semelhanças entre alguns dos sentidos rotulados. Para corrigirmos as falhas e reagruparmos os elementos num menor número de efeitos expressivos, fizemos uma nova audição, da qual obtivemos 27 categorias de sentido, a

⁴³ Os elementos produzidos concomitantemente à fala de outros locutores apresentaram uma análise confusa, por isso, decidimos excluí-los.

saber: discordância, evocação de atenção, hesitação, interesse, negação, assentimento, afirmação, recordação, compreensão, atenção e/ou monitoramento, irritação, desejo, aborrecimento, incômodo, surpresa/espanto, frustração/insatisfação, reprovação, deboche/desdém/ironia, compaixão, ressentimento, repreensão, ameaça, indignação, oferta, alegria, incredulidade, avaliação subjetiva, que envolveram a totalidade de elementos paralinguísticos identificados em nosso estudo. Para a categorização do sentido/função dos elementos paralinguísticos, fizemos testes de audição com 3 sujeitos voluntários, além de contarmos com a própria análise dos pesquisadores envolvidos na realização deste trabalho.

3.4.4. Extração das medidas físicas dos elementos paralinguísticos

Fizemos também a extração das medidas físicas por intermédio do *software* PRAAT que fornece os cálculos estatísticos da análise acústica de dados sonoros devidamente segmentados. Neste trabalho, preferimos extrair as seguintes medidas:

- (i) **Frequência fundamental (F0)⁴⁴**: Levamos em conta essa medida, também chamada de frequência do *pitch*⁴⁵, porque seguimos as premissas de Hoult (2000) e Schötz (2003), que consideram essa propriedade importante para a manifestação paralinguística. Os parâmetros utilizados foram de 75-600 Hz, especificados para a análise da entoação. Para a realização desta análise, tivemos que excluir os elementos nomeados de <*cliques*>, haja vista não apresentarem vibração nas cordas vocais, e, portanto, não terem frequência fundamental. Com a exclusão dessas emissões, extraímos as variações mínima, máxima e média dessa

⁴⁴ É a medida física do número de vibrações das pregas vocais por segundo. É expressa em Hertz (ciclos por segundo – Hz).

⁴⁵ Refere-se à sensação psicofísica da altura levando em conta a variação entre sons graves e agudos

propriedade prosódica de cada um dos 394 elementos paralinguísticos restantes. Após a extração, fizemos um cálculo estatístico para definirmos a média aritmética e o desvio padrão para cada um dos valores (mínimo, máximo e média do *pitch*) dos elementos. Importa-nos, ainda, ressaltar, que os cálculos desses parâmetros foram feitos de acordo com o sentido revelado pelas emissões paralinguísticas. Para os elementos de apenas uma ocorrência no *corpus*, destacamos os valores brutos da F0 mínima, máxima e média.

- (ii) **Duração:** Inicialmente, tentamos categorizar os elementos paralinguísticos como “breve” ou “longo”, para tanto, estabelecemos uma fronteira para essa classificação. Todos os elementos cuja duração ultrapassasse os 300 ms eram classificados longos, e os com duração inferior a essa marca foram considerados breves. Essa classificação necessitava de uma comprovação estatística, entretanto, devido à pequena amostra de algumas emissões, não conseguimos fazer um cálculo confiável para estabelecer um padrão de classificação para os elementos. Nesse sentido, optamos por considerar as durações mínima e máxima dos elementos de acordo com o sentido expresso, verificando a contribuição desse parâmetro para a manifestação paralinguística. Com essa classificação, conseguimos resguardar a duração original, preservando, assim, as peculiaridades de cada emissão identificada no *corpus*.

Além das propriedades prosódicas analisadas, identificamos no *corpus* também outra característica saliente dos elementos paralinguísticos: a silabação, que consiste na manifestação de emissões com duas ou mais sílabas. No processo de análise dos dados, levamos em consideração a relação dessa propriedade com a escolha linguística dos falantes, conforme veremos no capítulo quatro.

3.5. Considerações Finais

Os procedimentos metodológicos adotados em nosso trabalho para o levantamento, análise e descrição de elementos paralinguísticos do português regional espontâneo, possibilitaram-nos uma visão bem ampla da complexidade que uma pesquisa sobre elementos não-verbais da fala natural encerra.

A ausência de estudos semelhantes ao nosso ou, até mesmo, de um modelo metodológico que nos orientasse, ajudando-nos na organização e na descrição de emissões paralinguísticas, dificultou a execução do trabalho, de forma que deixamos de proceder a uma análise mais refinada, desprezando, assim, outras peculiaridades próprias do fenômeno, como a amplitude e outras propriedades articulatórias, por exemplo. Todavia, acreditamos que, em linhas gerais, os métodos de pesquisa adotados neste trabalho contemplaram nosso objetivo principal: chegamos à definição das normas de transcrição utilizadas no sistema proposto para anotação dos elementos paralinguísticos do português regional, transcrevemos as amostras de fala para demonstrar a grande frequência de elementos paralinguísticos no discurso falado, realizamos uma análise de propriedades prosódicas características desses elementos e procedemos a uma descrição do valor expressivo das emissões paralinguísticas nos enunciados falados.

Em suma, acreditamos que todo o trabalho de identificação, transcrição e análise adotadas neste estudo atendeu às nossas necessidades, possibilitando-nos investigar os elementos paralinguísticos e, de igual modo, contribuir para o estudo linguístico desses aspectos não-verbais do discurso falado.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS

“A prosódia é especialmente importante em itens não-lexicalizados, nos quais contribui mais para o significado do que o próprio conteúdo fonético.”⁴⁶

(Nigel Ward)

⁴⁶ Nigel Ward (2004, p.01, tradução nossa).

4.1. Considerações Iniciais

De acordo com Ward (2004), na comunicação falada informal são frequentemente utilizados itens não-lexicalizados que têm seu significado realizado pela variação prosódica. Esses elementos são modificados de acordo com a intenção do falante em expressar suas atitudes e/ou emoções em uma dada interação comunicativa. Campbell (2002a, 2002b, 2003 e 2004) parece concordar com tal premissa ao argumentar que os elementos prosódicos servem para mostrar detalhes paralinguísticos, tais como as intenções do falante, seu estado emotivo ou de atitude. Assim, quando processamos um enunciado falado não-lexicalizado há pistas prosódicas que promovem a manifestação de um significado específico pretendido pelo falante.

Nesse sentido, apresentamos, neste capítulo, uma análise de duas propriedades prosódicas, a saber, os parâmetros duração e frequência fundamental (F0), considerados fatores de grande importância para a manifestação paralinguística na fala. Sobre esses dois parâmetros, abordaremos os principais resultados obtidos com sua análise, de modo a demonstrar a relação da variação destes com o efeito expressivo do elemento produzido. Além disso, também apresentaremos uma propriedade peculiar aos elementos paralinguísticos – a silabação. Ward (*op. cit.*) salienta que essa propriedade é importante para a manifestação de significados específicos em algumas realizações paralinguísticas. Urbano (1993) também ressalta que alguns desses elementos paralinguísticos, produzidos pelo ouvinte, são normalmente compostos, isto é, apresentam duas sílabas. Partindo desses postulados, apontaremos a frequência desses elementos multi-silábicos na conversação espontânea, bem como discutiremos a preferência dos falantes pela produção dessas emissões para a expressão de sentimentos e atitudes ou cooperação no ato conversacional.

4.2. Categorização dos elementos paralinguísticos

Em nosso trabalho, classificamos, inicialmente, os elementos paralinguísticos por tipos (<ah>, <umm>, <heim> e assim por diante). Todavia, devido o grande número de ocorrências e uma conseqüente dificuldade em gerenciá-los, decidimos categorizá-los de acordo com o sentido que expressam na cadeia da fala. Assim, estabelecemos 27 (vinte e sete) categorias nas quais estão envolvidos elementos cujo efeito expressivo no discurso é semelhante.

Os gráficos 01a, 01b e 01c ilustram essa distribuição das emissões paralinguísticas:

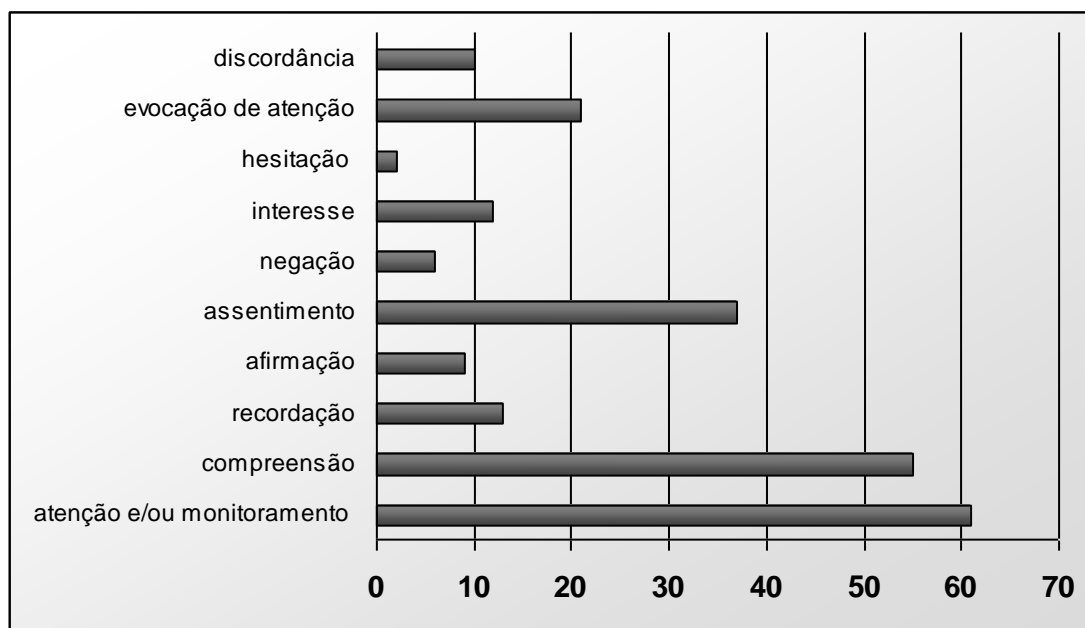


GRÁFICO 01a – Distribuição (número de ocorrências) de sentidos identificados no *corpus*.

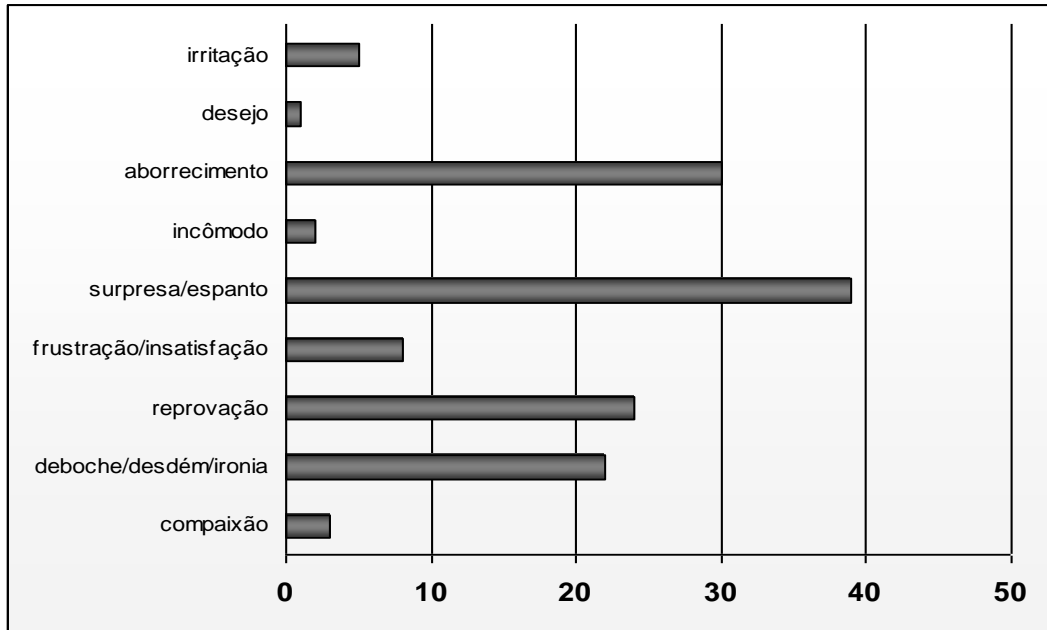


GRÁFICO 01b – Distribuição (número de ocorrências) de efeitos expressivos identificados no *corpus*.

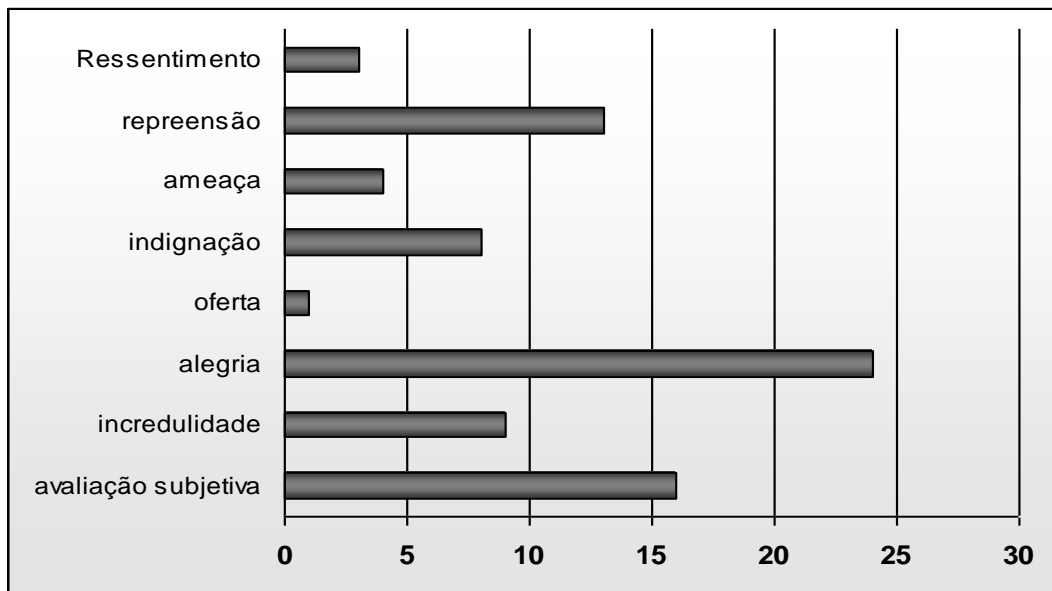


GRÁFICO 01c – Distribuição (número de ocorrências) de efeitos expressivos identificados no *corpus*.

Os gráficos acima mostram que os sentidos ou efeitos expressivos mais manifestados no *corpus* foram: monitoramento do ouvinte, compreensão, assentimento, aborrecimento,

surpresa/espanto, reprovação, repreensão, alegria e avaliação subjetiva. Porém, de todos esses sentidos, o papel de monitoramento do ouvinte (61 ocorrências) é o mais representativo no *corpus* analisado, significando que numa conversação espontânea há, de acordo com Urbano (1993), uma grande ocorrência e recorrência desses elementos que sinalizam cooperação no ato conversacional, demonstrando ao falante que seu interlocutor está participando da interação. Os outros sentidos revelados no *corpus* que apareceram com um alto índice foram a compreensão (55 ocorrências) e o assentimento (37 ocorrências) revelados por elementos tipicamente produzidos pelo falante. A respeito desses dois sentidos, importa-nos ressaltar que algumas de suas manifestações foram promovidas pela emissão paralinguística <ah>, que diferentemente dos outros elementos também responsáveis pela produção dos sentidos de compreensão e assentimento, consiste em um elemento não passivo que, geralmente, introduz informações sobre a opinião do falante a cerca do tópico discursivo em pauta. Sobre os outros efeitos expressivos destacados nos gráficos, ressaltamos que sua manifestação no *corpus* ocorreu ora nas intervenções do ouvinte ora nas enunciações do falante, revelando as opiniões, atitudes e/ou estados emotivos dos interlocutores. Observamos que o índice dessas ocorrências foi bastante significativo, num total de 213 ocorrências manifestando variados efeitos pragmáticos, conforme vimos nos gráficos 01b e 01c. A alta recorrência desses elementos no *corpus* ratifica as premissas de Campbell (2003) e Ward (2004) sobre a frequência constante dessas emissões sonoras não-lexicalizadas para a manifestação de impressões e sentimentos do falante em conversações espontâneas.

Os gráficos são claros em informar que há um índice expressivo de emissões paralinguísticas revelando variados sentidos de acordo com a intenção dos interlocutores em participar da interação comunicativa e/ou manifestar seu estado afetivo. Assim, constatamos

que os elementos paralinguísticos contribuem para a efetivação da fala expressiva, que envolve a comunicação emotiva e a de atitude (Campbell, 2002a, 2002b, 2003).

4.3. Propriedades prosódicas analisadas

Pareceu-nos importante, em nosso estudo, fazer uma análise de duas propriedades prosódicas: a duração e a frequência fundamental (F0), a fim de compararmos as particularidades sonoras dos elementos paralinguísticos estudados. Além disso, também realizamos a análise do parâmetro silabação. Vejamos a seguir os resultados obtidos a partir dessa análise.

4.3.1. Duração

Conforme vimos na primeira seção deste capítulo, os elementos paralinguísticos analisados neste trabalho foram classificados por sentido e/ou efeito expressivo. Tendo em vista essa classificação, inscrevemos a duração sonora mínima e máxima das ocorrências de cada elemento paralinguístico de acordo com seu efeito pragmático. Utilizamos-nos deste parâmetro porque, em Houlst (2004) e Campbell (2002b e 2003), foi posto que a duração revela-se num importante fator para a manifestação paralinguística na fala. Consideramos a duração um parâmetro consistente nos dados analisados, haja vista verificarmos que esta propriedade consiste num importante discriminador de sentido em alguns elementos identificados no *corpus*.

A tabela 07, bem como os gráficos construídos com base nos mesmos valores, permitem-nos apresentar os valores de duração de cada um desses elementos por sentido

expresso. Além disso, oferece-nos ainda a possibilidade de podermos verificar se existe correlação entre o sentido e o modo como é utilizado o parâmetro duração.

Nesta tabela, inscrevemos também os valores de duração das emissões paralinguísticas que ocorreram apenas uma vez em todo o *corpus* para contemplarmos todos os elementos identificados em nossa análise. Vejamos:

Efeito de sentido	Elemento paralinguístico	Nº de ocorrências	Duração mínima	Duração máxima
Atenção e/ou monitoramento do ouvinte	<un-hun>	10	0.212 ms	0.660 ms
	<an-han>	6	0.332 ms	0.389 ms
	<un?>	6	0.091 ms	0.350 ms
	<an?>	1	0.137 ms	0.380 ms
	<hem-heim>	1	0.326 ms	0.326 ms
Rememoração	<un!>	1	0.183 ms	0.487 ms
	<ah>	20	0.086 ms	1.802 s
Compreensão	<ah>	54	0.086 ms	0.760 ms
Assentimento	<hem-heim>	1	0.520 ms	0.520 ms
	<un-hun>	24	0.224 ms	0.579 ms
	<an-han>	13	0.304 ms	0.695 ms
	<un?>	3	0.164 ms	0.242 ms
	<an?>	9	0.194 ms	0.194 ms
	<han-han>	1	0.383 ms	0.383 ms
	<ah>	9	0.114 ms	0.335 ms
Alegria	<hu>	12	0.045 ms	0.192 ms
	<u-hu>	13	0.094 ms	0.413 ms
Interesse	<un?>	17	0.158 ms	0.275 ms
	<an?>	6	0.131 ms	0.334 ms
Irritação	<ah>	3	0.171 ms	0.194 ms
	<um::-uhm>	1	1.687 s	1.687 s
Surpresa/espanto	<ah>	4	0.235 ms	0.452 ms
	<he::>	1	0.393 ms	0.393 ms
	<hu::>	20	0.127 ms	0.560 ms
	<ha::>	12	0.192 ms	0.852 ms
	<hu::-hum>	1	1.607 s	1.607 s
	<un!>	1	0.110 ms	0.110 ms
Incredulidade/desconfiança	<an-ahm>	3	0.356 ms	0.482 ms
	<UN?>	1	0.553 ms	0.553 ms
	<uhm-hum>	8	0.344 ms	0.730 ms
	<ah>	1	0.114 ms	0.114 ms

Compaixão	<un!>	1	0.146 ms	0.146 ms
Indignação	<heim>	4	0.143 ms	0.287 ms
	<un!>	3	0.112 ms	0.162 ms
Ameaça	<ah>	2	0.183 ms	0.301 ms
Repreensão	<hum>	2	0.130 ms	0.280 ms
	<ah>	3	0.133 ms	0.133 ms
Aborrecimento/descontentamento/chateação	<ah>	6	0.166 ms	0.708 ms
	<clique>	17	0.010 ms	0.079 ms
Frustração/Insatisfação	<hum>	2	0.096 ms	0.439 ms
	<han>	1	0.172 ms	0.172 ms
	<ah>	6	0.120 ms	0.311 ms
Reprovação	<uhm>	5	0.204 ms	0.600 ms
	<hum>	11	0.105 ms	0.336 ms
	<ah>	17	0.136 ms	0.621 ms
	<uhm-hum:>	1	0.507 ms	1.577 s
	<un!>	4	0.120 ms	0.191 ms
Deboche/ironia/desdém	<aah>	1	0.632 ms	0.632 ms
	<UN!>	1	0.419 ms	0.419 ms
	<ah>	10	0.095 ms	0.280 ms
	<an!>	1	0.177 ms	0.177 ms
	<an::-han::-umm>	1	3.453 s	3.453 s
	<uhm-hum:>	2	0.613 ms	0.613 ms
	<UN::>	1	0.614 ms	0.614 ms
	<clique>	2	0.019 ms	0.019 ms
Discordância	<ah>	10	0.096 ms	0.302 ms
Desejo	<ah>	1	0.133 ms	0.133 ms
Negação/afirmação	<un-hum> (afirmativo)	5	0.324 ms	0.551 ms
	<un-hum> (negativo)	5	0.303 ms	0.600 ms
Hesitação	<un!>	2	0.310 ms	0.359 ms
Incômodo	<fum>	2	0.268 ms	0.600 ms
Oferta	<uhm>	1	0.180 ms	0.180 ms
Avaliação	<umm>	9	0.235 ms	1.948 s
Evocação de atenção	<heim>	21	0.099 ms	0.631 ms
Ressentimento	<ah>	2	0.256 ms	0.272 ms

TABELA 07 – Duração mínima e máxima (ms) dos elementos paralingüísticos de acordo com o sentido expreso.

A partir dos valores de duração expostas no quadro acima, constatamos que alguns elementos paralingüísticos possuem uma nítida variação de duração para a manifestação de um mesmo sentido. Vejamos:

– Ocorrências do elemento <*ah*> apresentaram valores de duração sonora entre 86 ms e 1.802 ms para a manifestação de um único sentido. Este fato pode surpreender por se tratar de um elemento ‘simples’, isto é, unissilábico. A variação no tempo de emissão parece estar ligada à intenção do falante em acentuar o efeito expressivo do elemento paralinguístico. Em outros casos, como na sinalização dos sentidos de compreensão, aborrecimento e reprovação, percebemos também uma taxa de variação significativa entre as diversas ocorrências do elemento <*ah*> para a expressão de cada um desses sentidos. Já em ocorrências, como as que manifestaram um sentido de irritação, não houve uma variação expressiva no tempo de emissão;

– O elemento <*umm*> apresentou também taxas de duração bastante variadas nas 11 ocorrências identificadas no *corpus*. Atribuímos essa variação ao sentido expresso por ele nas amostras de fala colhidas – avaliação subjetiva. As ocorrências analisadas mostraram uma taxa de duração entre 235 ms e 913 ms, parecendo revelar, assim, uma correlação com o pensamento/reflexão. Nesse sentido, as emissões desses elementos que envolveram mais pensamento foram, geralmente, as mais longas. Houve uma ocorrência que chegou a 1948 s, cujo tempo de emissão é o responsável pelo sentido do elemento. Esse alongamento empregado revela uma correlação do parâmetro duração com o pensamento/reflexão;

– O elemento paralinguístico <*ha::*> também apresentou significativas diferenças na duração sonora, cerca de 192 ms a 852 ms. Acreditamos que essa variação se deva também ao grau de surpresa e envolvimento do interlocutor com o tópico em curso na conversação. Enquanto algumas emissões foram nitidamente breves outras apresentaram um exagerado alongamento. Assim, consideramos que a duração consiste num importante fator para a manifestação dessa emissão paralinguística. O mesmo podemos salientar a respeito do elemento <*hu::*> cujo

sentido é semelhante ao de *<ha::>*. Nos dois elementos, a duração parece contribuir significativamente para a expressão do sentido de surpresa/espanto.

Identificamos também uma mudança de sentido em elementos silabados quando a segunda sílaba recebe um alongamento. Vejamos o gráfico 04:

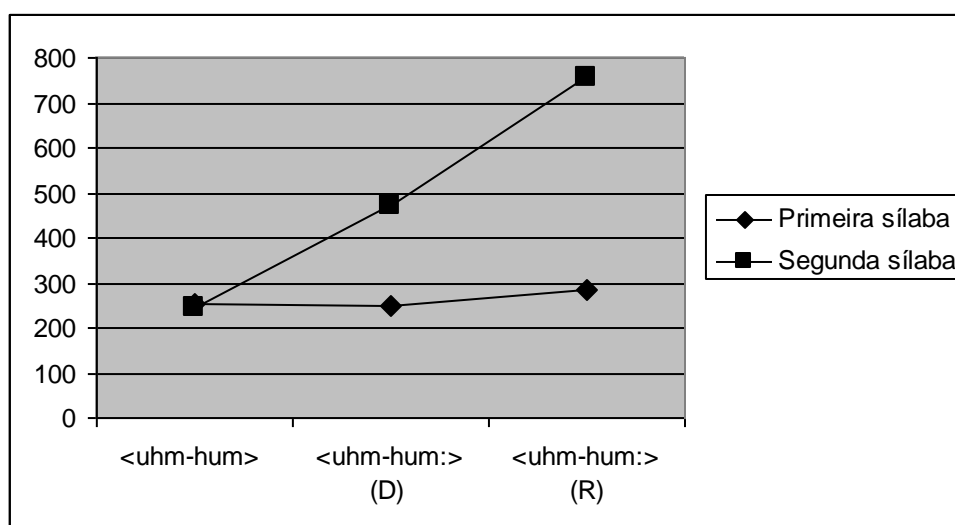


GRÁFICO 04 – Média de duração das sílabas do elemento <uhm-hum>.

O gráfico acima mostra uma diferença significativa na duração da segunda sílaba do elemento <uhm-hum> quando há mudança de sentido. Na expressão de desconfiança, as duas sílabas mantêm um mesmo tempo de duração, todavia quando há mudança para o sentido de deboche (D) há um expressivo alongamento da segunda sílaba. Essa característica se acentua ainda mais quando o sentido expresso é reprovação (R). Assim, acreditamos que a duração seja um fator importante para a promoção das diferenças de sentido que esse elemento, por ventura, venha a expressar no discurso falado.

Constatamos também que as durações mais baixas atingem, aproximadamente, 45 ms para o elemento <hu> e 10 ms para o <clique>. A respeito do clique de língua é importante reconhecermos que este tem, geralmente, uma duração muito breve não atingindo os 100 ms, como podemos ver na tabela 07. Quanto à emissão paralinguística <hu>, parece-nos que a brevidade na duração está relacionada ao efeito expressivo promovido por este elemento, a saber, o contentamento do interlocutor em relação ao tópico em curso numa conversa. Em nosso entendimento, o alongamento desse elemento promoveria uma diferença de sentido no discurso, portanto, a duração breve consiste em uma peculiaridade desse tipo de elemento.

Identificamos no *corpus*, outros elementos cujo tempo de duração parece contribuir para a manifestação do sentido. Vejamos:

- A emissão <um::-uhm>, produzida apenas uma vez no *corpus*, apresentou uma duração bem alongada (1.687 ms). Neste caso, o alongamento se deu na primeira sílaba com 1.504 ms, enquanto a segunda apresentou apenas 103 ms. A duração exagerada da primeira sílaba desse elemento é, em nosso entendimento, um parâmetro importante para a manifestação do sentido de irritação observado no elemento;
- Quanto à emissão sonora <hu::-hum>, manifestada também apenas uma vez no *corpus*, esta atingiu uma duração de 1607 ms. A primeira sílaba desse elemento parece se assemelhar a <hu::> e, por isso, usamos os mesmos sinais para grafá-lo. A diferença de duração entre as duas sílabas não é tão expressiva: 325 ms para a primeira e 223 ms para a segunda sílaba. Entretanto, o parâmetro duração parece ser um importante discriminador de sentido nessa ocorrência.

Houve casos no *corpus* em que o parâmetro duração parece não contribuir diretamente para a manifestação do sentido. Dentre eles, citamos o elemento <fum> cujo alongamento ou brevidade não contribuiu para a expressão do efeito pragmático. Acreditamos que a maior ou

menor duração desse elemento depende de uma escolha do falante para chamar a atenção do seu interlocutor.

Além disso, houve também alguns elementos sonoros cuja duração pareceu nitidamente contribuir para a manifestação do efeito pragmático. Vejamos alguns casos:

- A ocorrência do elemento <UN::> revela uma importante relação entre o tempo de emissão e o efeito expressivo manifestado pelo elemento. A duração de 614 ms parece ter contribuído para uma acentuação do sentido de deboche/ironia pretendido. É claro que, nessa ocorrência, contamos também com a ênfase e a entoação dadas em sua emissão;
- Observamos também diferenças de emissão em outros elementos como <*heim*>, que em apenas uma de suas ocorrências foi emitido com uma duração de 631 ms, e <UN?>, com 556 ms. Nos dois casos, parece-nos que há uma relação entre a ênfase e a duração. A esse respeito, Hault (2004) afirma que a duração é um fator importante para a ênfase de palavra ou enunciados. Assim, acreditamos que essa premissa se aplica às duas ocorrências citadas, já que elas assumem efeitos pragmáticos diferentes daqueles manifestados por seus semelhantes. Vejamos uma comparação entre essas duas ocorrências e outros elementos do mesmo tipo identificados no *corpus*:

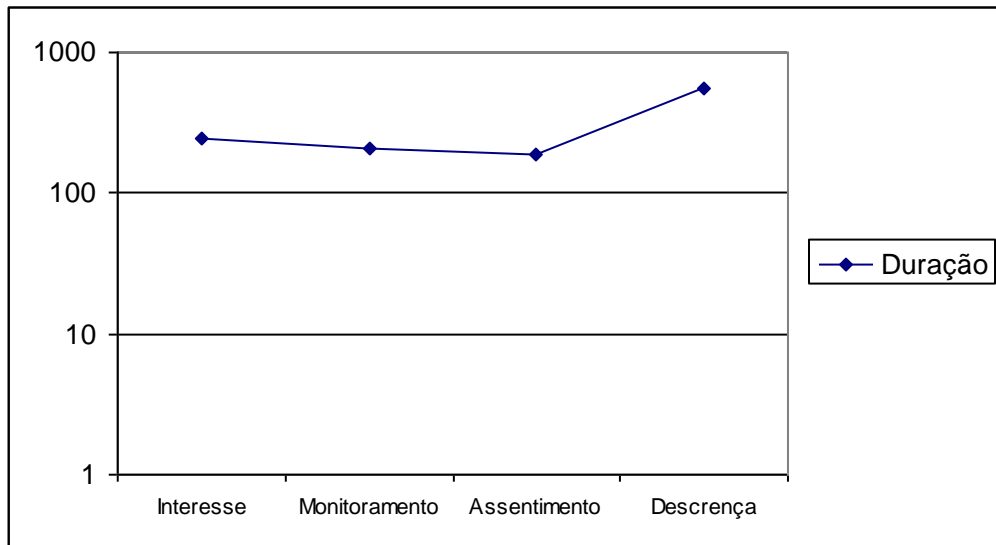


GRÁFICO 05 – Média de duração do elemento <un?> de acordo com sentido expresso.

De acordo com o gráfico 05, há uma significativa diferença entre a duração do elemento paralinguístico <un?> quando revela uma postura mais passiva do falante, como na demonstração de monitoramento, assentimento ou interesse, e quando expressa descrença. Desse modo, acreditamos que o parâmetro duração, aliado a outras propriedades prosódicas, como a entoação, contribua de forma significativa para revelar o sentimento pretendido pelo falante.

Vejam agora uma comparação entre as ocorrências o elemento paralinguístico <heim>:

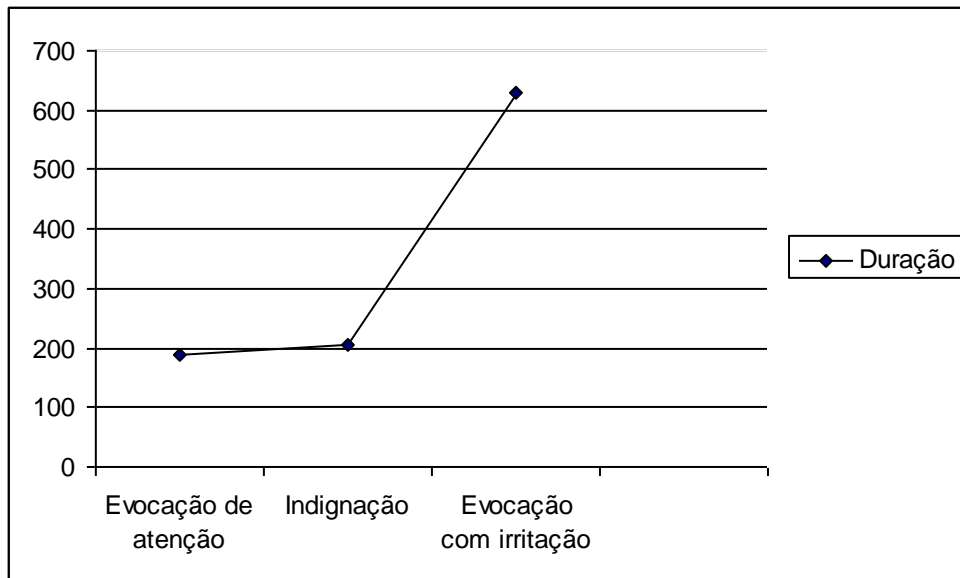


GRÁFICO 06 – Média de duração do elemento <heim> de acordo com sentido expresso.

Observemos que a média de duração do elemento <heim> não ultrapassou o limite de 200 ms. Entretanto, quando esse elemento manifestou certa irritação do falante, houve uma considerável diferença no tempo de emissão. Partindo dessa constatação, salientamos que o parâmetro duração contribuiu para a manifestação do sentimento do falante.

Nos casos dos elementos <un?> e <an?>, que aparecem normalmente numa intervenção do ouvinte, a brevidade no tempo de emissão parece estar relacionada não somente a sua formação simples, mas também ao sentido – demonstrar cooperação no ato conversacional. Nas ocorrências dessas emissões vocálicas, percebemos apenas uma manifestação passiva do ouvinte, e não uma tentativa de expressar atitudes e/ou sentimentos. Quanto aos elementos <un-hun> e <an-han>, também comuns às manifestações passivas do ouvinte numa conversa, a taxa de duração é mais longa que a de <un?> e <an?> por uma razão nítida: um maior número de sílabas. Nessas realizações paralinguísticas, também não reconhecemos nenhuma intenção afetiva e/ou de atitude.

4.3.2. Frequência fundamental (F0) – a variação de *pitch*

A partir deste momento, serão apresentados os resultados referentes à expressividade vocal de cada elemento paralinguístico, considerando as variações de *pitch* apresentadas nas emissões.

As medidas de F0 foram realizadas a partir de uma curva de frequência apresentada em um gráfico cujas abscissas correspondem ao tempo (em segundos) e a ordenada corresponde à F0 (Hertz). Desta forma, é possível verificar a variação de F0 num determinado ponto da curva, bem como a sua variação em relação ao tempo. A figura 05 é a representação gráfica da curva de F0 (em azul) em relação ao tempo da emissão do elemento <ah>. Observa-se, também, o oscilograma desse enunciado com entonação ascendente, por um indivíduo do sexo feminino.

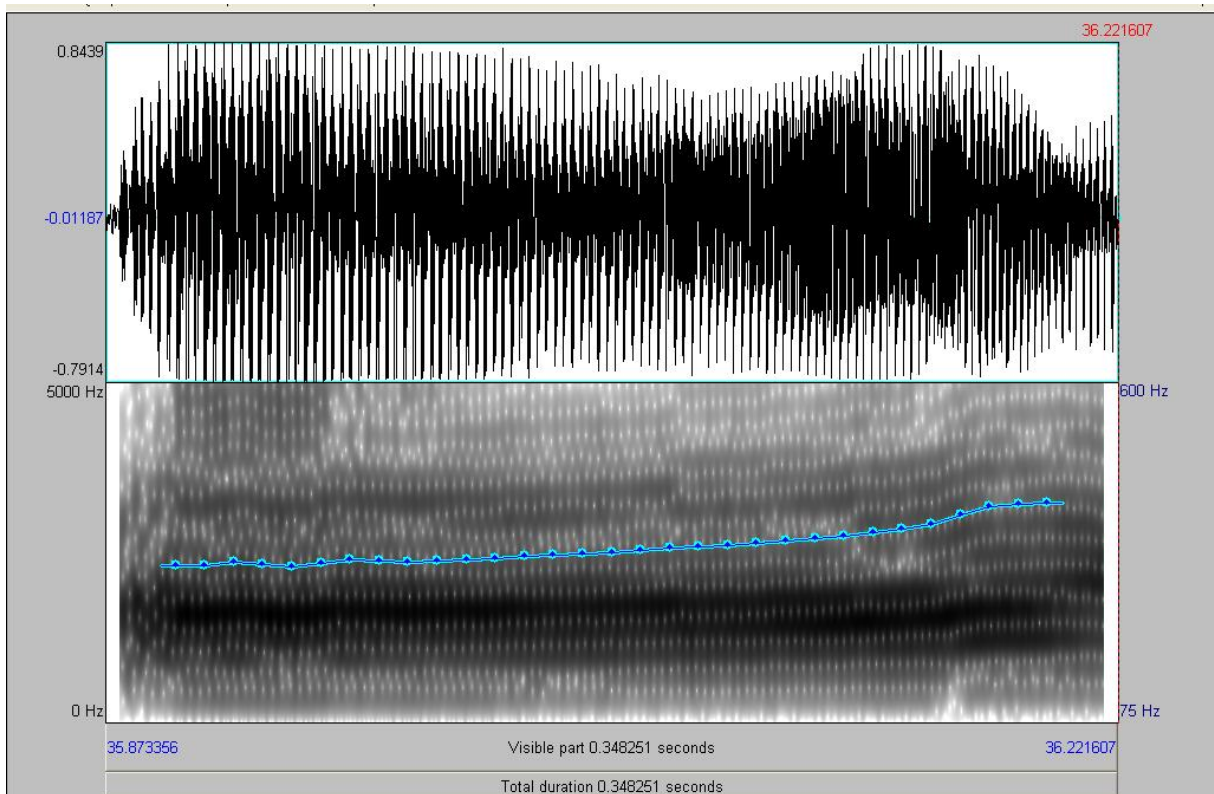


FIGURA 05: Representação gráfica da curva de F0/relação tempo da emissão

Nas tabelas 08a, 08b e 08c, verificam-se as variações de *pitch*, destacando-se, para cada variação de efeito expressivo de um mesmo elemento paralinguístico, os valores mínimos, em vermelho, e máximos, em azul. Esses dados permitem verificar que emissões, em função do significado expresso, tiveram o *pitch* maior e menor. Consideram-se, também, os dados da Frequência Fundamental (F0) média.

Os valores da frequência fundamental revelam características específicas do indivíduo, como sexo, idade, ocorrência de patologias e até o estado emocional. Este quadro foi dividido por gênero já que há variação de *pitch* de acordo com variantes de sexo. A voz feminina tende a ser mais aguda, portanto, com valores de *pitch* mais elevados. Para a frequência fundamental (F0), além do tipo de voz, foi utilizada a escala de 75-600 Hz fornecida por Praat. Com os valores de duração em milissegundos (ms) e de valores da média

F0 mínima, máxima e média (Hz) foram feitos cálculos de média e desvio padrão de cada elemento paralinguístico identificado. Os cálculos de desvio padrão foram importantes para a comprovação da confiabilidade da tendência de médias apontadas para cada variante. Quando havia um grau de variabilidade importante entre as emissões utilizadas o desvio padrão apontava também.

Como podemos observar, o número de ocorrências de emissões paralinguísticas feitas por informantes do sexo masculino foram em número muito menor que as produzidas por informantes do sexo feminino. Ao compararmos as emissões paralinguísticas com mesmo significado emitidas por informantes de ambos os sexos, podemos perceber que os valores de *pitch* das informantes do sexo feminino tiveram maiores valores que aquelas emitidas pelos informantes do sexo masculinos (cf. tabelas 08a, 08b e 08c).

PITCH (HZ)							
Efeito de Sentido		Compreensão	Interesse	Indignação	Ameaça	Aborrecimento	Reprovação
<ah>	Variação	48.4	-	-	76.09	115.8	-
	F0 Média	152	-	-	240	297	-
<um?>	Variação	-	32.1	-	-	-	-
	F0 Média	-	131	-	-	-	-
<hum>	Variação	-	-	-	-	-	23.8
	F0 Média	-	-	-	-	-	212
<heim>	Variação	-	-	32.8	-	-	-
	F0 Média	-	-	146	-	-	-

TABELA 08a: Valores de *pitch*: sexo masculino

<i>PITCH (HZ)</i>												
Efeito de Sentido		Monitoramento	Rememoração	Compreensão	Assentimento	Alegria	Interesse	Irritação	Surpresa/espanto	Incredulidade/ desconfiança	Indignação	Repreensão
<ah>	Variação	-	77.3	69.6	107	-	-	54.3	-	-	-	27.8
	F0 Média	-	273	228	304	-	-	347	-	-	-	195
<un?>	Variação	73	-	-	29.4	-	33.9	-	-	-	-	
	F0 Média	184	-	-	231	-	217	-	-	-	-	
<hu>	Variação	-	-	-	-	80.5	-	-	-	-	-	
	F0 Média	-	-	-	-	361	-	-	-	-	-	
<heim>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	105	
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	-	-	311	
<an-ahm>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	-	34.5	-	
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	-	251	-	
<an-han>	Variação	16.3	-	-	15.8	-	-	-	-	35.6	-	
	F0 Média	212	-	-	215.6	-	-	-	-	251	-	
<an?>	Variação	-	-	-	93.4	-	21.1	-	-	-	-	
	F0 Média	-	-	-	195	-	211	-	-	-	-	
<u-hu>	Variação	-	-	-	-	70.3	-	-	-	-	-	
	F0 Média	-	-	-	-	351	-	-	-	-	-	

TABELA 08b: Valores de *pitch*: sexo feminino

<i>PITCH (HZ)</i>													
Efeito de Sentido		Aborrecimento	Frustração/ Insatisfação	Reprovação	Deboche/ironia	Discordância	Negação	Afirmação	Hesitação	Incômodo	Avaliação	Ressentimento	Evocação de atenção
<ah>	Variação	95.9	38.8	99.6	89.4	44.2	-	-	-	-	-	78.6	-
	F0 Média	364	221	260	292	233	-	-	-	-	-	277	-
<hum>	Variação	-	114.5	59.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	F0 Média	-	338	377	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<heim>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	77
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	232
<uhm- hum:>	Variação	-	-	-	59.2	-	-	-	-	-	-	-	-
	F0 Média	-	-	-	244	-	-	-	-	-	-	-	-
<fum>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	-	115	-	-	-
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	-	306	-	-	-
<un-hum>	Variação	-	-	-	-	-	34.4	20.4	-	-	-	-	-
	F0 Média	-	-	-	-	-	204	218	-	-	-	-	-
<un!>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	35.8	-	-	-	-
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	334	-	-	-	-
<umm>	Variação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	36.2	-	-
	F0 Média	-	-	-	-	-	-	-	-	-	196	-	-
<uhm>	Variação	-	-	61.7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	F0 Média	-	-	356	-	-	-	-	-	-	-	-	-

TABELA 08c: Valores de *pitch*: sexo feminino

É importante frisar que alguns elementos paralinguísticos ocorreram apenas 1 (uma) vez em todo o *corpus*. Todavia, consideramos importante destacá-los aqui tendo em vista que, apesar de constituírem emissões sonoras menos frequentes na fala, apresentam relevante valor significativo para a expressão das emoções/attitudes pretendidas pelos falantes. Apresentaremos, nesse sentido, apenas os valores de F0 mínima e F0 máxima, bem como a F0 média dessas emissões, já que não é possível calcular a variação de *pitch* por insuficiência de dados:

<u h m- hum::>	<i>F0 mínima</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	109	-	-
	<i>F0 máxima</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	382	-	-
	<i>F0 média</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	270	-	-
<u h m>	<i>F0 mínima</i>	-	-	-	-	-	261	-	-	-	-	-	-	-
	<i>F0 máxima</i>	-	-	-	-	-	301	-	-	-	-	-	-	-
	<i>F0 média</i>	-	-	-	-	-	288	-	-	-	-	-	-	-

TABELA 09: Valores de *pitch*(voz feminina) de elementos paralinguísticos com apenas 1 (uma) ocorrência no *corpus* cada.

Os resultados apresentados nas tabelas 08a, 8b e 8c permitem observar significativa variação do *pitch* em um mesmo elemento paralinguístico quando demonstrando emoções e/ou atitudes diferentes. Os valores mais altos do *pitch* foram observados tanto em emissões consideradas mais breves, quando as consideradas mais longas, no que diz respeito à duração sonora. O que nos mostra que as propriedades prosódicas Duração e Frequência fundamental correlacionam-se para a expressão de diferentes sentidos.

Em relação à análise, verificamos que a maior variação do *pitch* se deu, de modo geral, em emissões que demonstravam *assentimento, frustração/insatisfação, indignação, incômodo e aborrecimento/descontentamento/chateação*. A emissão desses elementos se caracterizou, em geral, por um *pitch* mais agudo e ascendente. Por outro lado, as menores variações do *pitch* se deram em elementos que expressaram *monitoramento, afirmação e interesse*, caracterizando-se por um *pitch* grave e menor duração das emissões.

Em elementos específicos apresentados na tabela 09, como o <um::-u h m>, demonstrando irritação; <UN?>, cuja introdução no discurso revelou a descrença do interlocutor em relação ao que ouvia; <an::-han::-hum> e <UN::> expressando deboche/ironia, observamos uma acentuada variação na altura adotada para sua emissão, o que parece contribuir para a realização do sentido pretendido pelo falante.

Com a análise dos valores da F0, constatamos que:

- a) Na produção de um elemento paralinguístico, o falante faz uso de entoação ascendente, descendente e nivelada para manifestar sentidos específicos ou para assegurar um sentimento ou uma opinião diante do seu interlocutor;
- b) O movimento do *pitch* contribui de forma significativa para a manifestação expressiva dos elementos paralinguísticos, acentuando-se de acordo com as necessidades do falante em demonstrar diferentes sentidos;
- c) A frequência fundamental revelou-se importante fator de ênfase em algumas emissões paralinguísticas, ratificando o postulado de Houlst (2004) a respeito da contribuição desse parâmetro acústico para a manifestação expressiva na fala;
- d) A variação na frequência de *pitch* revelou-se um parâmetro usado pelo falante para manifestar diferentes sentidos usando um mesmo elemento paralinguístico, de tal forma que lhe seja possível demonstrar seu estado emocional e/ou de atitude em relação ao outro ou ao tópico discursivo.
- e) A variação na F0 se mostra de forma mais acentuada quando o falante intenta enfatizar sua participação na interação comunicativa ora demonstrando cooperação, participação e/ou compreensão ora revelando sentimentos, atitudes e opiniões em relação ao parceiro na enunciação ou ao tópico conversacional. Por isso, algumas das ocorrências analisadas apresentaram valores mais altos de *pitch* adotados pelo falante em sua enunciação do que outras que manifestaram o mesmo sentido;
- f) Nas realizações do elemento <*ah*>, cujas ocorrências sinalizaram vários sentidos diferentes, observamos que houve variação mais expressiva do *pitch* na manifestação de sentimentos como irritação, aborrecimento, deboche, frustração e surpresa/espanto. Acreditamos que isso se deva à função emotiva que esses elementos desempenharam na cadeia da fala. Em outras ocorrências, nas quais não houve emprego de emoção, vimos que a altura atingida foi mais

baixa, salvo algumas realizações sonoras em que o interlocutor enfatizou a emissão do elemento paralinguístico para demonstrar sua compreensão ou rememoração de um fato.

Em síntese, a F0 funciona como um recurso prosódico que contribui para a manifestação paralinguística na fala e, conseqüentemente, para a efetivação da fala expressiva, possibilitando, assim, que os falantes troquem não apenas informações, mas também expressem sua reação diante do outro (Campbell, 2002a, 2003); Hout (op. cit.).

4.3.3 Silabação

Observamos em nossa análise que alguns elementos paralinguísticos apresentam uma propriedade muito saliente em sua produção – a silabação. Esta propriedade revela-nos que não se trata simplesmente da repetição de um mesmo item, mas de uma produção sonora com mais de uma sílaba. Vejamos a descrição desses elementos:

a. Duas sílabas

Identificamos no *corpus* as seguintes emissões paralinguísticas com duas sílabas: <*an-han*>, <*un-hun*>, <*un-hum*>, <*an-ahm*>, <*u-hu*>, <*hem-heim*>, <*hu::-hum*>, <*uhm-hum*>, <*uhm-hum*>, <*umm::-uhm*>, <*han-han*> e <*an::-han::-hum*>. O gráfico 07 mostrará o número de ocorrências desses elementos.

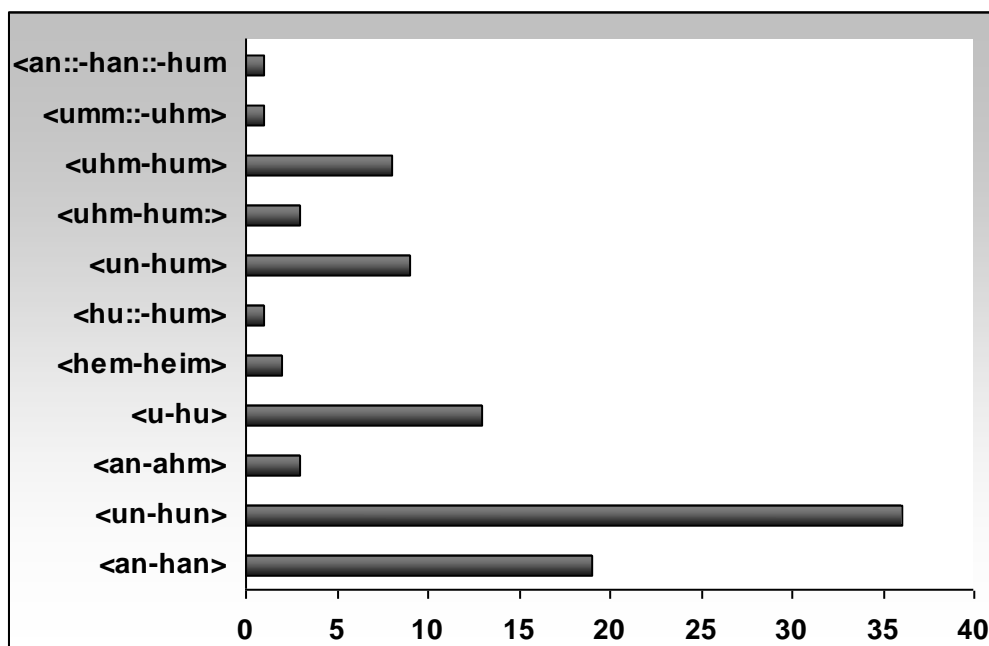


GRÁFICO 07 – Número de ocorrências de elementos de duas ou mais sílabas identificados no *corpus*.

A partir do gráfico 07, observamos a frequência expressiva desses elementos de duas sílabas nos fragmentos de fala analisados, o que parece revelar uma preferência dos interlocutores pelo uso dessa propriedade para expressar determinados significados.

Sobre a silabação, Ward (2004) argumenta que sua ocorrência frequentemente sinaliza a intenção do interlocutor em se manter no papel de ouvinte. Em relação a esta argumentação, podemos destacar os elementos *<an-han>* e *<un-hun>* cuja predominância no *corpus*, conforme o gráfico 07, é nítida. Esses elementos são chamados de marcadores do ouvinte (Urbano, 1993), visto que, geralmente, aparecem como sinalizadores de atenção e/ou de interesse, valendo-se como “estou entendendo; prossiga”. Em nosso *corpus*, também identificamos que esses dois elementos manifestam cooperação, ou seja, o ouvinte parece manifestar sua aprovação em relação ao que seu interlocutor fala. O elemento *<hem-heim>*

apareceu apenas duas vezes no *corpus*, desempenhado ora papel de sinalizador de atenção ora de interesse.

Esses elementos parecem revelar que a pessoa não tem intenção de contribuir com qualquer informação para o andamento da conversa, isto parece ser evidenciado pelo fato de que eles não aparecem com outros papéis discursivos, como ocorre com outros elementos.

Sobre o postulado de Ward (*op. cit.*) a respeito da propriedade silabação e de sua relação com a intenção do falante em se manter no papel de ouvinte passivo na interação, importa-nos comparar os itens multi-silábicos com os uni-silábicos cujas funções identificadas em nosso *corpus* sejam semelhantes. Vejamos o gráfico 08:

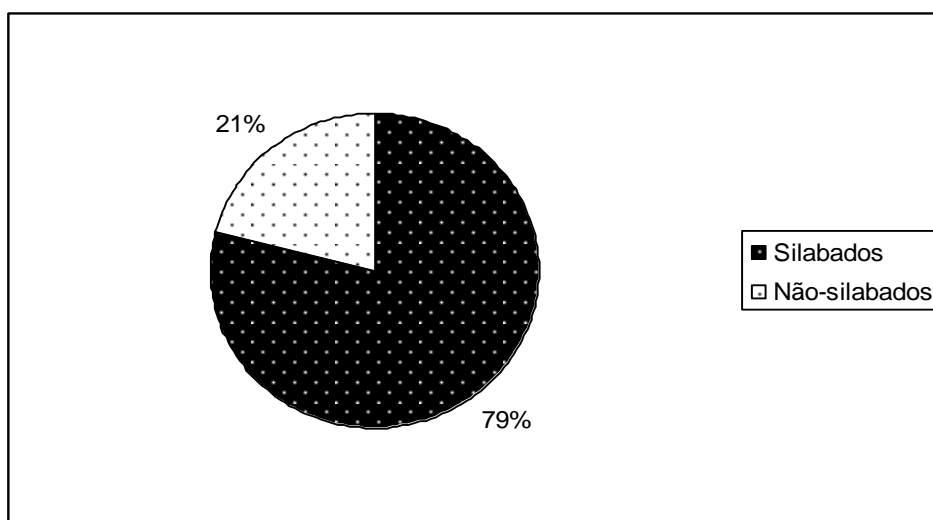


GRÁFICO 08 – Comparação entre os elementos paralinguísticos silabados e os não-silabados.

O gráfico 08 revela que 79% (92 de 94) dos elementos paralinguísticos de duas sílabas, citados acima, parece sinalizar apenas assentimento, atenção e/ou apoio ao falante. Em contraste, apenas 21% (24) de elementos com uma única sílaba - <an?>e <un?> - foram

produzidos para expressar o mesmo sentido. Assim, nos parece que numa interação face-a-face, os ouvintes preferam emitir esses elementos paralinguísticos com duas sílabas, cujo papel maior seja o de sinalizar atenção e/ou participação ao interlocutor.

Todavia, essa propriedade não é única desses elementos monitoradores do ouvinte (Fávero, Andrade & Aquino, 2001). As emissões paralinguísticas de duas sílabas <*an-ahm*>, <*hu::-hum*>, <*uhm-hum*>, <*uhm-hum:~*> e <*umm::-uhm*>, em contraste com aquelas mencionadas acima, não contribuem de forma passiva para a conversação, já que carregam um conteúdo expressivo e, por isso, assumem um papel de expressar emoções e/ou atitudes do interlocutor. Os outros elementos de duas sílabas identificados, como <*u-hu*>, conforme veremos no quinto capítulo, também tem conteúdo expressivo, entretanto, assim como os elementos <*an-han*> e <*un-hun*> são emitidos pelo ouvinte como uma sinalização de participação no ato interacional.

b. Três sílabas

Um dos informantes produziu uma emissão paralinguística de quatro sílabas <*an::-han::-hum*>. Como esta vocalização ocorreu apenas uma vez em todo o *corpus*, podemos presumir que se trata de uma ocorrência não muito comum. Esse elemento também foi emitido pelo ouvinte – participante ativo da conversa –, entretanto, sua função não foi apenas de sinalizar compreensão e/ou participação, mas de exprimir um estado emotivo.

A respeito da silabação, destacamos ainda a questão do tempo de duração dado em cada sílaba. Vimos nas seções 4.3.1 que a duração de alguns elementos paralinguísticos contribui para a expressão do sentido pretendido pelo falante e para atribuir ênfase à emissão. Em alguns casos, como o de <*hu::-hum*> e algumas realizações do elementos <*an-han*> e

<*u-hun*> percebemos que a maior duração dada à primeira ou à segunda sílaba possibilita um movimento ascendente na curva melódica, dando, assim, ênfase ao elemento paralinguístico.

Conforme vimos, a propriedade silabação, muito comum aos elementos paralinguísticos, parece revelar ora a intenção do ouvinte em não contribuir com informações propriamente ditas para a conversa, indicando ao seu interlocutor que está satisfeito em permanecer em silêncio ora a expressão de emoções e/ou atitudes em relação ao interlocutor ou ao assunto da conversa.

4.4. Considerações Finais

Neste capítulo, destacamos propriedades fonéticas relacionadas à expressividade dos elementos paralinguísticos no discurso falado para demonstrarmos a importância das variações prosódicas na realização desses itens não-lexicalizados. A análise desses recursos comunicativos nos mostrou a contribuição de dois parâmetros acústicos: a frequência fundamental (F0) e a duração, para a manifestação do sentido de uma realização paralinguística.

Sobre a F0, constatamos que na manifestação de sentimentos, como irritação, surpresa, deboche entre outros, tende a ser mais elevada do que nas realizações mais passivas, como monitoramento, assentimento e outros. Verificamos também que para a promoção de efeitos expressivos diferentes de um mesmo elemento, há uma considerável variação na frequência fundamental. Assim, acreditamos que esse fator prosódico exerce papel determinante na atribuição de sentido das emissões paralinguísticas.

Na análise da duração, observamos que há forte relação entre o tempo de emissão do elemento paralinguístico e a ênfase que este recebe. Constatamos que quando o falante deseja

ênfatizar o sentido de um dado elemento, ele pode conferir-lhe uma duração maior que contribuirá para a manifestação do efeito pretendido. Além disso, vimos também que a duração funciona como um importante caracterizador da manifestação paralinguística.

Destacamos, além desses dois parâmetros prosódicos, a propriedade silabação que se mostra saliente num grande número de elementos paralinguísticos. Essa propriedade fonética mostrou-se bastante produtiva na realização paralinguística, visto que possibilita ao falante modificar o efeito expressivo de um elemento ou produzir novos elementos paralinguísticos pela inclusão de uma ou mais sílabas.

Em suma, a análise realizada nos revelou que os elementos paralinguísticos são caracterizados pela variação prosódica, como a duração e a Frequência de *pitch*, que contribuem para a manifestação ou modificação do sentido pretendido pelo falante. Assim, na cadeia da fala, há pistas prosódicas que possibilitam a realização dos elementos paralinguísticos, carreando informações sobre as atitudes e/ou emoções do falante.

CAPÍTULO V

ANÁLISE PRAGMÁTICA DOS ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS

“[...] As pessoas falam não apenas para negociar informação, mas também para expressar relações, o que fazem normalmente por meio de sons não-lexicalizados [...]”⁴⁷.

(Nick Campbell)

⁴⁷ Nick Campbell (2002a, p. 01, tradução nossa).

5.1. Considerações iniciais

Conforme vimos no terceiro capítulo, a paralinguagem assume uma função expressiva no canal da fala, haja vista este fenômeno ser o responsável pela informação de atitudes, intenções e emoções do falante (Campbell (2002a, 2002b, 2003 e 2004), Campbell & Ishi (2004), Maekawa (2004), Fujie *et al* (2004), Hoult (2004), Key (1958) *apud* Steimberg (1988). Nesse sentido, neste trabalho, procuramos destacar a contribuição dos elementos paralinguísticos para a produção da fala expressiva nas interações face a face.

O processo de análise acústica revelou que os elementos paralinguísticos são usados intencionalmente pelo falante em determinadas situações de fala para expressar uma variedade de efeitos pragmáticos numa conversação. Desse modo, o falante faz uso desse tipo de expressão não lexicalizada (Ward, 2004) para negociar opiniões, chamar a atenção do interlocutor, sinalizar compreensão e reconhecimento de determinado assunto e/ou para expressar afeto, emoções e atitudes em relação ao que é tratado na conversa.

Nesse sentido, destacaremos neste capítulo as funções e os efeitos de sentido que os elementos paralinguísticos encontrados no *corpus*, por ventura, revelem no contexto conversacional, bem como sua importância nas trocas conversacionais.

5.2. Sinalizadores de compreensão, de participação, de interesse e/ou de assentimento

No *corpus* deste trabalho, identificamos alguns elementos cujo papel maior de contribuidores para fluência do discurso, bem como de reveladores de interesse, de convergência, de atenção no ato conversacional e de outros sentidos, realçam o discurso falado. Destaquemos os seguintes elementos: <*un-hun*>; <*an-han*>; <*han-han*>; <*un-*

hum>; <*ah*>; <*hem-heim*>; <*un?*>; <*un!*>; <*an?*> e <*heim*>, os quais descreveremos a seguir.

5.2.1. Sinais de monitoramento do ouvinte

Em nosso estudo, observamos que alguns elementos paralinguísticos, muito comuns na fala espontânea, têm a função única de sinalizar ao interlocutor que o ouvinte está participando da interação ou compreendendo o que está sendo dito. Dessa forma, os interlocutores, numa dada conversação, ao usarem esse tipo de expressão não-lexicalizada conseguem manter a fluência da cadeia da fala. Estes elementos têm como característica básica a função de marcador discursivo, visto serem expressões que não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do tópico conversacional, todavia, permitem que a conversa seja levada adiante, informando que o interlocutor está ora compreendendo ora concordando com o que foi dito. (Marcuschi, 2003). Em nosso *corpus*, identificamos os seguintes elementos <*un-hun*>, <*an-han*>, <*an?*>, <*un?*>, cujo papel de monitoradores mostrou-se relevante para o desenrolar da conversação. Vejamos sua ocorrência no exemplo⁴⁸ a seguir:

Exemplo 01: L1 narra o acidente de seu cunhado.

⁴⁸ Para transcrição manual destes exemplos foram utilizadas as sugestões de transcrição propostas por Marcuschi (*op. cit.*), com exceção das “carinhas” para indicar riso, sugeridas por Eulália Toscano (Informação fornecida em sala de aula durante o curso da disciplina Análise da conversação, ofertado pelo Curso de Mestrado em Letras, em Belém, em 2004).

L1: /.../ aí eli subiu aí quandu chegô nu meu du coqueru daquelis bem altu (+) deu uma câimbra neli sabi? eli nãu conseguiu si segurá eli caiu (+) eli caiu in pé	1 2
L3: <un-hun>	3
L1: mas aquele choqui deu um disviu na coluna deli	4
L3: <hu::>	5
L2: <un-hun>	6
L1: aí eli (+) gritô pur socorru aí u homi (+) socorreu logu eli aí entrô logu nu carru e veiu ai eli dissu qui gasta quarenta i cincu minutus (+) di:: di bragança até:: (+) u sítu da mãi deli mas aí eli gastô só:: (+) só meia hora diz quelu passava viradu nu bodi aí diz qui tavu só faltavu vuá di dentru du carru	7 8 9 10
L3: <an-han>	11
L1: mas aí lá eli bateu um monti di raiu x sabi pensavu quelu num fossi si salvá dois mesis depois sabi?	12 13
L3: <an?>	14
L1: eli já cumeçô logu a andá (+) é porque u doutô passô um remédu que ajudava a volta us movimentu du corpu sabi?	15 16
L2: /.../ eli cagava na rôpa nera nici tudin nera na fralda descartável ?	17
L1: era na fralda descartável até eli dissu pensi num/ pensi numa humilhaçãu quelu passô	18
L3: quan/quantus anus eli tem?	19
L1: eli tem vinti i novi anus	20
L3: i passô quantu tempu?	21
L1: passô dois mês pra si recuperá	22
L3: <un-hun>	23
L1: aí já cum três mês	24
L3: cum três mesis só?	25
L1: sim ta cum três mesi	26
L3: <an?>	27
L1: só quelu inda tem um pocu di deficiênci nus braçu ((incompreensível)) já fala normalmenti eli já foi recebe u desimpregu deli	28 29
L3: <ah> eli perdeu um impregu	30
[
L1: não eli ta/eli trabalha na gasclubi i na central supermercadu	31 32
L2: pois é	33
L1: di cobradô i:: (+) intregandu assim carta	34
L3: <an-han>	35
L2: cobrandu né nici?	36
L1: é cobrandu	37
L2: <umm>	38
L1: resolvi tudu é u braçu direitu sabi? lá da mulhé (+) mas só qui comu eli si	39
[
L2: <un-hun>	40
acidentô (+) aí (+) um dia um dia antis deli voltá pru serviçu eli si acidentô	41
L3: <un?>	42
L1: aí tiraru u benefiçu pegararu u laudu médicu	43

L3: eu sei	44
L1: meu maridu passô (+) duas semana sem trabalhá cum/ lá in belém minina	45
L2: cum eli nici?	36
L1: foi	47
L3: mas ondi foi queli foi consutadu in belém?	48
L1: primeru nu ofir loyola né?	49
L3: <an-han>	50
L1: depois nu ordem terceira foi internadu	51
L3: <umm> /.../	52

Notemos que no exemplo (01), os elementos paralinguísticos em destaque exercem o papel de sinalizadores de participação por parte do interlocutor, por haver necessidade deste demonstrar que está participando da conversação. Nesses casos, podemos dizer que esses elementos funcionam como sinais de monitoramento (Fávero, Andrade & Aquino, 2003), orientando o locutor a continuar sua fala. Sobre esses sinalizadores, ressaltamos, ainda, que o ouvinte parece ser motivado a produzi-los durante uma pausa do parceiro, informando que está ouvindo e compreendendo o que está sendo dito. Neste exemplo, <un-hun>, <an-han>, <an?>, <un?> parecem revelar essa característica de “preenchedores” de pausa (Ward, 2004), já que são produzidos pelo ouvinte em momentos de pequenos silêncios na fala do seu interlocutor.

A produção desse tipo de marcador regulador é muito comum em conversas como essa do exemplo (01), no qual o ouvinte, por desconhecer a história que lhe está sendo contada, não tem nenhuma informação para adicionar, e por isso, apenas emite, na maioria de suas intervenções, elementos paralinguísticos. Esse tipo de produção é realizada, geralmente, durante momentos de silêncio do falante, como se o ouvinte percebesse que seu interlocutor deseja receber algum tipo de manifestação acerca do que fala, o que talvez ocorra porque o falante, em uma interação face a face, sempre espera que seu interlocutor se pronuncie sobre o que lhe é transmitido, concordando ou discordando.

5.2.2. Sinalizadores de assentimento

Alguns elementos paralinguísticos identificados no *corpus* usado revelaram-se como sinais de convergência no ato conversacional (Marcuschi, 2003). Estes elementos, a saber, <un-hun>, <an-han>, <an?>, <un?>, <hem-heim>, <ah> e <han-han>, em nosso entendimento apareceram como sinalizadores de assentimento em alguns dos fragmentos de fala analisados em nosso trabalho. Vejamos os exemplos seguintes:

Exemplo 02: Os interactantes conversam sobre a secretária doméstica contratada por L2.

L2: /.../ i ela foi trabalhá lá in casa trabalhô um di/dois dias ela só gostava di la/di lavá a loça i lavá ropa (+) ela não varria a casa (+) <AH> vizinha eu num gustu foi só di::	1
limpá casa nãu foi só um dia notru dia ela <ah> eu vô viajá i voltu só sigunda té hoji (+) foi imbora	2
L1: a mãe da minina qui trabalha na tua casa agora?	3
L3: <un-hun> (+) ela dissi qui dá a doida ela vai pra rossa foi pra rossa (+) é (+) discascá mandioca	4
L1: é	5
L3: pareci qui é dois reais quelas ganham num cestu ô um real	6
L1: deus mi livri	7
L2: é pra discascá maniva	8
L1: <uh!> é /.../	9
	10
	11
	12

Exemplo 03. L1 conta para L2 sobre a separação matrimonial de sua irmã

L1: /.../ a katinha num era pra tê saídu daquela casa né?	1
L2: <an-han>	2
L1: i a outra cãs/ lá quera nu nomi dela ela pa passô pu nomi deli	3
L2: nãu tem qui ficá na rua da amargura é doida mas eu num tinha dadu era NADA	4
[5
L1: ☺ ☺ mana	6
pra quelu homem	7
L1: i eu? digu U QUÊ?	8
L2: eli pidiu prela assiná i ela assinô?	9
L1: ela assinô	10
L2: PURQUÊ ela ficô cum medu deli batê nela	11
L1: porque ela GOS::ta negóciu é qui ela gosta du trasti du/	12
L2: tu num mi diz quella inda gosta du gilvan (+) eli chutandu a bunda dela	13
[
L1: gosta sim	14
L1: gosta (+) ela gosta sim	15
L2: gilvan passandu merda na cara dela ela inda gosta deli	16

L1: gosta (+) <ah>	17
L2: eu <heim>/.../	18

Exemplo 04. L1 e L2 conversam sobre uma conhecida viciada em drogas.

L2: /.../ i lá na facudadi quantas pessoas tu acha qui fumam maconha numa sala di aula? <hum> (+) égua é MUITU alunu (+) tu lembra da lia a liazinha?	1 2
L1: <un?>	3
L2: a lia foi (+) istudá lá na unama si acabô cum droga ela dissu quela num sabi nem pra quem ela perdeu a virgindadi dela	4 5
L1: a lia?	6
L2: a liazinha piquininha qui andava cum a val (+) a tia dela levô ela imhora pra suíça pra tomá conta dela quela indo/do/indoideceu usava maconha diretu vivia nessas	7 8
[
L1: pois é	9
festa reivi fazendu doidici bebendu só vivia drogada (+) si acabô a lia	10
L1: meu deus du céu (+) mas é um viciu né?	11
[
L1: hoji in dia ela só usa cigarru	12
L2: agora é uma tristeza uma minina daquela buinitinha tevi a tia deu di tudu pra ela foi si acaba na universidadi	13 14
L1: u cara qui usa droga pra mim é uma porcaria	15
L2: <an-han>	16

Exemplo 05. Os interactantes conversam sobre as saídas misteriosas da mãe de L1.

L1: tu lembra tu tempu queu ti conheci? (+) queu ia pra tua casa todum dmingu?	1
L2: lembro	2
L1: chegava lá sabi? (+) a mãi da s. dizia qui todum dmingu ia pu terrenu (+) sabi?	3
L2: <an?>	4
L1: aí eu pegava ela pa vim di lá pó bichu a tua mãi gosta muito di andá pressi seti (+) todum dia vai pu terrenu nera?	5 6
L2: aí eu mintia pu j. dizendu quel aia mesmu /.../	7

Exemplo 06. L1 conta sobre uma brincadeira de seu filho pequeno.

L1: eu tava sentadu lá né? aí u luquin/ eu tava sentandu aí u luqinha chega u luquinha	1
é sem vergonha né? (+) pois u sem vergonha num peida na minha cara u luquinha pai	2
((incompreensível)) (+) rapaz eu olhei pra cara du luquinha bichu essi mulequi é sem	3
vergon	4
ha mesmu (+) eli puxô pra família du papai mesmu qué assim	5
[
L2: ☺ ☺	6
L2: <han-han> ☺	7
L1: tem essas presepada né? (+) aí sai achandu graça (+) ela dissu qui nu dia qui um/	8
filhu dela fizé issu ela vai DALHI TANTU (+) vai dalhi tanta PAULADA nu filhu qui	9
qué vê u filhu ALEJADU (+) digu <ah> é eu num façu issu nãu tem precisãu deu faze	10
issu nãu dexa u mininu pô	11
L2: eu <heim>	12
L1: é uma criança (+) num chamu palavrãu u mulequi (+) nu chama é muito ruim	13
a/a/assim pô a (+) ninguém foi criadu assim aqui in casa num queru meus filhu assim	14
né pai?	15
L3: meu avô dizia meu filhu (+) a genti casa cum a família	16
L1: ☺ /.../	17
L3: primeru tu vai olhá	18
L1: <un?>	19
L3: primeru tu vai olhá a família antis di si metê /.../	20

Exemplo 07. L1 e L2 conversam sobre preferências alimentícias dos filhos ainda bebês.

L1: u juã vitu bota café cum leiti eli num toma	1
L2: <uh!> (+) intãu u queli comi nada?	2
L1: eli toma café pretu toma sucu sabi?	3
L2: dá trabalho nãu né? /.../ podi inventá sucu pru marquinhu podi inventá sucu pru	4
marcu eli gosta muito /.../	5
L1: pois é eli é mei pé duru num gosta di fruta nãu é uma luta pra adulá queli eli acha	6
queli pensa qué remedi (+) mas si dé um canudu pra eli minha filha eli arrocha	7
L2: <hem-heim>	8

Exemplo 08. L1 e L2 conversam sobre preferências alimentícias dos filhos ainda bebês.

L1: /.../ eu só to ficandu mesmu cu jusé porque eli dissu pra mim queli NÃU BEBI	1
NUM FUMA (+) i quase nãu anda in festa (+) é purissu queu to ficandu cum eli nãu	2
gosta di/	3
[
L2: mas eli nãu gosta nãu i	4
tu cheia di festa ☺	5
L1: <ah> é porqueu sô ratu di festa mesmu seli mi quizé é assim si num mi quizé (+)	6
L2: <AH> ma você tá (+) errada /.../	7

Os exemplos (02), (03), (04), (05), (06) e (07) mostram trechos de fala em que há a ocorrência de emissões paralingüísticas cujo papel maior na cadeia conversacional é o de sinalizar assentimento. Nesses exemplos, além de sinalizarem um ato cooperativo, os elementos paralingüísticos destacados também tem um conteúdo referencial, pois consistem numa expressão de concordância do ouvinte em relação ao que o falante disse. Esses elementos paralingüísticos parecem também monitorar o falante quanto à recepção positiva das informações, por isso concordamos em chamá-los de marcadores de assentimento do ouvinte. O elemento paralingüístico <ah> mostrado no exemplo (08) já não representa mais apenas um sinal do ouvinte. Neste caso, em particular, além do interlocutor assentir com o que foi falado pelo outro, ele também contribui com informações para a conversação. A ocorrência <ah>, assim como as outras citadas nesta seção, parece funcionar como um marcador conversacional que colabora para a fluência do discurso.

5.2.3. Sinalizadores de afirmação e negação

O elemento paralingüístico <un-hum> assume no discurso falado um papel de partícula assertiva, visto que passa a informação de que o interlocutor está compreendendo o que lhe é dito. Sua função no texto é possibilitar a fluência do discurso. Vejamos uma ocorrência desse elemento no excerto de fala a seguir:

Exemplo 09. L1 conta parar L2 sobre a nova aventura amorosa do ex-cunhado.

L1: /.../ i agora essi ajuntô cum essa (+) foi na loja i comprô di tudu dentru duma casa	1
L2: eli u gilvan?	2
L1: sim	3
L2: minina eli já tá morandu cum a otra?	4
L1: já::	5
L2: <ha::>	6

L1: tu num sobi nãu queli troxi a mulhé du cara lá di salinas? (+) ela era (+) tinha	7
porque ela num tem um depo/ eli num tem um depósiu lá in salinas	8
L2: <un-hun>	9
L1: ela era casa/ ela qui morava na casa cum maridu dela elis qui tomavu conta lá du	10
depósiu di lá	11
L2: <un-hun>	12
L1: elis moravu na casa também	13
L2: <un-hum>	14
L1: era é ela	15
L2: (+) mana vô ti falá um negóciu	16
L1: era ela	17
L2: mas olha (+) eli faz issu (+) SÓ (+) pra depois dá um chuti na bunda eli gosta	18
mesmu di colecioná mulhé	19
L1: é (+) achu queli qué batê u recordi /.../ agora num sei si essa aí vai pegá um filhu	20
num sei si ela podi tê filhu né?	21
L2: ela tem dois?	22
L1: tem duas mininazinha	23
L2: i troxi as minina juntú	24
L1: TROXI	25
L2: <ha::> meu deus du céu <uhm-hum> /.../	26

Neste trecho de fala, o elemento <un-hum> aparece com um sentido afirmativo, ou seja, nesse caso, o interlocutor produz a emissão vocálica para declarar ao seu parceiro sua compreensão e/ou concordância com o que está lhe sendo dito, bem como para assegurar sua participação na conversa. Todavia, em outras amostras de fala, essa mesma emissão vocálica aparece como uma negação. Vejamos:

Exemplo 10. Os interactantes conversam sobre os problemas que a irmã de L1 tem enfrentado com o ex-marido.

L1: /.../ mas si ela quizesse né? (+) ela juntava u dinheru i pa/ mas a katinha morri di medu deli morri di medu morri morri di medu (+) i eli só vivi aí só vivi <ah> si tu mi colocá na justiça (+) a j. ti contô num contô qui quandu eli botô eli na justiça eli quis tirá todas as coisas dela tudinha di lá?	1 2 3 4
L2: <un-hum>	5
L1: NÃU?	6
L2: <un-hum>	7
[
L1: uma vez quela botô aí foi a intima/ intimação né? qui chama (+) foi pra eli (+) aí eli pegô num domingu a genti foi pra mamai a genti vei cedu né? pareci quela tava adivinhandu aí s. eu vô fica aqui in casa eu dissi nãu umbora lá pra casa a genti veiu demoro muito a leni chego <ah> kátia a tãu tirandu as tuas coisa lá di dentru da tua casa (+) a bichinha foi disisPERAda pra lá (+) elis tavau tiranu tudu (+) quandu ela chegô já tavu colocandu a cama aí quela foi si humilhá lá elis colocar di volta	8 9 10 11 12 13 14
L2: <nu...>	15
L1: u bichu é tãu safadu j. nessi dia eu fiqui cum tan/ (+) depois eli foi u irmão deli qui foi depois aí eli ligô né? aí eli ainda tava lá <ah> <clique> a genti tava acabandu ela chegô aqui ó! /.../	16 17 18

Verificamos que no exemplo (10), o elemento <un-hum> aparece com um sentido negativo. Ele entra no discurso como resposta à pergunta de L1, revelando a este que L2 desconhecia a informação que ouvia. Ressaltamos que as duas ocorrências (linhas 05 e 07) têm o mesmo sentido negativo. Sobre esse elemento, parece-nos que o sentido afirmativo lhe é atribuído apenas quando ele aparece como monitorador do ouvinte e, portanto, poderíamos também categorizá-lo como um sinal de monitoramento. Todavia, preferimos destacá-lo com outra nomenclatura para acentuar os dois sentidos que ele encerra. As ocorrências desse elemento no *corpus* mostram-nos que quando ele se configura numa resposta ao interlocutor, ou seja, quando apresenta uma referência ao que o falante disse, seu sentido passa a ser negativo.

5.2.4. Sinalizadores de interesse

Em nossa análise, identificamos dois elementos paralinguísticos - <an?> e <un?> -, que, em algumas ocorrências, parecem expressar um interesse do ouvinte em relação ao que é dito por seu interlocutor. Observemos o exemplo (11):

Exemplo 11. Os interactantes comentam sobre o valor do cachê de uma cantora famosa.

L1: /.../ tu sabi quanté qui tá u show da iveti sangalu?	1
L2: <un?>	2
L1: QUATRUCENTUS MIL reais	3
L2: meu deus i alguém paga issu?	4
L1: qui si num paga (+) eu achu qui a calipsu cobra cem mil	5
L2: é purque u/u pur exemplu u u zezé di camargu i lucianu cobravam setenta mil né?	6
L1: antis (+) agora aumentô (+) u dela é quatucentus pau /.../	7

Neste trecho de fala, a emissão sonora da linha 02 revela que o falante desconhece a resposta ao questionamento de L1. Nesse caso, o falante também faz uso do elemento paralinguístico para revelar seu interesse ou curiosidade em saber qual é o valor cobrado pela cantora famosa ou simplesmente para cooperar com o interlocutor. Assim, quando produz esse elemento o falante resume em uma só emissão sonora que não conhece a resposta e que também deseja sabê-la. Além disso, esse elemento possibilita ao interlocutor levar a conversa adiante, já que esse tipo de marcador conversacional motiva o falante a emitir mais informações sobre o tópico em curso. No próximo exemplo, verificaremos um trecho conversacional em que há a manifestação do elemento <an?> revelando também certo interesse do ouvinte:

Exemplo 12. Os interactantes comentam sobre o comportamento desonesto de uma vizinha.

L2: /.../ qué fazê academia quessi dinheru qui u governu dá	1
L3: genti essa minina é (+) doida muleca viu? (+) i aí ela pega di todú mundu?	2
[
L2: né doida?	3
L2: PEGA	4
L3: di graça?	5
L2: pega u cartãu da pobi da dona maria (+) fazê compra (+) a véa burra (+) ainda dá	6
[[
L2: <hu::>	L2: <ha::>
u cartãu	8
L3: nãu acreditu	9
L2: sabi lá sela menu paga lá nu carlitu eu achu qui nãu eu achu qui /.../	10
L3: <fum>	11
L2: qui é descontadu né j.? (+) peidô foi?	12
L3: fedendu issu aqui	13
L2: ☺	14
L3: porcaria	15
L2: <heim> j.?	16
L3: <an?>	17
L2: será qui já vem descontadu as coisas nu cartãu di aposentada?	18
L3: da ondi	19
L2: lá du carlitu	20
L3: vem nãu /.../	21

Neste exemplo, verificamos que a emissão paralinguística <an?> revela uma sinalização de atenção à evocação de L2, quando este insiste (linha 16) em receber uma resposta a sua pergunta. Esse elemento também parece expressar um interesse por parte de L3 em continuar a conversa após uma breve quebra do tópico conversacional.

As emissões <an?> e <un?> expressando interesse ocorreram poucas vezes no *corpus*. Do total de 45 (quarenta e cinco) ocorrências desses elementos, apenas 11 (onze) deles revelaram esse sentido na cadeia conversacional, o que nos leva a inferir que o efeito pragmático desses elementos se deve exclusivamente às intenções dos interlocutores.

A função desses dois elementos, quando revelando qualquer um dos sentidos citados – assentimento, interesse ou monitoramento - é orientar o falante a prosseguir com sua fala. Nos exemplos destacados (11) e (12), os elementos <an?> e <un?> não revelam uma intenção do ouvinte de se colocar em posição de falante, nem de contribuir com sua opinião. Sua intenção é apenas receber as novas informações que seu parceiro conversacional tem a lhe contar.

Além desses elementos, notamos também a ocorrência do elemento <hem-heim> com o mesmo sentido. Vejamos o exemplo:

Exemplo 13. Os interactantes discutem sobre o irmão de L2.

L1: /.../ EI vem cá	1
L2: sim (+) <hem-heim>	2
L1: (+) mas u fábiu inda vai fazê confusãu pelas coisa	3
L2: vai nãu (+) vai nada /.../	4

Ao emitir o elemento paralinguístico <hem-heim> , L2 demonstra interesse e atenção ao que L1, seu parceiro na interação, está por lhe dizer. É importante salientarmos que como se trata de uma discussão entre marido (L1) e esposa (L2), em que enfocam os problemas que o irmão dela por ventura lhes causaria, parece-nos normal que esta demonstre interesse em saber qual a opinião do marido sobre o assunto. A vocalização produzida por ela foi responsável por animar o marido a dar continuidade ao seu discurso.

A respeito das emissões paralinguísticas vistas até agora, devemos levar em conta que a maioria deles é produzida pelo ouvinte quando este apenas participa da conversa monitorando as palavras de seu parceiro conversacional. Isto quer dizer que não há uma tentativa do ouvinte em contribuir com informações para o tópico naquele dado momento.

5.2.5. Sinalizadores de recordação ou rememoração

Em nosso estudo, identificamos dois elementos paralinguísticos que parecem, em algumas ocorrências, sinalizar a recordação do falante a respeito de uma informação fornecida por seu parceiro na conversa. Esses elementos também têm um conteúdo referencial (cf. Urbano (1993), visto relacionarem-se ao que foi dito pelo interlocutor. Vejamos os exemplos:

Exemplo 14. L1 e L2 relembram uma apresentação de um cantor famoso em sua cidade.

L1: /.../ eu mi lembru uma vez tevi um comíciu in capanema (+) daí foi u jusé augustu	1
L2: <un?>	2
L1: ninguém foi qui ninguém acreditava quera u jusé augustu (+) i quem foi ainda dizia quera mintira	3
L2: purissu qui a a/	4
L1: <un!> pois é (+) intãu eu mi lembru qui num foi ninguém /.../ eu achei muita graça	5
nu dia num foi ninguém todú mundu dizia quera mintira (+) nãu era u jusé augustu é u cover /.../	6
	7
	8

Nesse caso, o elemento <un!> parece identificar um momento de rememoração de uma informação relacionada ao assunto que conversavam. Além disso, acreditamos que a produção desse elemento em posição inicial no enunciado seja um recurso utilizado pelo falante para chamar a atenção de seu interlocutor. Notemos que L1 rouba o turno de fala de L2, o qual estava formulando o que dizer, e que talvez, por isso, fez uso do elemento <un!> para avisar seu interlocutor que relembrou de mais informações sobre aquele tópico discursivo.

No exemplo a seguir, verificamos a ocorrência do elemento <ah> como sinalizador de rememoração:

Exemplo 15. Os interactantes conversam sobre o padrasto de L2.

L1: /.../ genti vê qui aquela cara eli é trabalhadô rapaz (+) genti vê né s. eli trabalhandu	1
quessi negóciu di relógiu	2
L2: <an-han> (+) ela fez foi lá tirá um impréstimu di mil reais pra eli	3
L1: <ah> tua mãe tirô dois impréstimu já num foi?	4
L2: foi /.../	5

No exemplo 15, <ah> introduz um ato de fala que informa a recordação de uma informação dada por L2 na conversa. Notemos que, nesse caso, o elemento paralinguístico tem um conteúdo referencial, pois relaciona a recordação de L1 com o conteúdo informacional emitido por L2. Nesse trecho de fala, assim, como em outros identificados no *corpus*, o elemento <ah> parece ser o responsável pela impressão do sentido de rememoração no enunciado, de modo que sua ausência comprometeria a intenção do falante em sinalizar ao seu parceiro conversacional que recordava do fato contado.

Importa-nos ressaltar, ainda, que o elemento paralinguístico <ah> aparece com bastante frequência no enunciado falado, parecendo funcionar também como marcador discursivo, visto auxiliar no desenvolvimento interacional em pauta e, de igual modo, não contribuir diretamente com mais conteúdo informacional. A respeito desse elemento, é importante salientarmos que este tem um status gramatical no PB, haja vista ser dicionarizado⁴⁹ e reconhecido como interjeição.

5.2.6. Sinalizadores de compreensão

Nesta seção, verificamos um outro sentido atribuído ao elemento <ah> no enunciado.

Vejamos um exemplo:

⁴⁹ Ver Ferreira (1993, p. 18). Nessa obra esse elemento é definido com uma interjeição que exprime admiração, alegria, espanto, etc.

Exemplo 16. As interactantes conversam sobre o súbito mal-estar de L2.

L1: tá passandu mal é s.?	1
L2: é	2
L1: porque?	3
L2: porque eu fui lá pra j. eu fui cumê bolu aí cumi aquela raspinha eu passei mal	4
L1: foi?	5
L2: <un-hun>	6
L1: mas qui diabu é issu já?	7
L2: eu num sei eu sinto issu faz é tempu (+) tá cum tá cum um anu queu sintu issu (+)	8
toda vez queu comu ovu ô alguma coisa qui tenha ovu eu ficu assim	9
L1: <ah>	10
[
L2: lembra daquela dia queu cumi aquela	11
pudim qui a j. fez pra ti?	12
L1: <an-han>	13
L2: eu num cumi dois pedaçu? (+) eu passei mal	14
L1: <ha::>	15
L2: que tinha ovu (+) a dona nena falô qué pra mim í nu médicu quissu é gravi	16
L1: <un-hun> /.../	17

Neste trecho de fala, o elemento em destaque sinaliza compreensão, ou seja, ao emití-lo o ouvinte revela que entendeu o motivo pelo qual seu parceiro passava mal quando comia bolo. Nesse caso, o elemento <ah> funciona como um ato de fala completo e aponta para a impressão do próprio interlocutor. Parece-nos que o ouvinte faz uso dessa emissão paralinguística apenas para sinalizar cooperação na conversação, já que não introduz nenhuma informação nova.

Vejamos uma outra ocorrência desse efeito de sentido:

Exemplo 17. Os interactantes discutem se havia ou não um cemitério no terreno onde construíram sua casa.

L2: /.../ ei rapaz qui era aqui era um salametériu	1
L1: era nada	2
L2: aqui era sim pô	3
L1: era nada	4
L2: era sim pergunta prus mais velhu aí	5
L1: <un-hum>	6
L2: pergunta prus idosu pra ti vê comu aqui era um cimitériu	7
L1: mãï aqui era um cimitériu?	8
L2: a mãï aqui aí cederu essi terrenu pa pra elis leva /.../	9
L1: ei mãï vocês num compraru essi terrenu?	10
L2: aqui era um cimitériu rapaz um cimitériu	11
L1: <heim>	12
L3: eu num sei compramu u terrenu i (+) u donu já dissu qui já tinha murridu	13
L2: já tava interradu aqui	14
L3: aqui num tinha ninguém interradu nãu	15
L1: <ah::> intãu u donu foi interradu aqui mas nãu era um cimitériu coisa particulá	16
L2: i a mulhé deli também a mulhé deli ta interrada aqui nessa passagi /.../	17

Neste excerto, o elemento <ah::> também sinaliza um sentido de compreensão. Ao produzi-lo de forma mais alongada (essa ocorrência apresentou mais de 500 ms de duração, destoando de outras produções desse elemento, por isso, optamos por identificá-lo como um elemento alongado, marcado na anotação por dois-pontos.), o interactante parece tentar realçar seu próprio entendimento a respeito do esclarecimento feito por L2 sobre o terreno comprado.

Em contraste com o sentido de compreensão descrito há pouco, identificamos uma única ocorrência no *corpus* que revelou um sentido contrário a este – a incompreensão. Vejamos o próximo excerto de fala:

Exemplo 18. L1 instrui seu neto a ler mais.

L1: /.../ lê é muito bom lê é uma é uma coisa boa pra/ (+) pra eu num tô lendu muito	1
porque meu óculos tá vencidu	2
L2: (+) intãu pega u meu vó	3
L1: <un?>	4
L2: intãu olha cum meu	5
L1: nãu	6
L3: ☺	7
L1: u teu (+) <AH> si u teu servissi pra mim tava bom /.../	8

Nesse trecho de fala, o elemento <un?> apresenta um sentido diferente daqueles observados até agora. Aqui (linha 04), verificamos a expressão de uma incompreensão do que foi ouvido. Nesse caso, o interlocutor (L1) quando reforça a entoação ascendente no ato da vocalização, o faz para acentuar a expressão de falha no entendimento do enunciado proferido por seu parceiro. Pondo em palavras o elemento paralinguístico <un?> nesse exemplo teríamos ‘*como?*’, ‘*o que você disse?*’. Assim, ele funciona como um marcador conversacional indagativo. A escolha do elemento paralinguístico além de possibilitar ao interlocutor expressar que não compreendeu o que L2 havia falado, também parece lhe ajudar a expressar seu interesse em saber o que seu parceiro tinha para falar.

Prefimos não criar uma categoria específica para esse sentido de incompreensão, pois como já mencionamos acima, houve apenas uma ocorrência isolada desse efeito expressivo.

5.2.7. Marcadores de hesitação

De acordo com Marcuschi (1989), a hesitação é um indício de dificuldade de formulação cognitivo/verbal, significando que, em todas as línguas, é possível interromper o fluxo conversacional para formular (achar) um termo adequado e completar a fala. Assim, a hesitação caracteriza-se como um processo prospectivo e não corretivo.

Em nosso estudo, identificamos dois trechos de fala em que o elemento paralinguístico parece revelar uma hesitação do falante. Vejamos essas ocorrências:

Exemplo 19. L1 conversa com a sobrinha sobre o presente que ela vai dá para a prima.

L1: /.../ que qui tu vai dá di presenti pra ela?	1
L2: é di bolinha candu a mamãi compá	2
L1: bolinha?	3
L2: é /.../ di pesenti	4
L1: <ah> di presenti tu vai dá boli::nha	5
L2: é di pesenti pa ela	6
L1: é tia?	7
L2: pa ela dá <un!> (+) pu neném dela	8

Exemplo 20. L1 questiona a sobrinha sobre o motivo de sua vontade de visitar o tio.

L1: /.../ qui tu vai fazê lá nu j.?	1
L2: brincá	2
L1: di quê?	3
L2: eu quelu vê u porcu	4
L1: <ah> u porquinho?	5
L2: é	6
L1: tu gosta du porcu?	7
L2: é	8
L1: u porcu é suju	9
L2: é nãu	10
L1: i u porcu é limpínu?	11
L2: é nãu	12
L1: i u porcu é u quê?	13
L2: (+) é <un!> (+) bunitu	14
L1: <ah> é bunitu /.../	15

Vericamos nos trechos conversacionais dos exemplos (19) e (20) que o falante depara-se com um problema de formulação durante uma enunciação, faz uma pausa, hesita e então acha um termo adequado para completar o enunciado. Nesses casos, é flagrante o sentido de hesitação do elemento paralinguístico.

5.2.8. Marcadores de evocação de atenção

Em nosso *corpus*, identificamos um elemento paralinguístico que, em alguns trechos conversacionais, parece assumir uma função de evocador de atenção. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 21. Os interactantes discutem sobre o que havia no lugar de sua casa antes que ela fosse construída.

L2: /.../ ei rapaz qui era aqui era um salametériu	1
L1: era nada	2
L2: aqui era sim pô	3
L1: era nada	4
L2: era sim pergunta prus mais velhu aí	5
L1: <un-hum>	6
L2: pergunta prus idosu pra ti vê comu aqui era um cimitériu	7
L1: mãi aqui era um cimitériu?	8
L2: a mãi aqui aí cederu essi terrenu pa pra elis levá	9
L1: ei mãi vocês num compraru essi terrenu?	10
L2: aqui era um cimitériu rapaz um cimitériu	11
L1: <HEIM>	12
L3: eu num sei compramu u terrenu i (+) u donu já dissu qui já tinha murridu	13
L2: já tava interrada aqui	14
L3: aqui num tinha ninguém interrada nãu	15
L1: <ah> intãu u donu foi interrada aqui mas nãu era um cimitériu coisa particulá	16
L2: i a mulhé deli também a mulhé deli tá interrada aqui nessa passagi /.../	17

Nesse exemplo, verificamos que o elemento em questão (linha 12), aparece como um evocador de atenção. O falante faz uso dele para chamar a atenção da mãe, que parecia distraída com outra situação. Nesse caso, o falante, que já se demonstrava irritado com a falta de resposta de seu interlocutor (L3), imprimiu uma acentuação na emissão desse elemento, deixando-o mais enfático, com a intenção de atrair a atenção de sua mãe, que mesmo depois de duas tentativas ainda não havia respondido sua pergunta. A ênfase dada na emissão desse

elemento paralinguístico parece reforçar a expressão de impaciência e/ou irritação do falante naquela dada circunstância.

Identificamos uma outra ocorrência bastante interessante desse elemento no *corpus*.

Vejamos:

Exemplo 22. Os interactantes falam sobre o súbito mal-estar de L2.

L1: /.../ senti dô nu istômagu?	1
L2: É MUITA bichinha chegu eu ficu fraca mi dá vontadi di caí	2
L1: mas ispera aí é dô di istômagu ô só diarréia?	3
L2: num mi dá diarréia nãu é só dô nu istômagu	4
L1: <umm> podi sê	5
L2: só seu cumê ovu otra coisa num mi dá di jeitu nenhum (+) só ovu	6
L1: tens qui procurá u gastrologista/	7
L2: <heim> <heim> <heim> (+) <hum> i eu/eu agora tem uma cocera qui pareci coru	8
pareci assim essi coru grossu grossãu di tantu eu coçá a dotora passô a u remédiu pra mim	9
sabi quantu é sessenta pau /.../	10

Decidimos destacar este trecho por conta da identificação de repetição do elemento <heim> na fala de L2 quando este deseja chamar a atenção de L1 para um outro problema de saúde que também estava sofrendo. Notemos que, nesse caso, a emissão desse elemento marca também um momento de hesitação em que L2 planeja a seqüência informativa que deseja transmitir em seu discurso.

Consideramos importante também citar mais um exemplo em que esse elemento paralinguístico aparece:

Exemplo 23. Os interactantes identificam o local onde L1 foi roubado.

L1: /.../ num tem a rua diretu? /.../ é pois é foi naquela rua (+) já lá pra cima	1
L2: e::ita	2
L1: lá pertu dondi tem umas manguera	3
L2: pra li quasi num tem mala <heim>?	4
L3: qual (+) a casa qui cô é a casa m.?	5
L1: é uma casa di barru qui tem (+) du ladu direitu (+) já lá pertu daquelas manguera	6

(+) foi lá queu vendi (+) daí dalgum passô né? i:: pegô só revendu lá eu vô pegá uma	7
pessoa pa descubrí	8
L2: <un?>	9
L1: cê vai vô (+) um (+) ladrãuzin assim	10
L2: mas u sinhô procurô direitu seu m.? será qui num	11
L1: precurei tudu aqui (+) eli/eli é desti tamanhu assim i tá tá todú dobradin	12
L2: <ah> /.../	13

Nesse caso, verificamos que a emissão de <heim>, linha 04, revela-se como um pedido de apoio ao interlocutor. Ele parece buscar uma aprovação discursiva nesse contexto de interação, ou seja, há uma expectativa de que os interlocutores envolvidos concordem com seu comentário de que há muitos ladrões no local onde L1 foi roubado. Nesse contexto, o elemento parece funcionar também como uma evocador de atenção.

5.2.9. Marcadores de discordância

A emissão paralinguística <ah>, em alguns fragmentos de fala analisados aparece com introduzindo um enunciado discordante. Vejamos dois exemplos:

Exemplo 24. Os interactantes conversam sobre a veracidade da notícia da morte de um primo.

L1: /.../ aqueli (+) pajé já morreu umas dez vez (+) depois queli foi pá belém rapaz eli	1
já morreu umas dez vez	2
L2: mas podi qi num seja mintira porque a tia graça nunca mais apareceu a genti nunca	3
mais tevi noticia delis (+) comé qui a genti vai sabê?	4
L1: <AH> eu achu qui num morreu nu primeru dia	5
L2: rapá eu vô ti falá a verdadi eu achu qui u deivi vai findá levandu farelu igual u	6
finadu betinha /.../	7

Exemplo 25. Os interactantes comentam sobre a mania de L1 comprar calcinhas.

L2: /.../ ela vai fazê (+) uma coleção lá nu quartu dela	1
L1: <ah> eu gostu porque as calça já fica folgada cum uma semana ☺ num presta mais eu já queru vistí outra ☺	2 3
L2: tá comprandu calça cara intãu	4
L1: NÃU (+) calça cara mas/	5
L2: nãu calça cara qui num presta in uma semana (+)	6
L1: nãu	7
L2: a mulhé ali vendi pur CINCU reais uma calcinha i ela di/diz qui in uma semana num presta mais (+) eu tenhu calcinha di um i cincuenta qui presta até hoji	8 9
L1: <AH> mas é lá in belém (+) mas nãu (+) aqui cincu reais é calcinha velha /.../	10

Nesses excertos de fala, o elemento paralinguístico em destaque parece reforçar a idéia de discordância pretendida pelo falante no enunciado. Acreditamos que a emissão desse elemento paralinguístico é uma escolha do falante para acentuar sua opinião contrária a do seu interlocutor a respeito do tópico discursivo.

Devemos levar em consideração que alguns dos elementos descritos nesta seção, <un?>, <an?>, <hem-heim>, <an-han>, <un-hun> e <han-han>, são produzidos pelo ouvinte quando este apenas participa da conversa ora monitorando o falante ora demonstrando interesse e participação no ato conversacional. Em outros enunciados como aqueles em que aparecem os elementos <ah>, <heim> e <un!>, conforme vimos em alguns exemplos há uma participação mais consistente do ouvinte, visto que este também contribui com opiniões sobre o tópico em andamento. Percebemos no elemento <ah>, exemplo 25, a expressão de um conteúdo mais subjetivo em que não há apenas uma função cooperativa, mas também a intenção do interlocutor em participar e contribuir para a conversa.

5.3. Sinalizadores de emoções e atitudes

Campbell (2002b, 2003) postula que as pessoas não só negociam informações em suas interações comunicativas pessoais, mas também expressam o tipo de relacionamento que tem com seu interlocutor. Possenti (2003, p. 365) parece também compartilhar dessa premissa, pois assume que:

“A linguagem pode não servir apenas para a comunicação. As idéias de que a linguagem serve para comunicar mensagens – informações – ou para expressar pensamentos são extremamente parciais. Ela serve também para estabelecer relações pessoais, para agredir, convencer, brincar, etc.”

Assim, a linguagem, além de uma função informativa, tem também uma função expressiva, que consiste em revelar o tipo de relação que dois ou mais interlocutores mantêm entre si. Nessas relações interpessoais a paralinguagem se torna mais evidente na cadeia da fala, visto que os falantes tendem a usar estilos de fala mais informais em conversas cotidianas com pessoas com quem convivem.

Para Campbell (2002b, 2004), esses sons, que aqui chamamos de elementos paralinguísticos, têm o relevante papel de ressaltar o posicionamento afetivo do falante e/ou do ouvinte em relação ao que está sendo tratado. Essa expressão do estado emotivo dos interlocutores envolvidos numa dada interação comunicativa só se dá por conta dos laços afetivos estreitos que estes mantêm um com o outro. Dessa forma, interlocutores mais familiarizados uns com os outros tendem a produzir um grande número de elementos paralinguísticos no decorrer de sua conversa, especialmente quando tratam de assuntos empolgantes para ambas as partes.

A seguir, serão descritos os seguintes elementos: <ah>; <aah>; <UH?>; <un!>; <UN!>; <un::>; <hu::>; <ha::>; <he::>; <uhm>; <hum>; <uhm-hum>; <an-ham>; <uhm-hum::>; <um::-uhm>; <umm>; <hu::-hum>; <an::-han::-uhm>; <u-hu>; <han>; <hu>; <clique>; <an!> e <heim>, cujos efeitos expressivos parecem realçar afetos e/ou atitudes dos falantes.

5.3.1. Sinalizadores de compaixão

Em nossa análise identificamos dois elementos cujo papel na fala é expressar um sentimento de compaixão do falante em relação à pessoa a quem se refere na conversa. Vejamos dois trechos em que se deu essa ocorrência:

Exemplo 26. L1 conta sobre sua ida a uma casa comercial para comprar um utensílio infantil.

L1: /.../ eu fui lá nu juvenal comprá uma (+) cumé minina? (+) uma mamadera pra samili (+) eu dissi juvenal mi dá essa verdi aí minina pois u juvenal rodô (+) passava pur cima da verdi passava pur cima da rosa (+) passava pur cima ☺ di todus i nãu	1 2 3
L2: ☺ ☺	4
pegava a verdi dissi juvenal intãu mi dá uma rosa (+) eu pensei queli sabia aí eli precuro a rosa passava pur cima da rosa i num achava min/ (+) eu dissi juvenal essa daqui eli dissi <ah> é ficô todú disconfiadu mas porque não sabi di co /.../ tem genti qui num sabi nãu a samili ela já sabi	5 6 7 8
L2: <u-hu>	9
L1: num insinu eu num sei porque dependi da cô né? também /.../ eli num sabi di cô nãu eli	10 11
L3: <u-hu>	12
L1: di jeitu nenhum	13
L3: tadinhu /.../	14

Neste excerto, o elemento paralinguístico <ah> aparece numa reconstituição da fala do vendendor da casa comercial. Vemos que esse elemento resume toda a participação do

vendedor no discurso relatado por L1. Enquanto narradora de uma situação que viveu, L1 cede a vez ao personagem 'juvenal' para que este fale. Marcuschi (1995), ao tratar dessa característica tão comum às narrativas e às produções cotidianas de fala, informa que <ah> funciona como um marcador conversacional muito freqüente nas citações direta de fala de personagens, ocorrendo, geralmente, em posição inicial. Para o autor, essa recriação da fala é idealizada, visto que não aparecem, na fala citada, quantidade suficiente de características típicas da fala, como truncamentos, hesitações, alongamentos e outros marcadores. No caso em questão, percebemos que o falante introduz a fala do outro (o personagem) por meio do elemento <ah>, o que lhe permite também expressar um sentimento de pena e compaixão em relação ao homem sobre quem falava, por este ter se mostrado vexado diante da situação.

O outro exemplo desse sentimento se deu também em fala recriada. Vejamos:

Exemplo 27. Os interactantes falam da vizinha que não costuma cuidar da alimentação dos filhos.

L1: /.../ eli olha pra genti assim cum aquela cara di piedade j.	1
L2: tadinhu	2
L1: uma vez u bichin chegô aqui quandu ela tava operada (+) aí eli chegô aqui assim	3
<un!> num tumei café ainda (+) porque u bichin tinha a dona nena tinha dadu um café	4
pra eli i eli	5
[
L2: ô meu deus	6
derramô	7
L3: ô	8
L2: <un?>	9
L1: aí eli foi i dissi a dona nena aí (+) mas (+) a tua mãi num fez café nãu? (+) eli dissi	10
nãu /.../ aí j. u bichin num tumei café ainda (+) aí a mamãi colocô pra eli sabi? aí a	11
mamãi dissi assim (+) num é pra í si acostumanu nãu	12
L2: ☺ ☺	13
L1: sai dá ô velha horrivi (+) aí eu levei u bichin pra lá pra tomá café (+) aí mi deu uma	14
pena sabi porque j? (+) bichin tem qui pidí na casa dus otru sabi?	15
L2: <un?>	16
L1: tãu eli num tem prondi elis corrê elis vãu pra casa dus otru pidí	17
L3: <AH> j.	18
L1: elis num sãu acostumadu elis num ganhu presenti nãu in épuca nenhuma (+) nu	19
aniversáriu delis	20
L2: <un-hun>	21
L1: quandu eu mi empregá eu vô dá presenti prus bichin nu aniversáriu delis	22
L2: /.../ u pai delis num ta mais trabalhandu nãu?	23
L1: mau u mas u pai dassis mininu num trabalha di cartera assinada nãu j. (+) é é u	24
trabalhu delis é correndu riscu di vida montandu torri	25
L2: é j.?	26
L1: é montandu aquelas torri di ferru	27
L2: inda tem a mãi maluca	28
L1: <un!> essa doida aí minha filha si a (+) si u pai morre aí já era	29
L2: é verdadi (+) coitadu dus bichinhu mi dá dó /.../	30

Nesse trecho de fala do exemplo (27), há novamente a manifestação de uma fala citada. Veja que com a emissão do elemento paralinguístico <un!>, linha 04, o falante, ao citar a fala de uma criança de três anos de idade, parece expressar o seu próprio estado emocional e não interagir com o interlocutor. É interessante que ao recriar a fala de uma pessoa citada, o falante pode incorporar novos segmentos sonoros, inclusive, elementos paralinguísticos, de modo a revelar significativamente a expressão de sentimentos. Nessa

ocorrência, percebemos a expressão da compaixão que L1 tem pela pessoa citada. A inserção desse elemento parece conceder ao enunciado um tom choroso e melancólico que possibilita ao falante criar o efeito expressivo desejado.

5.3.2. Sinalizadores de deboche/ironia/desdém

Identificamos em nosso *corpus* alguns elementos paralinguísticos que, no enunciado, expressam uma intenção de debochar, desdenhar ou ironizar o comportamento de alguém ou o próprio assunto em pauta na conversação. Verifiquemos os exemplos a seguir:

Exemplo 28. L1 e L3 comentam sobre o cabelo de sua vizinha.

L3: /.../ eu sei qui a lica chegô (+) dissi <AH> u cabelu da adriana ficô muito lindu (+)	1
<u-hu>	2
L1: eu vi na hora quela passô cum cabelu todú duru	3
L3: ho-RRÍ-vel	4

Em (28), o elemento paralinguístico <AH> aparece também numa reprodução da fala do outro feito por L3. A respeito dessa citação de fala, é preciso informar que o falante não repete as palavras do falante citado, ele faz sim uma recriação, visto que seleciona apenas o conteúdo do que foi ouvido (Tannen, 1989 *apud* Marcuschi, 1995). Verificamos nesse excerto que o <AH> revela também uma atitude avaliativa do falante, visto que ao introduzi-lo na reconstituição da fala recriada, procura expressar desdém em relação à opinião da pessoa citada. Além disso, com esse elemento paralinguístico, o falante revela sua própria opinião sobre o cabelo da garota, que nos parece uma opinião negativa.

No exemplo a seguir, apresentaremos a ocorrência de outro elemento paralinguístico que assume um sentido irônico na cadeia conversacional:

Exemplo 29. Os interactantes falam da vizinha que não costuma cuidar da alimentação dos filhos.

L1: /.../ ela compra danoni ela comi aí na frenti com a disleni i a dona nena (+) is us	1
bichinhu comi só um (+) aquela mini/	2
L2: quandu comi né?	3
L1: quela minina feia dela	4
L2: são tudu fei mina i só andu nus panu né j.?	5
L1: é a minina podi num te u qui cumê mas a fralda descartável i a rôpa nova ela tem	6
L2: qui nem diz ela (+) aí na frenti a renata	7
[
L2: sapatu novu	8
L3: i elas adoram ta cumendu lá heim?	9
L1: <un!> né nãu!	10
L2: renata dissi a renata dissi (+) olha que (+) qui a vó dus mininu mandava (+) fralda	11
aí ela (+) qui fralda foi qui fralda foi? Barbin/ é é renata (+) <ah> foi uma da quilu (+)	12
ixi minha filha mana num tem só usa da pampis mesmu (+) renata dissi ei minina sê	13
besta quandu mi dão eu usu qualqué uma mesmu /.../	14

Vemos nesse trecho de fala uma expressão de ironia no elemento <un!>. O falante (L1) parece produzir o elemento em tom irônico para desdenhar do comportamento da vizinha, por não concordar com as atitudes dela para com os filhos. Sendo assim, esse elemento apresenta também uma intenção avaliativa. Além disso, essa emissão funciona como marcador conversacional convergente por também demonstrar que L1 confirma o comentário de seu parceiro L3.

O próximo exemplo exemplifica o uso do elemento <aah>, cuja ocorrência se deu apenas uma vez no *corpus*. Vejamos:

Exemplo 30. Os interactantes comentam sobre a vizinha que não paga as dívidas.

L1: /.../ eu num mi calu pra ela também nãu (+) naquela dia quela tava mi devendu aí	1
quela i eu devu? (+) chamei isculhambei ela mesmu falei pra ela queu num era muleca	2
da laia dela nãu i ela vai mi pagá dia vinti i seis (+) tô nem aí (+) i eu não vendu mais	3
jóia pra ela nãu (+) eu vend/ eu num sei comu eu vendí ainda pa disleni (+) qui a disleni	4
é outra velhaca du diabu (+) vai pa	5
L2: ela diz assim <aah> tu vem queu vô distrocá (+) vai qui né só issu ela num vai	6
querê ti dá teu cincü nãu	7
L1: negóciu di distrocá dia vinti seis eu vô pidi meus/	8
L2: i u val tá menu trabalhandu?	9
L1: rapaz sei nãu si eli tá trabalhandu sei qui eu queru ((boceja))	10
L2: eu tava ali	11
L1: eu só veju eli puráí	12
L2: (+) diz quela dissí eu tava sentada lá na frenti né? eu mi lembriu qui a dona maria	13
dissí <ah> tu quessi dinheru que tu recebi dus mininu era pra ti comprá era coisa prus	14
mininu nãu pra ti <clique> EU tô bem ligandu já pa filhu eu vô ligá é pra mim porra di	15
mininu /.../	16

No trecho de fala acima (exemplo 30), observamos que o elemento <aah> (linha 06), ao introduzir uma fala recriada em uma conversa atual, revela o sentimento do próprio falante (L2) em relação à pessoa citada. Nesse caso, o falante parece expressar o elemento com um tom de deboche para demonstrar sua desconfiança em relação à intenção da pessoa citada em pagar seus débitos. Novamente, temos um elemento paralinguístico que contribui para a manifestação expressiva no discurso falado.

Vejamos agora um elemento paralinguístico que ocorreu apenas uma vez em todo o *corpus*. Sua emissão também revelou a intenção do falante em expressar seu estado sentimental. Vejamos o trecho de fala exemplificado:

Exemplo 31. L1 fala de seu primeiro parto.

L1: /.../ aí quando era uma cerca de uma i meia da tardi u papai mi levô pu hospital /.../	1
aí: chegô lá /.../ tava a tia ana rosa tia ana rosa qui mi acompanhava (+) aí a tia ana rosa	2
ela (+) ela ficava andanu cumigu pra lá i pra cá i cantandu hinu da igreja (+) aí qui a dô	3
aumentava ☺ mesmu i a raiva dela du meu ladu inchendu u meu sacu cantanu hinu da	4
igreja (+) aí sim aí cumeçô (+) eu mi deitei um pocu/	5
L2: mas tu correu nu hospital?	6
L1: <an!> ☺ corria nu hospital? (+) andava era di juelhu ☺	7
L2: andava di juelhu era? ☺	8
L1: andava di juelhu /.../	9

A emissão do elemento <an!>, linha 07, expressa uma ironia em relação à situação que L1 viveu durante as horas que antecederam seu parto. Apesar de introduzir uma resposta à pergunta de seu interlocutor, esse elemento carrega um conteúdo subjetivo em que a função emotiva sobrepuja a apelativa, visto que L1 parece não ter ironizado a pergunta em si e sim a lembrança de como agiu naquele dado momento.

O elemento paralinguístico que destacaremos a seguir foi um dos mais interessantes identificados no *corpus* de nosso estudo, pois foi único que apresentou mais de duas sílabas.

Vejamos:

Exemplo 32. L1 e L2 fofocam sobre a vizinha que estava em condição suspeita com três homens.

L1: /.../ imagina qui um dia dessi tava ela i mais três lá	1
L2: ☺	2
L1: (+) assistindu u filmi (+) tu já pensô a suruba doida qui tava rolandu lá?	3
L2: mas é quem lá?	4
L1: a naiara i mais três (+) u léu (+) u lean//	5
L2: só homi?	6
L1: só homi (+) só ela di mulhé nu mei	7
L2: <an::-han::-hum> ☺	8
L1: mas rapaz tava era cumendu u coru lá ☺/.../	9

A duplicação de sílaba e a longa duração (3.453 s) dada ao elemento parecem ter sido usadas intencionalmente pelo falante para realçar a emoção pretendida. A emissão desse elemento mostra que o falante tem capacidade de criar novos elementos paralinguísticos quando quer demonstrar uma reação específica, caracterizando o fenômeno como uma escolha sonora voluntária que lhe possibilita expressar suas intenções, emoções e atitudes (Campbell, 2003). Maekawa (2004). Vemos que no caso em questão o falante apenas fez uma produção sonora a partir de emissões paralinguísticas já utilizadas comumente na fala. No trecho de fala focalizado, L1 e L2 comentam sobre a vizinha que finge ser recatada, e, no entanto, longe da família se mostra uma moça bastante assanhada. Diante de uma revelação de L1, a parceira L2 usou um elemento paralinguístico para revelar uma mistura de sentimentos que carregava no momento a respeito da conhecida. Acreditamos, assim, que o elemento emitido expressou um misto de deboche e ironia, revelando o sentimento de L2, sem que este precisasse fazer uso de palavras.

Identificamos no *corpus* um outro elemento que também parece contribuir para a expressão de deboche. Vejamos o próximo exemplo:

Exemplo 33. As interactantes comentam sobre o casamento de uma conhecida.

L1: /.../ aquela (+) aquela wildina mana	1
L3: égua tava muito feia já basta u cabelu dela qué horrível	2
L2: nãu i u maridu dela	3
L1: Cuma cara TÃU::	4
[
L3: nãu eli é melhó du qui ela	5
[
L2: u gianequini	6
L1: mas	7
L3: ela num tinha ela num passô nem baton:	8
L1: pois é num passô nãu u cabelu velhu si::mplis	9
[
L3: aí eli presu	10
L3: fez a fez u: pintiadu ficô feiu num foi? (+) <ah> num gostei di jeitu nenhum (+)	11
L2: nem eu /.../ numm gostei tantu quela também nu mi convidô né? ☹	12
L3: (+) mi convida pru teu (+) <UN::>	13
L2: i:xi tu num mi convidô pru teu purqueu vô ti convidá pu meu /.../	14

O que caracterizou esse elemento como uma expressão de deboche/ironia foram a duração dada em sua emissão (614 ms) e também a variação na frequência fundamental (238 a 543 Hz) por causa da entoação ascendente empregada. Essa variação, feita intencionalmente pelo falante, em nosso entendimento, acentua um sentido de deboche dado à emissão paralinguística no trecho de fala e expressa, assim, a opinião de L3 sobre a pessoa citada na conversa.

Destacamos, ainda, nesta seção, um elemento que nos parece também expressar um sentido irônico:

Exemplo 34. Os interactantes conversam sobre os débitos numa grande loja do estado.

L2: /.../ a yamada também é fácil (+) agora quela:: põi mais dificultadi (+) eu nunca dei caloti na yamada	1 2
L1: nem eu (+) eu pagu meu filhu (+) dá caloti é quem num paga nunca (+) igual u u u mininu queu conheci <UN!> devu mais di mil i quinhentu ☺ eu num vô pagá praqueli japonês ☺	3 4 5
L2: eu qui/qui/ eu tô devendu	6
L1: quarenta i seis	7
L2: qui QUARENTA I SEIS ? (+) a minha prestação é:: ☺ seti reais só	8
L1: <AH> custa você incluí a MINHA parti na sua /.../	9

Na emissão do elemento <UN!> o falante adotou um entoação ascendente que, em nosso entendimento, caracterizou sua intenção em imprimir um sentido irônico. Vemos que a inserção do elemento na fala recriada revela a tentativa do falante atual procurar preservar um tom que ele considere compatível ao ato de fala da pessoa citada. Assim, como nas ocorrências do <ah> em fala recriada identificadas em nosso *corpus*, o elemento <UN!> também é usado pelo falante, voluntariamente, para sinalizar um efeito pragmático compatível à fala original.

No exemplo a seguir, verificamos a ocorrência do elemento <uhm-hum:> que assume sentidos diferentes no mesmo excerto de fala:

Exemplo 35. L1 e L2 comentam sobre a vizinha que não paga as dívidas.

L1: /.../ ela tá devendu lá na passarela (+) lá na passarela num seis quantus anus (+) só	1
qui lá ela fez a ficha dela mas num colocô u númeru quela num tinha cpf nessa época	2
L2: a passarela num era da pricila?	3
L1: nãu (+) a passarela lá pertu da eletromóveis aqueli	4
L2: <ah> sei	5
L1: aí u cara veiu cobrá aí essis dias (+) essis dias nãu faz u que umas duas semanas é	6
umas duas semana	7
L2: <hu::>	8
L1: sim j. u cara veiu cobrá ela chamô u cara du monti di coisa só sei dizê qui até pa	9
delegacia	10
L2: <ha::>	11
L1: ela foi dá parti du homi	12
L2: ela?	13
L1: sim	14
L2: mas u cara tá cobrandu porra! ☹	15
L1: ☹ ☹	16
L2: ☹ <uhm-hum:> bunitinha ☹ <uhm!> ☹	17
L1: foi dá parti du homi /... /	18
L2: /.../ sim aí ei elis foru pra delegacia	19
L1: elis foru mas só qui aí num sei qui foi qui:: <ah> mana ela tá	20
L2: <uhm-hum:>	21
L1: ela num conta nada	22
L2: tem vergonha?	23
L1: um dia dessis um dia dessi eu eu tava fui compra pão i lá vem ela toda arrumada	24
<uhm-hum:> prondi essa puta vai? <ah> vô pra delegacia (+) depois eu ti contu us	25
babadus mas ela nem mi contô i eu doida pra sabê dus babadus	26
L2: mas minina final di contas elas pagaram ô nãu pagaram?	27
L1: pagaru nada	28
L2: <ha::> (+) quanté quela devia?	29
L1: sabi deus (+) issu é doida i meia (+) issu aconteceu há uns cincü anu atrás	30
L2: mas peraí ela fica devendu pru cara (+) i acha ruim u cara cobrá /.../	31

A situação de fala desse trecho conversacional trata de uma conversa sobre a vizinha de rua que se dizia uma moça de posses e, no entanto, não pagava nenhum dos cobradores que lhe batiam a porta. O comentário desenvolvido nessa seção conversacional trata exatamente do dia em que a vizinha denunciou um cobrador à polícia, que segundo ela havia lhe agredido verbalmente. Observemos que os dois interlocutores envolvidos na conversação produzem o elemento paralinguístico em pauta, exprimindo sua opinião em relação ao ocorrido.

Detamo-nos na ocorrência da linha 25 que parece encerrar um sentido de desdém. Vemos que L1 está reproduzindo um curto diálogo que manteve com a vizinha (alvo da fofoca comentada no tópico conversacional) alguns dias antes. Neste, ela ainda reproduz qual opinião manifestou no ato do encontro. Quando ela cita sua própria interpelação “<u**hm-hum**>: > prondi essa puta vai?”, fazendo (ou refazendo) o uso desse elemento paralinguístico, acaba por expressar uma intenção maldosa e ao mesmo tempo debochada, ao tentar saber onde a vizinha iria tão bem vestida.

Outro elemento paralinguístico recorrente em nosso *corpus* é o clique de língua, tratado em nosso trabalho apenas por <clique>. Destacaremos agora uma ocorrência desse elemento em fala recriada, na qual o falante atual parece tentar imprimir um tom debochado/irônico à fala citada. Vejamos:

Exemplo 36. L1 e L2 comentam sobre a vizinha que não cuida bem dos filhos

L1: /.../ a dona maria dissi <AH> (+) tu (+) tu quessi dinheru que tu recebi dus	1
mininu era pa ti compra era coisa pus mininu não pra ti	2
L2: <clique> EU? (+) tô bem liganu mesmu pa filhu eu vô ligá é pra mim (+) porra	3
di mininu (+) assim mesmu /.../	4

Neste excerto, o clique de língua parece não ser produzido para imprimir um descontentamento do falante, como veremos na seção 5.3.8, mas sim para desdenhar da atitude da pessoa citada em relação aos filhos.

5.3.3. Sinalizadores de reprovação

Na linha 17 do exemplo (35), verificamos um outro sentido expresso pela emissão paralinguística <*uhm-hum*:>: uma atitude de reprovação. Parece-nos que L2 produz o elemento como um sinal de crítica ao comportamento da vizinha (pessoa de quem falam na conversa), para tanto, ela faz uso, além do elemento paralinguístico, da palavra “bonitinha”, com um sentido pejorativo, o que soou como zombaria ao fato da vizinha manter tantas dívidas sem poder quitá-las. A própria interlocutora parece ter se aproveitado do momento de risos em que se encontravam para escarnecer do acontecido. Na linha 21, aparece outra ocorrência desse elemento, desta vez isolado em uma intervenção do ouvinte (L2) na conversa. Esta segunda manifestação também parece projetar uma atitude de reprovação em relação ao que foi dito. Vejamos que neste exemplo, o elemento paralinguístico não vem acompanhado de informação linguística, todavia explicita a intenção de L2 - demonstrar sua atitude em relação ao tópico e a pessoa de quem falavam. A informação adicional que esse elemento confere ao trecho conversacional é compreendida pelos interlocutores envolvidos na enunciação, o que ratifica a idéia postulada por Fujie *et al.* (2004, p.387): “In an actual spoken dialogue [...] we do not express our intention and attitudes explicitly in words. Nevertheless, hearers can recognize our intention through our voice expressions [...]”⁵⁰.

A diferença de sentido entre as três emissões parece ser percebida não apenas pelo contexto, mas também pelo tempo de produção concedido nas emissões. A ocorrência da linha 25 é nitidamente mais breve que as das linhas 17 e 21. A primeira tem uma duração de 507 ms, enquanto as últimas têm 707 ms e 1.565 s, respectivamente. Em nosso entendimento,

⁵⁰ “No discurso falado nós não expressamos nossas intenções e atitudes explicitamente com palavras. Não obstante, os ouvintes são capazes de reconhecer nossa intenção por meio de expressões vocais”. (Fulie et al. 2004, p. 387, tradução nossa)

a duração, nesse caso, é uma das propriedades que promovem a modificação de sentido entre as emissões do elemento <uhm-hum:> no excerto de fala exemplificado.

Identificamos dois outros elementos cujo sentido de reprovação foi realçado em alguns trechos conversacionais. Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 37. Os interactantes comentam sobre os estilos de vida de L1 e da sogra de L2.

L1: /.../ ela tem qui procurá um tratamentu CER::tu negóciu dela ficá assim beben::du	1
brincandu fuman::du (+) issu A genti num leva nada da vida assim ela tem qui procurá	2
pu/ (+) otra vida si TRATÁ: (+) ficá na dela ela já tem u quê ela já tem idadi /.../	3
L2: a genti conversa cum ela genti procura (+) é:: chamá atençãu dela quantA issu mas	4
ela nu num dá papu (+) ela pensa quela é certa	5
[
L1: é?	6
L1: você vê a minha a minha divé/ eu sô uma pessoa queu num tenhu assim:: (+)	7
diversãu nenhuma minha diversãu é única é tá na minha casa /.../	8
L2: <AH> mãi mas aí cada pessoa tem sua iscolha de di vida né? a sinhora a sinhora	9
preferi	10
[
L2: é	11
isso (+) a sinhora preferi (+) é (+) si iscluí fica dentru di casa (+) num conversá cum	12
ninguém só serví u papai us filhus (+) i eticetera eticetera i tal /.../	13

Nesse exemplo, linha 09, o elemento paralinguístico recebe uma impressão ofensiva do falante ao referir-se ao modo de vida da mãe, com a qual ele demonstrou não concordar. O tom de voz⁵¹ rude, em conjunto com as variações de entoação usadas pelo falante na emissão desse elemento paralinguístico, manifestaram reprovação em relação ao ponto de vista de L1. O falante parece ter carregado o elemento com uma expressão ofensiva na tentativa de reprovar a opinião de L1 sobre seu modo de vida e mostrar-lhe que cada pessoa tem o direito

⁵¹ Conforme Silva (2000) o falante faz uso desses traços articulatórios, conhecidos pelos usuários da língua como tom de voz, para expressar significados específicos em sua língua. Para Campbell (*op. cit.*), além das pistas prosódicas, o falante também faz uso do tom de voz para expressar informações paralinguísticas.

de viver como bem lhe aprouver. Observemos que a presença desse marcador discursivo serve para instaurar um momento de divergência entre as falas de L1 e L2. Para Campbell (2002b, 2003), em situações conversacionais desse tipo - mais pessoais - é comum os falantes sinalizarem variados significados por meio do tom de voz, especialmente em casos como esse em que modificam o sentido de elementos paralinguísticos por meio desse parâmetro articulatório.

Vejamos o exemplo (38):

Exemplo 38. L1 e L2 comentam sobre a briga da vizinha com um cobrador.

L1: /.../ ela falandu pra genti nu dia quela foi na delegacia disqui u delegadu ficô a favô dela mas eu num sei si issi é verdadi nãu	1 2
L2: mas quandu	3
L1: pois é (+) ca/ é ladrona	4
L2: é ladra	5
L1: a j. num ti/tinha ti contadu nãu?	6
L2: nãu ESSI BABADU	7
L1: <ah> mas porque tu foi foi essi/ pertu da eleiçãu antis daquela eleiçãu	8
[
L2: égua eu perdi (+) fez um iscândalu aí na frenti?	9 10 11
L1: <uhm> i a lica gritava aí na frenti in cima eu vô ti	12
[
L2: i u maridu dela?	13
L1: num tava aí nãu	14
L2: <an?>	15
L1: eu vô ti dá seu tivessi aqui tinha dadu só na tua cara seu mulequi safadu tu ia vê	16
L2: <an-han>	17
L1: (+) i foi chama u seu belu	18
L2: ☺ ☺	19
L1: ☺ nãu u qui a genti mais riu	20
L2: ☺ ela ia batê neli? (+) u homi ia apanhá dela? ☺	21
L1: nãu u pobi ficô caladu cum medu di perde u impregu né? (+) quelu fossi um DOIDU? si fossi um doidu tinha mandadu (+) tinha dadu (+) era porrada (+) pois é ela	22 23
[
L2: tinha dadu era porrada nela	24
mesmu diz vendi quem mi qué porque pagá num sei seu pagu	25

L2: ela num quiria queu tirassi um sapatu nu meu cartãu	26
L1: <hu>	27
L2: só tinha sapatu di cem reais in dianti (+) eu vô dá (+) pra mi devê (+) sabi u qui eu fiz?	28
	29
	[
	L1: <hu>
	30
L2: num comprei	31
L1: pió	32
L2: TU TÁ DOIDA QUEU T/ eu tô maluca	33
L1: pagá u sapatu dus otru <heim>	34
L2: <uhm> tá (+) sô mané mesmu /.../	35

Na linha 12, <uhm> foi produzido com uma curva entoacional mais ascendente, de modo que sua emissão pareceu, perceptualmente, mais enfática. O que o ouvinte pode perceber nesse caso, é que o interlocutor (L1) expressou não apenas uma reprovação, mas também procurou reforçar a notícia de que o acontecido foi realmente um escândalo na rua, ao qual L2 deveria ter presenciado. O interessante sobre esse elemento é que L1 o usou como uma resposta ao pedido de confirmação de L2, que queria saber se a discussão havia ocorrido em plena rua. Assim, como resposta, além de confirmar que o caso ocorreu publicamente, L1 parece ter aguçado a curiosidade de seu parceiro, permitindo assim que a conversa continuasse. Já na linha 35, a emissão do elemento foi menos enfatizada, todavia, ambas parecem carrear o mesmo efeito de sentido: uma reprovação.

Outro elemento sinalizando um sentido de reprovação foi identificado no *corpus* alvo deste trabalho:

Exemplo 39. Os interactantes comentam sobre as dívidas de L1.

L1: /.../ eu tenhu conta du cumeçu du anu queu tô pagandu	1
L2: deus u livri	2
L3: <u-hu>	3
L1: (+) todú mês eu dô só (+) dô só u queu possu	4
[
L4: quantas calcinha ela num comprô <heim>?	5
L3: <un!>	6
L1: não né só calcinha nãu já/	7
L4: <hum> mãe!	8
L1: é um bucadu di bermuda bucadu di calça queu comprei desdi janeru /.../	9

Identificamos no trecho conversacional do exemplo (39) uma realização do elemento <hum> expressando reprovação em relação ao comportamento do outro. Nessa emissão, percebemos que a altura da voz empregada pelo falante contribui para o seu realce emotivo na cadeia da fala.

5.3.4. Sinalizadores de Frustração/Insatisfação

Em todo o *corpus*, houve apenas três ocorrências desse efeito expressivo. Os elementos identificados com esse sentido são: <han>, <hum> e <ah>, conforme veremos nos exemplos a seguir.

Exemplo 40. L1 reclama da falta de dinheiro para ir ao médico.

L1: /.../ mas eu queru primeru falá cum médicu minha filha (+) si eu num falá cum mé/	1
L2: INTÁU a sinhora tem qui í au médicu mesmu	2
[3
L1: só pa fala cum médicu é CINCUENTA	4
REAIS MULHÉ (+) só pa conversá cum médicu	5
L2: a sinhora pega dinheru todú mês i num PAGA u médicu	6
L1: <ah> eu vô pa/ <han> (+) eu num tenhu num tenhu folga di dinheru nãu /.../	7

Consideramos a produção dessa vocalização (linha 07) muito interessante no trecho de fala acima, pois o falante interrompeu o enunciado lexicalizado para fazer a emissão desse elemento. Notemos que essa emissão sonora não-lexicalizada exprime o sentimento do falante em relação à colocação de seu parceiro L2 sobre o fato dele não economizar dinheiro para pagar uma consulta médica. Parece-nos que o elemento em questão revela o sentimento de frustração do falante, envolvendo, talvez, mais lembranças e ressentimentos que aqui não podem ser percebidos, do que um sentimento apenas momentâneo. É importante salientarmos também que a escolha de uma emissão sonora como essa pode revelar a intenção do falante em acentuar um sentimento diante de seu interlocutor, confirmando a idéia de Campbell (2002a, 2002b, 2003, 20004) quando assume que os falantes emitem sons paralinguísticos intencionalmente para expressar sentimentos e atitudes em interações com interlocutores com quem mantenham uma relação familiar.

O exemplo a seguir mostra um outro elemento carregando também esse sentido:

Exemplo 41. L2 conta a L1 seus problemas de saúde.

L1: /.../ senti dô nu istômagu?	1
L2: É MUITA bichinha chegu eu ficu fraca mi dá vontadi di caí	2
L1: mas ispera aí é dô di istômagu ô só diarréia?	3
L2: num mi dá diarréia nãu é só dô nu istômagu	4
L1: <umm> podi sê	5
L2: só seu cume ocu outra coisa num mi dá di jeitu nenhum (+) só ovu	6
L1: tens qui procurá u gastrologista	7
L2: <heim> <heim> <heim> (+) <hum> i eu/eu agora tem uma cocera qui pareci coru	8
pareci assim essi coru grossu grossãu di tantu eu coçá a dotora passô a u remédiu pra	9
mim sabi quantu é sessenta pau (+) dois /.../	10

Nesse excerto de fala, L2 parece ter emitido o elemento <hum> para revelar sua frustração diante de seus problemas de saúde. Em todos os fragmentos de fala analisados, constatamos apenas duas ocorrências desse elemento paralinguístico carregando tal efeito expressivo.

Exemplo 42. Os interactantes comentam sobre a separação matrimonial da irmã de L2.

L1: /.../ <ah> num sei du qui quela tem medu (+) eli num vai batê nela	1
[
L1: nu dia	2
L2: nu dia quelis si deixaru /.../ eli dissu pa karina é karina macacu qui pula muito leva	3
tiru tipu dizendu pra katinha sabi?	4
L1: <an-han> (+) <uhm-hum> mana (+) katinha tem qui si precavê contra essi cara	5
L2: ô ela tem qui resolvê a vida dela eli dandu pensãu ô ela tem qui trabalhá	6
L1: mas sabi purque eli faz ameaça? (+) purque ela tem medu	7
L2: é::	8
L1: duvidu sela num tivessi seli ameaçava /.../	9

No exemplo (42), apresentamos uma nova ocorrência do elemento paralinguístico <ah>, desta vez expressando um sentimento de insatisfação do falante. Neste caso, a variação entoacional também contribui para a manifestação do sentido, como ocorre, geralmente, nas

emissões de enunciados emotivos. Todavia, o tom de voz melancólico dado por L1 também contribuiu para a afetivação do sentido desejado.

5.3.5. Sinalizadores de surpresa ou espanto

Nesta seção apresentaremos cinco elementos paralinguísticos cujo sentido de surpresa e espanto foi identificado em todas as suas manifestações. Veja os exemplos de trechos de fala retirados do *corpus*:

Exemplo 43. L2 conta sobre o dia em que foi assaltado.

L2: /.../ intão eu (+) comu eu ee/ (+) num tenhu u custumi de ficá na frenti pertu du	1
co Bradô eu fiquei porque u ô nibus tava vaziu (+) NUNCA queu pu/iria imaginá qui	2
iriam assalta a porcária daqueli ô nibus di (+) daí eu/eu fiquei lá na frenti minina	3
quando chegô lá na rua principal entraram quatu mininus (+) daí u mininu fez u	4
assaltu (+) min/ cum a arma nu/nu pescoçu du motorista (+) i aí/aí eli assaltô só u	5
pessual qui tava na frenti aí lei puxo a cartera du homi qui tava du meu ladu eli tava	6
tãu disisperadu queu aчу queles eram bem inexperientis (+) elis tavam tãu	7
dissperadus quelis num viram a minha bolsa (+) aí u otru viu a bolsa	8
L4: <hu::>	9
L1: mas só eli tava armadu só um	10
L2: só um u minininhu tava armadu (+) aí (+)	11
L1: us otru disarmadu?	12
L2: tavu mas eli tava cum a arma nu pescoçu du: co/ du motorista (+) u qui aconteceu	13
u otru viu minha bolsa i puxô eu dissu tira u dinheru (+) eu sess/ tinha acabadu di tirá	14
meus último sessenta reais du bancu	15
L4: <hu::>	16
L2: porque eu queru (+) eu prec/ tem coisa da iscola aí dentru aí eli abriu pra tirá	17
quando eli abriu pra tirá u otru disisperadu impurrô i eli saiu correndu cum a minha	18
bolsa (+) prenderam dois (+) u u qui tava armado dezessei anus uma crian/ si vocês	19
vissem um minininhu (+) u otru di dezoitu anus foi presu também só queles nãu tavam	20
com a minha bolsa (+) a pulícia tava bem pertinhu quando elis deceram a pulícia	21
vinha chegandu	22
L4: <hu::>	23
L1: ô sorti a delis	24
L4: foi presu na hora?	25
L2: qui:: pula/imburacaru porque lá ondi issu aconteceu foi lá na istrada da ceasa tem	26
uma invasãu inormi lá atrás daí u homi disu <ah> rapaz é u ivu bem dali essi mulequi	27
(+) qui aconteceu elis pega/ elis prenderam u mininu foram presus im flagranti i eu mi	28

lembru qui u mininu falô assim na cara du delegadu eu num possu respondê pur porti	29
di mãu armada eu sô di menó	30
L4: <hu::> /.../	31

O elemento <hu::> é bastante produzido em conversações em que esteja sendo enfocado algum relato de notícia ruim, de ações ou atitudes inesperadas por parte de alguém conhecido ou de fatos surpreendentes. No exemplo acima, verificamos que L2, ao narrar o desenrolar do assalto que sofrera, provocou a manifestação desse fenômeno paralinguístico por parte de L4, que se demonstrou surpresa com o acontecido. A cada momento que L2 introduzia um fato novo sobre o que havia ocorrido (ver linhas 8, 15, 22, 30), L4 prontamente demonstrava sua perplexidade diante do que ouvia. E isso era demonstrado apenas com a emissão do elemento supracitado. Observe que neste trecho, em nenhum momento, L4 produziu qualquer elemento lexicalizado para demonstrar sua admiração diante do que era dito, ele apenas fez uso de elemento de um único elemento paralinguístico, corroborando a idéia postulada por Campbell (2002b), que a negociação de emoções em uma conversação se dá, geralmente, pela emissão desses ‘ruídos’ paralinguísticos, os quais são compreendidos pelos interlocutores.

Além desse elemento informador de um sentimento de surpresa, a seguir serão descritos os outros três muito semelhantes que possuem a mesma significação. Veja os exemplos a seguir:

Exemplo 44. L1 fala de seu mal-estar para L2.

L1: tá passandu mal é s.?	1
L2: é	2
L1: porque?	3
L2: porque eu fui lá pra j. eu fui cumê bolu aí cumi aquela raspinha eu passei mal	4
L1: foi?	5
L2: <un-hun>	6
L1: mas qui diabu é issu já?	7
L2: eu num sei eu sinto issu faz é tempu (+) tá cum ta cum um anu queu sintu issu (+)	8
toda vez queu comu ovu ô alguma coisa qui tenha ovu eu ficu assim	9
L1: <ah>	10
[11
L2: lembra daqueli dia queu cumi aqueli	12
pudim qui a j. fez pra ti?	13
L1: <an-han>	14
L2: eu num cumí dois pedaçu? (+) eu passei mal	15
L1: <ha::>	16
L2: que tinha ovu (+) a dona nena falô qué pra mim í nu médicu quissu é gravi	17
L1: <un-hun>	18
L2: elis vãu fazê endoscopia	19
L1: senti dô nu istômagu?	20
L2: É MUITA bichinha chegu eu ficu fraca mi dá vontadi di caí	21
L1: mas ispera aí é dô di istômagu ô só diarréia?	22
L2: num mi dá diarréia nãu é só dô nu istômagu /.../	23

Exemplo 45. L1, L2 e L3 comentam sobre a situação familiar de duas vizinhas.

L3: /.../ a dona maria dissi qué ela qui paga	1
L2: barbinha?	2
L3: conta dus mininu i dela ela paga dona maria num paga nãu	3
L2: d-u-du-v-i-vi-d-o-do	4
L3: dona maria pagô só uma vez	5
L2: /.../ é:: <umm>	6
L3: i ela nãu dá u cartãu pra velha di jeitu nenhum /.../ qui u cartãu quem guarda é ela	7
L2: <he::> j.	8
L3: mas dona maria (+) u cartãu num é nu seu nomi dona maria ? (+) aí ela dissi é	9
minha filha mas só qui ela qui guarda (+)	10
L1: mas ô velha burra	11
L3: eu dissi dona maria a senhora é muito idiota	12
L1: <un!>	13
L3: ela dissi assim eu sei ondi é qui ta u cartãu j. eu num peçu porque eu num queru	14
/.../	15

Nos exemplos (44) e (45) vemos a manifestação de dois novos elementos paralinguísticos, <ha::> e <he::>, que também são proferidos pelos interlocutores a fim de compartilhar seu sentimento de surpresa diante da informação que ouvem. Esses elementos ocorreram em número menor que <hu::>, parecendo sinalizar que aqueles são variações deste e que a emissão ora de um, ora de outro depende da escolha estilística de cada falante. Sobre eles, importa-nos ressaltar ainda que, todas as suas produções foram realizadas por informantes do sexo feminino, revelando, talvez, que as mulheres tenham tendência maior para exprimir estupefação diante de informações que lhes sejam chocantes ou surpreendentes.

Esse novo elemento, assim, como <hu::>, <ha::> e <he::>, também parece expressar um sentimento de admiração em relação ao que é ouvido. Vejamos o exemplo:

Exemplo 46. Os interactantes focam sobre a vizinha que enganava todo mundo para encontrar com o namorado.

L1: /.../ ela dexô a janela ABERta (+) igual u g. fez uma vez ☺(+)	1
☺ dexô a janela aberta (+) a tamiris foi trancô a janela ☺(+)	2
aí ela tevi qui batê di madrugada ela tava porri porri	3
L2: <hu::-um>	3
L1: nu dia ca mãi dela descubrí ca mãi dela fica falandu assim (+) j. minha filha (+) eu	4
digu pra nati nau fica istudandu até três hora da manhã (+) mas a nati qué estuda até três	5
quatu hora da manhã (+) si ela subé qui a filha dela não vai pra num vai pra festa (+)	6
cumé num vai istudá coisa nenhuma (+) ela vai é pra farra cum machu /.../	7

Observemos que o interlocutor L2, diante da revelação do parceiro (L1) reage com surpresa e esse sentimento repentino é revelado pelo elemento paralinguístico destacado na linha 03. Acreditamos também que o valor significativo desse elemento aguce no falante o desejo de continuar falando.

No exemplo (47) há outra manifestação desse sentido na linha 03, revelando uma expressão de surpresa por parte do interlocutor L2, surpreendido com a informação de que L3

havia sido chamada para trabalhar como mesária nas eleições. Nesse caso, a presença do elemento paralinguístico no enunciado acentua a demonstração do sentimento do interactante.

Exemplo 47. Os interactantes conversam sobre a possibilidade de L3 ser novamente chamada para trabalhar como mesária nas eleições.

L3: /.../ <ah> mana mi dá uma raiva porque eu vô te qui (+) eu vô quandu eu tive	1
nenén eu vô/vô lá nu foru coisa pa tirá meu nomi (+) num vô mais sê mesária nãu	2
L2: <AH> i ti CHAMARU minina	3
[
L3: CHAMARU (+) num fui nas eleições passada	4
(+) intãu eu vô te qui í di novo	5
L2: /.../ mas elis ti chamaram (+) essi anu?	6
L3: chamaru	7
L2: tem qui í	8
L3: nãu inda nãu	9
L2: intãu nãu vau chamá mais já chamaru minha colega já foi chamada	10
L3: <ah> já intãu graças a deus /.../	11

Neste excerto de fala, o sentimento de surpresa é acentuado pelo elemento paralinguístico <AH>, no qual foram empregadas significativas variações de altura para a manifestação bem sucedida do sentido pretendido. A variação média da emissão desse elemento é de 279 hz a 479 hz entre os valores mínimo e máximo na frequência do pitch, demonstrando que para a expressão desse sentido específico há uma mudança acentuada na F0.

Observemos agora um outro elemento que no trecho conversacional em destaque no exemplo (48) aparece também com um significado de surpresa:

Exemplo 48. Os interactantes conversam sobre os gostos alimentares de seus filhos.

L1: /.../ u juãu vitu bota café cum leiti eli num toma	1
L2: <un!> (+) intãu u queli comi nada?	2
L1: eli toma café pretu toma sucu sabi	3
L2: dá trabalhu nãu né? /.../ podi inventá sucu pru marquinhu podi inventá sucu pru marcu eli gosta muito /.../	4 5
L1: pois é lei é mei pé duru num gosta di fruta nãu é uma luta pra adula queli eli acha queli pensa qué remediú (+) mas si dé um canudu pra eli minha filha eli arrocha	6 7
L2: <hem-heim> /.../	8

A emissão sonora <un!> nesse trecho de fala aparece expressando surpresa/espanto de L2 em relação à revelação de L1 sobre um gosto alimentar do filho. Notemos que esse elemento paralinguístico também funciona como um marcador conversacional que assegura o desenvolvimento topical, já que ao demonstrar surpresa e, conseqüentemente, interesse pelo que ouviu, L2 acaba por animar seu parceiro L1 a manter a conversa.

5.3.6. Sinalizadores de sensação de Incômodo

Em todo o *corpus*, encontramos apenas um elemento paralinguístico com a expressão de incômodo. Esse elemento, anotado como <fum> ocorreu apenas duas vezes em seções conversacionais diferentes, nas quais apareceu de forma súbita introduzindo um tópico diferente daquele sobre o qual se falava. Esse novo tema funciona, geralmente, como uma interrupção ao ato conversacional por conta de uma impressão olfativa de um dos interlocutores. Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 49. Os interactantes conversam sobre a vizinha que faz uso indevido do dinheiro da bolsa família e do benefício da própria avó.

L2: /.../ agora (+) ela i a disleni vãu fazê (+) vãu fazê (+) academia a partí di janeru	1
L3: vãu pará di cumê?	2
L2: diz qui vãu ficá bunitona (+) mas quandu issu mana (+) diz qui vau fazê (+) <ah> vinti reais queu tirá	3 4
L3: <ah> é fácil porque tem três botô três filhu nu mundu (+) i num qué dá cumida pras pobri das criança	5 6
[
L2: já passa assim sela num tira imagina sela tirá	7
L2: qué fazê academia quessi dinheru qui u governu dá	8
L3: genti essa minina é (+) doida muleca viu (+) i aí ela pega di todú mundu?	9
[
L2: né doida	10
L2: PEGA	11
L3: di graça?	12
L2: pega u cartãu da pobi da dona maria (+) fazê compra (+) a véa burra (+) ainda dá u cartãu	13 14
[
L2: <hu::>	15
[
L2: <ha::>	15
L3: nãu acredito	
L2: sabi lá sela menu paga lá nu carlitu eu achu qui nãu eu achu qui/ (+) qui é	16
[
L3: <fum>	17
discontadu né j.? (+) peidô foi?	18
L3: ta fedendu issu aqui	19
L2: ☹	20
L3: porcaria	21
L2: <heim> j?	22
L3: <an?>	23
L2: será qui já vem discontadu as coisa nu cartãu di aposentada?	24
L3: da ondi?	25
L2: lá du carlitu	26
L3: vem nãu /.../	27

Para a descrição desse elemento paralinguístico, destacamos um trecho de fala longo, pois ele não é produzido para contribuir com o tópico conversacional, como vimos acima, mas para demonstrar um aimpressão do interlocutor. Essa emissão sonora surge

repentinamente em meio à conversação quando um dos interlocutores percebe um mau cheiro qualquer. Todavia, esse elemento funciona como um ato de fala completo, já que comunica uma mensagem, conforme se pode verificar nas linhas 17 e 18 do trecho de fala do exemplo (49). Parece se tratar de um elemento comum apenas às conversas mais informais possíveis, das quais participem falantes muito bem familiarizados, já que não é comum as pessoas revelarem a identificação de qualquer odor quando interagem com estranhos. No exemplo em questão, observamos que esse elemento, por não ter a função de levar a conversa adiante, aparece apenas como um destacador de sensação de incômodo do interlocutor diante do mau cheiro. Optamos por identificar essa emissão sonora como um elemento paralinguístico porque sua produção no meio da conversa fez com que os interlocutores interrompessem o tópico conversacional e comentassem sobre o que estava incomodando L2. Notemos que depois de esclarecido o que houve, eles voltaram normalmente ao tópico do qual tratavam na interação.

5.3.7. Sinalizadores de aborrecimento/descontentamento/chateação

Como sinalizador de aborrecimento, identificamos o elemento <ah>⁵² em nossa análise. Em algumas seções conversacionais, essa emissão paralinguística foi usada para expressar um descontentamento do falante em relação ao seu interlocutor. Vejamos os exemplos a seguir:

⁵² Neste tópico, grafamos o elemento paralinguístico com letras maiúsculas - <AH> - para podermos identificar visualmente a ênfase dada em sua emissão.

Exemplo 50. L1 tenta convencer a filha a viajar para um vilarejo no interior do estado.

L1: /.../ a dona francisca é uma pessoa qui a genti vai pra casa dela é muito bom uma	1
pessoa qui a gente chega (+) ela lhi agrada vai logu fazê uma cumida vai logu lhi agradá	2
aí depois du almoçu a genti vai pu riu lavá loça tumá banhu (+) lavá ropa (+) volta (+) si	3
deita /.../ é uma pessoa gentil as a filha dela também (+) us filhu (+) dus/	4
L2: <AH> mãĩ dá pá vê qui é interiô (+) tudu é ruim du mesmu jeitu	5
L1: NÃU sinhora lá é muito bom sãu (+) certa pessoas	6
L2: <AH> NÃU	7
L1: pessoas qui precisu da (+) di/da genti /.../	8

A emissão desse elemento revelou também o humor da falante, que pareceu demonstrar-se bastante aborrecida com a insistência da mãe em convidá-la para visitar o interior. Notemos, ainda, que a produção desse elemento em posição inicial nas refutações de L2 caracteriza a sua função de marcador discursivo que acentua o efeito negativo dos enunciados proferidos por L2.

O exemplo (51) apresenta outro trecho de fala em que a emissão paralinguística <ah> revela esse mesmo efeito expressivo:

Exemplo 51. L1 e L2 reclamam da falta de luz elétrica na hora do jogo de seu time preferido.

L2: /.../ olha!((barulho de fogos de artificiu))	1
L1: num acredito (+) qué issu bem gol du cruzeru pra ta essi filhu da pulicia aí	2
L2: achu qui é gol du cruzeru porque ninguém gritô agora	3
L1: ta vendu?	4
L2: poxa!	5
L1: <clique> <AH::> é uma maldadi issu fica (+) duvidu quandu terminá u jogu du	6
bicola vai cumé vai chegá a energia (+) qui sacu toda vez é issu	7
[
L2: pô é sacanagem né? na hora du jogu	8
L1: toda vez é issu nessi bairru velhu	9
L2: faltei a aula hoji pra assistí essi jogu	10
L1: <clique> qui DROGA (+) <AH> (+) tá quenti pra caramba aqui <ah> um	11
ventiladô /.../	12

Verificamos que as ocorrências do elemento paralinguístico <AH> no exemplo acima parecem revelar o sentimento do falante na dada situação comunicativa. Os dois interactantes conversam sobre o jogo que estão perdendo por conta da falta de luz elétrica no bairro e que, por isso, estão chateados. A emissão <AH>, linhas 06 e 11, expressa a chateação do falante. Notemos que, neste caso, o enunciado foi introduzido por um <clique> de língua que reforça a expressão do estado emotivo de L1. Além do mais, o elemento paralinguístico focalizado foi alongado durante sua emissão, acentuando, assim, a expressão voluntária desse sentimento e possibilitando a L1 esclarecer ao seu parceiro no ato conversacional como estava se sentindo por conta daquela situação. Na linha 11, há uma nova produção desse elemento, momento em que o falante expressa novamente seu estado emotivo. Todavia, nessa ocorrência há um sentimento diferente do descrito nesta seção. No próximo tópico, apresentaremos esse novo efeito pragmático do elemento <ah>.

Identificamos também a ocorrência do <clique> expressando um descontentamento do falante. Observemos novamente o exemplo (51).

Ao usar o clique de língua, o falante parece expressar seu descontentamento em relação à situação em que estavam: a falta de luz elétrica que lhes impossibilitava de assistir a um jogo de seu time favorito. Nesse caso, parece-nos clara a expressão de sentimento do falante revelada no elemento paralinguístico produzido. Houve várias ocorrências desse elemento demonstrando também insatisfação e/ou aborrecimento do falante em relação ao parceiro conversacional ou à situação em que se encontrava em outras seções conversacionais inclusa em nosso *corpus* de trabalho, levando-nos a constatar que esse elemento também geralmente contribui para a manifestação da fala expressiva.

5.3.8. Sinalizadores de desejo

Na linha 11 do exemplo (51), encontramos uma outra emissão do elemento paralinguístico em pauta, dessa vez há a ocorrência do <ah> revelando um sentimento de desejo do falante. Esse elemento parece denotar a vontade do falante de poder usar um ventilador num momento em que o calor o incomodava. O uso da emissão paralinguística resume o desejo do falante, de forma que ele não precise explicar em palavras sua ânsia de desfrutar desse objeto. A retirada desse elemento do enunciado em questão, em nosso ponto de vista, traria prejuízo para a compreensão do que foi falado, visto que sua emissão e a forma como foi produzido é que possibilitam a adequada interpretação do sentido pretendido pelo falante.

5.3.9. Sinalizadores de irritação

Em nossa análise, identificamos dois elementos paralinguísticos que expressam a irritação do falante em alguns trechos conversacionais. São eles: <ah> e <um::-uhm>. Vejamos exemplos dessas ocorrências a seguir:

Exemplo 52. L1 conversa com sua sobrinha L2.

L2: /.../ a (+) a foto? (+) num sei (+) é da é das coisa (+) é assim ó? (+) du cebolinha?	1
L1: <ah> du cebolinha! i quem é u cebolinha?	2
L2: u cebolinha?	3
L1: vira pra cá tia	4
L2: é é di di cololida	5
L1: <ah> quem te deu?	6
L2: eu num sei (+) foi foi a anni	7
L1: quem é ani?	8
L2: a ani bem ali	9
L1: a anni bem ali?	10
L2: <AH::> a ani bem ali /.../	11

Na linha 11 do exemplo acima o elemento <AH> revela uma irritação de L2 por causa da insistência de L1 em não entender quem era a tal de ani de quem ele falava. O interessante nesse caso é que L2 tem apenas três anos de idade e já realça a expressão de um sentimento por meio de um elemento paralinguístico tão comumente utilizado em situações de fala espontânea. A duração mais longa (713 ms) e a produção mais enfática desse elemento em face dos outros, faz-nos identificar a impaciência e o aborrecimento do falante naquela circunstância. Nessa realização paralinguística, o tom de voz⁵³ agressivo utilizado em sua emissão parece-nos também importante para a manifestação do sentido.

Consideramos interessante destacar uma outra ocorrência do elemento <ah> expressando irritação:

⁵³ Nós não fizemos neste trabalho uma análise específica do parâmetro tom de voz, por isso, destacamos esse comentário apenas como fruto de nosso conhecimento de falante em relação a essa propriedade da fala.

Exemplo 53. L1 comentam sobre as implicações de sua sogra.

L1: c. eu fui lá na dona m. (+) ☹ aí eu disse juan vai comprar um real de charqui pra mim né? ai disqui u juan foi disse <AH> tia eu num vô comprar não eu ti do dez centavos (+) aí u juan foi disse foi lá nu ca/ vai lá nu careca a dona m. <AH> tu num manda u mininu comprar tu manda u mininu/ essi mininu num sabi comprar nada (+) mininu num sabi comprar nada (+) aí né? eu peguei disse não juan vai queu ti do dez centavos nem dei confiança pra dona m. vai juan (+) aí u juan foi quando eli chegou sem/sem charqui sem nada juan cadê u charqui (+) <ah> lá num tem (+) eu disse aí tu comprô teu pirulitu foi bunitin? ☹ eli disse assim claro queu ☹ comprei meu pirulitu eu ia bem vol/ ☹ sem meu pirulitu (+) eu disse agora você vai lá nu carlus vai comprar u charqui pra mim né? (+) aí a dona m. ficô falando <AH> qui num sabi comprar nada qui só sabi fazê só sabi mandá u mininu num sei u quê /.../	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
--	---

Temos uma nova citação de fala nesse exemplo em que o falante novamente imprime uma avaliação pessoal ao que foi dito. Nas linhas 02, 03 e 10 temos, em nosso entendimento, a expressão da opinião do próprio L1, que ao enfatizar a emissão sonora desse elemento e imprimir-lhe um tom agressivo, parece tentar comprometer a pessoa citada. Nesse caso, o falante procurou preservar o conteúdo do que foi dito, o que revela se tratar de uma reclamação, todavia ao introduzir um marcador paralingüístico, ele procurou acentuar nas três ocorrências sua irritação em relação às reclamações da mulher citada na conversa.

O outro elemento paralingüístico que destacaremos nesta seção ocorreu apenas uma vez em todo o *corpus* e foi produzido numa situação em que ambos os interlocutores estavam chateados com a falta de luz elétrica que lhes impossibilitava de assistir a um jogo importante de seu time favorito. Vejamos o exemplo:

Exemplo 54. L1 e L2 conversavam sobre a impossibilidade de assistir a um jogo que estava sendo televisionado.

L1: /.../ GOL DU PAPÃO DI NOVU	1
L2: gol di novu	2
L1: ó	3
L2: é gol do papão	4
[
L1: ó gol do paysandu três a um (+) <AH> luz volta qui maldadi	5
]	
L2: achu qui foi u segundu gol quelí levô qui o terceru a genti num oviu	6
L1: /.../ ó gol du bicola	7
L2: essi foi du paysandu	8
L1: CARACA porque essa luz num volta qui maldadi issu (+)	9
L2: /.../ achu qui foi aquela pisica qui tu colasti lá nu congeladô	10
L1: <um::-uhm>	11
L2: ☺ ☺ /.../	12

Nesta emissão sonora observamos um expressivo alongamento realizado na primeira sílaba do elemento (1.516 s), contrastando com uma brevidade na segunda sílaba (183 ms). Além disso, pela análise da curva da frequência fundamental apresentada no quarto capítulo, percebemos que houve uma variação acentuada do *pitch* (84 Hz - 474 Hz) para enfatizar a expressão emotiva dessa emissão paralinguística. Esses parâmetros prosódicos parecem ter sido produzidos voluntariamente pelo falante para exprimir sua chateação por ter sido contrariado com a observação de L2. Percebemos, assim, que as diferenças de emissão dessas vocalizações são determinadas pela intenção emotiva do falante no ato da enunciação. Notemos, ainda, que o parceiro de L1 na conversação riu diante dessa demonstração emotiva por ter compreendido o sentido do elemento paralinguístico produzido.

5.3.10. Sinalizadores de avaliação subjetiva

No *corpus* deste trabalho, identificamos trechos de fala que funcionam como comentário reflexivo acerca do que o outro disse. Em alguns desses momentos, o falante faz uso de um elemento paralinguístico transcrito aqui como <umm> para introduzi-los. Observemos o exemplo (55):

Exemplo 55. Os interactantes conversam sobre o súbito mal-estar de L2.

L1: tá passandu mal é s.?	1
L2: é	2
L1: porque?	3
L2: porque eu fui lá pra j. eu fui cumê bolu aí cumi aquela raspinha eu passei mal	4
L1: foi? /.../	5
L2: que tinha ovu (+) a dona nena falô qué pra mim í nu médicu quissu é gravi	6
L1: <un-hun>	7
L2: elis vãu fazê endoscopia	8
L1: senti dô nu istômagu?	9
L2: É MUITA bichinha chegu eu ficu fraca mi dá vontadi di caí	10
L1: mas ispera aí é dô di istômagu ô só diarréia?	11
L2: num mi dá diarréia nãu é só dô nu istômagu	12
L1: <umm> podi sê	13
L2: só seu cumê ovu otra coisa num mi dá di jeitu nenhum (+) só ovu	14
L1: tens qui procurá u gastrologista	15
L2: <heim> <heim> <heim> (+) <hum> i eu/eu agora tem uma cocera qui pareci coru	16
pareci assim essi coru grossu grossãu di tantu eu coçá a dotora passô a u remédiu pra	17
mim sabi quantu é sessenta pau (+) dois	18
L1: <hu::>	19
L2: fui lá na nordestina fazê minha ficha só queu num tinha entrada aí eu num	20
com/comprei	21
L1: <an-han> (+) <umm> olha	22
L2: já tem essi problema inda vem essi qué caru fazê endoscopia né j.?	23
L1: <uh-hum>	24
L2: ô faz pelo pelo sus?	25
L1: eu achu qui u sus num faz nau /.../	26

A emissão do elemento <umm> nesse exemplo (linhas 13 e 22) parece ocorrer em momentos de introspecção em que L1 reflete sobre o que ouviu. Observemos que a revelação

desse elemento parece refletir um sentimento de preocupação genuína com o problema do outro. Todavia há uma pequena diferença entre os dois elementos destacados nesse trecho de fala. A ocorrência da linha 13 parece apontar apenas para o próprio falante, como se estivesse revelando sua própria impressão do assunto, sem nenhuma intenção de interagir com o outro. Já na linha 22, o elemento paralingüístico <umm>, apesar de marcar um momento reflexivo, introduz um enunciado em que L1 se volta para o outro, na tentativa de lhe transmitir uma idéia. Essa intenção parece também ser reforçada pelo marcador discursivo *olha*, cuja função predominante é o de marcar enunciados apelativos (Cunha, 2005).

No próximo exemplo, esse elemento aparece também revelando um momento reflexivo-avaliativo no qual L1 pondera sobre o que foi dito. Vejamos:

Exemplo 56. Os interactantes conversam sobre os problemas da irmã de L2 com a separação matrimonial.

L1: /.../ <ah> num sei du qui quela tem medu (+) eli num vai batê nela	1
[
L1: nu dia	2
L2: nu dia quelis si deixaru /.../ eli dissu pa karina é karina macacu qui pula muito leva	3
tiru tipu dizendu pra katinha sabi?	4
L1: <an-han> (+) <uhm-hum> mana (+) katinha tem qui si precavê contra essi cara	5
L2: ô ela tem qui resolvê a vida dela eli dandu pensãu ô ela tem qui trabalhá	6
L1: mas sabi purque eli faz ameaça? (+) purque ela tem medu	7
L2: é::	8
L1: duvidu sela num tivessi seli ameaçava	9
[
L2: agora eli mana diz qui tem pu restu da vida	10
tem qui í lá dia trinta pegá CEM REAIS (+) que	11
qui é cem reais? <clique>	12
L1: pô qui diabu q/ (+) quandu essa minina começa istudá	13
L2: pois é (+) i uma minina que a arleti trabalhava pra ela lá in belém	14
L1: <un-hun>	15
L2: desdi da di impregada eli pagava (+) era ex maridu (+) eli tinha uma filha cum ela	16
(+) pagava té a faculdadi deli eli pagava j.	17
L1: <umm> mana (+) sei nãu mas a pessoa num pó/ comu diz a mamãi né? baixá	18
muitu pra num aparecê a BUNDA	19

O elemento paralinguístico em destaque no exemplo (56) aparece iniciando um comentário com conteúdo subjetivo, no qual revela sua opinião sobre a passividade da irmã de L2 diante da recusa do ex-marido em pagar uma pensão adequada para a filha. Assim, como nos outros casos, a incorporação da vocalização <umm> parece ser feita para expressar uma intenção avaliativa do falante.

No *corpus* utilizado, também foi indentificada uma ocorrência desse elemento emitida de forma alongada <umm::>. Observemos:

Exemplo 57. Os interactantes conversam sobre o local onde será realizado um show que querem prestigiar.

L1: /.../ ei ondi vai sê essi show lá pertu é?	1
L2: nãu lá nu istacionamentu daledi (+) quandu/	2
L1: longi é?	3
L2: quandu/quandu a genti vai chegandu a cidadi (+) tem aquela prediu na entrada? é lá pertinhu (+) num é muito longi nãu	4
L1: é pertu da nassau é?	5
L2: a nassau?	6
[7
L1: a nassau fica na frenti di lá	8
L2: nãu aquela ali é a cibrasa (+) qui produz cimentu nassau	9
L1: sim pois é eu chamu di nassau	10
L2: quandu tu fala nassau a genti pensa nu clubi	11
L1: nassau queu falu é aquela fábrica lá qui a genti passa	12
L2: eu sei (+) mas é qui quandu tu fala nassau a genti pensa nu clubi (+) qui fica lá nu centru da cidadi	13
L1: pois é mas fica pertu da fábrica? (+) num é pru iníciu di capanema?	14
L2: <umm::> num fica assim pertinhu (+) mas ô menus	15
L1: rezá p/pu velhu levá a genti di carru lá	16
L2: i a j. dissi assim (+) i devem tê marcadu u show pra umas novi horas porque lá na aledi elis sempri começam u show meia noiti para três hora já tê acabadu	17
L1: purque pela localidadi é?	18
L2: NãU geralmenti assim quandu tem essas festa tem otras bandas nãu é só grupu famosu /.../	19
	20
	21
	22

Nesse trecho de fala (linha 16), o elemento paralinguístico revela um momento de cogitação, no qual L2 pensa sobre o que responder a L1. Em casos como esse, parece mais comum o falante fazer uso de pausa preenchida (eh) para revelar a formulação de pensamento, todavia, aqui o falante optou por utilizar o elemento <umm::>, pois além de demonstrar que estava formulando sua fala, também tinha intenção de amenizar a idéia de distância que seu parceiro tinha em relação ao local de realização do show. Vemos também que o falante faz um alongamento expressivo ao produzir o elemento (1.948 s), realçando um caráter de incerteza em sua resposta, não convencendo, assim, o interlocutor de que o local do show não era tão distante.

5.3.11. Sinalizadores de Incredulidade/desconfiança

Identificamos três elementos paralinguísticos que assumiram esse sentido em alguns fragmentos de fala analisados. O primeiro deles foi anotado como <UN?>. Observemos:

Exemplo 58. L2 conta sobre o dia em que sua tia expulsou um fantasma de sua casa.

L2: /.../ i u qui foi que/quela dissi pa pa tia mirita num foi nãu nu terreru lá di macumba	1 2
L1: quem dissi?	3
L2: qui foi quela dissi a velha	4
L1: que velha?	5
L2: num foi mãi ela dissi qui ela ia mi aterrorizá ATÉ (+) aí a tia mirita i xpusô ela (+) ela falô pra mim lá dissi g. (+) eu i xpusei ela agora eu vô i xpusá essi rapaz qui anda cuntigu (+) agora eu vô i xpusá essi rapaz qui anda cuntigu	6 7 8
[L1: comé qui é?	9
L1: (+) <UN?>	10
L2: fo:i (+) só qui eli ti ajuda eli/eli num dexa as coisa aconteceri cuntigu já tentaru ti matá um monti di vez i num consiguiru (+) agora eli qué qui tu faça UMA COISA pra eli eli qué qui tu faça uma coisa mas tu num vai fazê queu num vô deixá	11 12 13
L1: <un?>	14
L2: ela dissi eu num sei u qui é	15

Este elemento ocorreu apenas uma vez em todo *corpus*, mas mostrou-se relevante para o estudo por demonstrar um sentimento de descrença por parte de L1. Ao produzir essa emissão paralinguística, L1 procurou demonstrar que não estava acreditando naquela estória de que havia um espírito perseguindo seu irmão. Dessa forma, como interlocutor, que, aparentemente, conhecia bem o parceiro e por manter com ele laços afetivos, sentiu-se a vontade para transmitir sua atitude de descrença, informando que não podia crer no que ouvia. Observamos também que a manifestação desse elemento parece ter exigido uma resposta rápida e segura por parte de L2, reafirmando sua versão do fato ocorrido (ver linha11). A inflexão ascendente dada no momento de produção do elemento acabou por enfatizar o sentimento de descrédito que foi instantaneamente compreendido pelo interlocutor.

Os elementos paralinguísticos <*uhm-hum*> e <*an-ham*> foram identificados no *corpus* como uma expressão da desconfiança do interlocutor em relação ao assunto tratado. Observemos:

Exemplo 59. L1e L2 falam sobre o fato de seu ex-cunhado não pagar a pensão devida à filha.

L1: /.../ <ah> num sei du qui quela tem medu (+) eli num vai batê nela	1
[
L1: nu dia	2
L2: nu dia quelis si deixaru /.../ eli dissi pa karina é karina macacu qui pula muito leva	3
tiru tipu dizendu pra katinha sabi?	4
L1: <an-han> (+) < <i>uhm-hum</i> > mana (+) katinha tem qui si precavê contra essi cara	5
L2: ô ela tem qui resolvê a vida dela eli dandu pensãu ô ela tem qui trabalhá	6
L1: mas sabi porque eli faz ameaça? (+) porque ela tem medu /.../	7

Neste trecho, verificamos que L1 marca sua posição pessoal em relação aos problemas que sua prima vem sofrendo com processo de separação matrimonial. Dessa forma, sua opinião e sentimento de desconfiança em relação às intenções dos sujeitos envolvidos no caso do divórcio são demonstrados, e isso parece ocorrer pelo fato de L1 ter laços familiares

estreitos com a pessoa prejudicada (a prima de quem falam na conversa). Acreditamos que essa expressividade é transmitida pelo elemento paralinguístico <*uhm-hum*>, na linha 05, cuja função é transparecer a emotividade do falante.

Há outro exemplo que podemos destacar aqui:

Exemplo 60. L1 conta sobre a bebedeira que quase o levou a uma overdose.

L1: /.../ u médicu fez um ixami lá eli falô pra mim assim rapaz (+) si tu bebi mais uma vez (+) tu ia morrê di overdosi (+) teu coração ia dá uma parada cardíaca neli	1 2
L2: <ah> tu istavas bebendu (+) diretu há quatru dias [3
L1: num ia aguentá	4
L1: diretu (+) eli falô queu ia tê uma parada cardíaca né? uma OVERDOSI ia morrê n/na hora num tem conversa	5 6
L2: < <i>uhm-hum</i> >	7
L1: aí eu fiquei passei um mês sem bebê rapaz deu uma entrada di anu pô aí eu fui todumundu bebendu bebi ó (+) amanheceu u dia num senti PORRA nenhuma /.../	8 9

Neste exemplo, constatamos que quando o ouvinte emite o elemento <*uhm-hum*>, ele expressa um julgamento acerca do comportamento do locutor, quando este bebeu a ponto de quase sofrer uma overdose. Como L2 parece não ter tido conhecimento daquela história até então, e por se tratar de seu irmão mais novo, acabou por demonstrar um sentimento que misturava descrédito e reprovação ao feito do irmão. Ressaltemos, ainda, que o elemento aparece isolado em um turno de fala, funcionando como um enunciado completo, e expressando um sentimento do interlocutor.

O elemento <*an-ham*> também aparece exprimindo descrença. Vejamos o exemplo (61):

Exemplo 61. L1 fala do comportamento dos sobrinhos de sua esposa.

L1: /.../ us mulequi são tãu acostumadu ca arrumaçãu da mãi delis di lavá us pés	1
iscová us pé na porta antis di entrá (+) elis chegu lá in casa i faz u mesmu jeitu	2
L2: <un-hun>	3
L1: elis já levu na mau (+) u baldi (+) u baldi cum água (+) queru qui a sinhora veja	4
mãï (+) eu lhi juru (+) elis levu na mãu u baldi cum água (+) chega lá na porta di casa	5
elis sentu lá lavu u pé pra entrá (+) a ilma fica olhandu a presepada delis (+)	6
L2: tadinhus	7
L1: i eu ficu olhandu também (+) sabi?	8
L2: <an?>	9
L1: i u pió quessa arrumaçãu us mininu di casa tãu fazendu du MESmu JEITU (+)	10
L2: <un-hun> (+) <an-ham>	11
L1: num precisa gritá a ilma nem a ilma num faz essas presepada ela num gosta dissu	12
L2: que si acostuma	13
L1: mulequi num dãu trabalho us mulequi ficu purali num assisti televisãu (+) porque	14
na casa delis a televisãu só é ligada di noiti	15
L2: <un?>	16
L1: <heim> pai (+) pois rapaz é u mulequi elis num vê televisãu na casa delis só tem	17
uma oportuniadadi di assistí televisãu si fô na casa dus otru (+) porque a mãï num dexa	18
(+) é a televisãu disligada u dia todin::/.../	19

Neste trecho conversacional, o elemento paralinguístico em destaque revela também sentimentos de desconfiança e estranheza em relação ao comportamento incomum dos sobrinhos de L1. Notemos que este, ao fazer uma pausa, possibilitou a troca de turno de fala, dando a deixa para L2 expressar sua opinião. Ressaltemos também que L2, ao exprimir uma opinião particular, converge com a opinião de L1, animando-o a continuar falando sobre a conduta dos garotos.

5.3.12. Sinalizadores de Alegria

Identificamos em nossa análise dois elementos paralinguísticos que se revelaram bastante interessantes no *corpus*, visto terem se manifestado várias vezes e sempre na fala de um mesmo informante. Vejamos inicialmente a emissão identificada neste trabalho como <hu>:

Exemplo 62. L1 conta sobre a bebedeira do primo numa noite de vaquejada.

L1: /.../ a vez queu achei mais graça na minha vida foi na última vaquejada agora sabi?	1
(+) eu i u beton lá olhandu u rodeiu i tinha uma lorona olhandu pra nós ó!	2
L3: ☺	3
L1: pô beton aquela gata ta só olhandu pra nós ó (+) chama ela chama ela (+) vem cá	4
(+) i aí num tá afim de bebê nãu? ficá cum nós aqui (+) ficamu lá né? (+) aí u beton	5
dissi (+) u beto::n quiria ficá cum ela né? (+) ficá aí beton (+) bora pruma mesa u beton	6
istribadu ☺ (+) chegamu lá mesa u beton dissu pa gata assim ó (+) só num queru qui	7
você fiqui beba ó! (+) a muleca dissu (+) tá bom (+) chegô cum	8
[9
L3: <hu>	10
mais cum pocu u beton tava ☺ tava ali nu careca sabi ☺ mortu di doidu já ☺ (+) ☺ a	11
muleca ZERADA assim olhandu pra mim u que quelu tem? eu dissu ixi rapaz eli já tá é	12
prontu já ☺ (+) nãu i cum uma cerveja eli ficô tri doidu (+) ☺ aí mais cum pocu a	13
muleca si saiu foi imhora lá pra festa i u beton fico impurrandu a	14
[
L2 e L3: ☺ /.../ ☺	15
bicicleta da minina mortu di doidu ó ☺ rapaz (+) sei qui eu rapaz eu vim pra casa durmí	16
bichu (+) quando é nu otru dia umora dessa eu incontrei u beton vindu da vaquejada (+)	17
já nu OTRU DIA cum litru di domu na mãe ca calça rasgada quelu tinha dadu nu arami	18
☺/.../	19
[
L3: <hu>	20
	21

Em todas as seções conversacionais em que o elemento <hu> ocorreu houve a manifestação de apenas um sentimento: o de alegria do interlocutor. Observemos que o trecho destacado apresenta um assunto jocoso que parece ter contagiado de alegria os interactantes envolvidos. Precisamos ressaltar, ainda, que esse elemento não exerce um papel de marcador conversacional cuja função de fazer fluir a conversação é predominante. Seu objetivo, nesse contexto, é o de expressar o estado de divertimento do interlocutor. Na maioria das situações esse elemento apareceu em superposição com a fala de outro interlocutor ou, em alguns, casos, como os do exemplo citado aqui, foram emitidos em momentos de silêncio do

falante. Em todos os trechos em que foi identificado ele sempre apareceu sozinho, sem apresentar nenhuma contribuição para o desenvolvimento da conversa.

Observemos também um outro elemento cujo sentido é semelhante ao de <hu>:

Exemplo 63. Os interactantes comentam a mania de L1 em colecionar coisas.

L1: /.../ aí ela faz/ ela faz tipu um carnezin né? (+) paga até di três vez (+) si eu comprá	1
um negóciu de cincuenta reais eu pagu quinzi dizesseti (+) uma di dizesseti ôtra di	2
dezoitu ôtra de quinzi	3
L2: <ah> é?	4
L1: assim	5
L2: <umm>	6
L1: aí eu vô pagandu as calcinha di quinzi in quinzi né?	7
L2: (+) mas pari di compra calcinha mãi	8
L1: eu nãu	9
L3: <u-hu>	10
L2: si eu fossi a sinhora ia colecioná unha pustiça (+)	11
L3: <u-hu>	12
L2: sai mais baratu	13
L1: unha pustiça? /.../	14

O elemento paralinguístico em destaque nesse trecho de fala (linhas 10 e 12), também expressa um sentimento de alegria do interlocutor em relação ao tópico discursivo.

Tratamos essas emissões sonoras como elementos paralinguísticos, apesar de não funcionarem como atos de fala, porque levamos em consideração as palavras de Campbell (2002b, 2003) cujo postulado assume que esses ‘ruídos’ sonoros são partes importantes da comunicação interpessoal, haja vista informarem sobre o estado emotivo do interactante. Assim sendo, tomamos esses dois tipos de emissões não-verbais - <hu> e <u-hu> -, como elementos paralinguísticos que possibilitam aos interlocutores comunicarem suas emoções.

5.3.13. Sinalizador de Oferta

Uma outra ocorrência do elemento <*uhm*>, já visto neste capítulo, foi identificada no *corpus* com um efeito de oferta. Vejamos a trecho de uma conversa abaixo:

Exemplo 64. Durante o lanche, L2 oferece manteiga para o filho de L1.

L1: /.../qué juãu vitu biscoitu agora (+) qué nãu? [1
L2: qué (+) qué toma mais < <i>uhm</i> > ((ergue pote de biscoito diante do garoto))	2 3
L2: dá as tua pra ela passa pra ela /.../	4

Neste caso, o elemento <*uhm*> aparece como uma oferta. L2 pergunta ao garoto se ele quer biscoito, então produz o elemento ao mesmo tempo em que oferece o pote para ele. Esse elemento parece ser frequentemente usado quando o falante quer convencer o outro a aceitar algo que está oferecendo. No caso em questão, trata-se de uma criança, que de acordo com a mãe não comia qualquer coisa, e, por isso, a interlocutora tenha tentado persuadi-lo a aceitar um biscoito. Parece-nos que o elemento paralinguístico, neste trecho, funciona como uma expressão de oferecimento que aparece já no fim do enunciado, talvez como último recurso vocálico depois que as palavras não tiveram o poder de convencê-lo. Uma observação importante sobre essa ocorrência é que a manifestação não-verbal de erguer a mão segurando o pote de biscoito para que o garoto tirasse um⁵⁴ revela que, durante a interação face a face, o homem faz uso de vários elementos não-verbais, que trabalham em conjunto para efetivar a comunicação (Silva, 2005; Key (1958) *apud* Steimberg, 1988).

⁵⁴ Esta observação foi feita pelo pesquisador no momento de coleta do *corpus*, haja vista as conversas não terem sido gravadas em vídeo.

5.3.14. Sinalizadores de Indignação

No processo de análise identificamos um outro sentido expresso pelo elemento paralinguístico <*heim*>. Essa emissão tão comum na linguagem falada, revela-se em alguns trechos conversacionais com o mesmo sentido que é definido no dicionário⁵⁵. Vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 65. Os interactantes conversam sobre o comportamento estranho dos sobrinhos da esposa de L1.

L1: /.../ ei mãe aquela minin/ u uarlei tem trezi anus di idadi eu cum trezi anu já sabia u	1
qui era as coisa (+) u mininu num sabi DI NADA (+) a sinhora sabi u quié u mininu	2
num pudê peidá pô	3
L2: NÁU?	4
L1: deus u livri seli soltá um peidu qui a mãe deli deli iscuti	5
L2: eu < <i>heim</i> >	6
L1: (+) <hum> (+) ela voa incima i dali porrada mesmu /.../	7

Nesse exemplo (linha 06), verificamos que o elemento paralinguístico <*heim*> denota a indignação e espanto do falante diante do que ouvira sobre o comportamento da pessoa citada na conversa. Notemos que a produção dessa emissão sonora também revela uma intenção avaliativa e reprovadora, visto que o emissor do elemento em questão (L2) parece considerar inadequada a atitude da pessoa citada em relação aos filhos.

Além dessa emissão vocálica, observamos também a expressão de um sentido semelhante a este na emissão do elemento <*un!*> no seguinte trecho conversacional:

⁵⁵ Em Ferreira (1993, p. 284) essa emissão é definida como uma interjeição que denota não haver a pessoa ouvido bem, ou ter ficado espantada ou indignada.

Exemplo 66. L1 relembra uma situação vivida com o ex-marido.

L1: /.../ um dia telefonaru (+) i perguntaru pureli (+) aí eu eu (+) deixa ixplicá (+) eli	1
dissi (+) quem mando tu dizê queu tava aqui? <un!> cumeçô falá um monti di coisa pra	2
mim, mi chamá de burra, eu dissi qué sabe, burru é você /.../	3

Nesse exemplo, observamos que, ao emitir o elemento <un!>, L1 parece revelar um sentimento de indignação ao lembrar de uma situação que viveu com o ex marido. No exemplo (67) abaixo, há também uma manifestação semelhante desse elemento:

Exemplo 67. Os interlocutores comentam sobre os filhos do ex-cunhado de L2.

L1: /.../ mi conta mas pra essa u gilvan paga pensãu? ☺	1
L2: paga nada (+) nem pa alejada eli paga	2
L1: tem uma qui é alejada?	3
L2: tem uma qué alejada	4
L1: mintira qui tem uma qué alejada (+) coitadinha	5
[
L2: é	6
L2: ela vivi assim na cama ela num num comi só ela NADA ela só mas ela fala sabi?	7
ela fala	8
L1: <un-hun>	9
L2: mas também é só deitada todú tempu	10
L1: <umm>	11
L2: fez um monti di operaçãu mas num tem jeitu nãu	12
L1: minina essi gilvan é palhaçu	13
L2: <un!> /.../	14

Neste exemplo (68), constatamos também a expressão de indignação do falante em relação aos mal-feitos do ex-cunhado. Notemos que além de expressar esse sentimento o elemento também funciona como um marcador conversacional de convergência, haja vista também revelar que L2 concorda com o comentário de L1 sobre a pessoa citada na conversa.

5.3.15. Sinalizadores de Ameaça

Destacaremos uma nova ocorrência do elemento paralinguístico <ah> no *corpus* alvo deste estudo. Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 68. As interactantes comentam sobre os problemas que a irmã de L1 tem sofrido com a separação matrimonial.

L1: /.../ mas si ela quizessi né? (+) ela juntava u dinheru i pa/ mas a katinha morri di medu deli morri di medu morri morri di medu (+) i eli só vivi aí só vivi <AH> si tu mi colocá na justiça (+) a j. ti contô num contô qui quandu ela botô eli na justiça eli quis tirá todas as coisas dela tudinha di lá?	1 2 3 4
L2: <un-hum>	5
L1: NÃU?	6
L2: <un-hum>	7
[
L1: uma vez quela botô aí foi a intima/ intimação né? qui chama (+) foi pra eli (+) aí eli pegô num domingu a genti foi pra mamãi a genti vei cedu né? pareci quela tava adivinhandu aí s. eu vô ficá aqui in casa eu dissi nãu umbora lá pra casa a genti veiu demorô muito a leni chegô <ah> kátia tãu tirandu as tuas coisa lá di dentru da tua casa (+) a bichinha foi disisPERAda pra lá (+) elis tavau tiranu tudu (+) quandu ela chegô já	8 9 10 11 12 13
L2: <hu::>	14
L1: u bichu é tãu safadu j. nessi dia eu fiqui cum tan/ (+) depois eli foi u irmão deli qui foi depois aí eli ligô né? aí eli ainda tava lá <AH> <clique> a genti tava acabandu ela chegô aqui ó!	15 16 17
L2: mas tu sabi purque? sabi porque porque a katinha é besta	18
L1: pois é i eli sabi qui a katinha tem medu deli	19
L2: (+) si a katinha fossi uma DOIDA	20
L1: é num tinha medu ela tacav/	21
L2: que? ela ia denunciá eli era PRA PULICIA tava tentandu robá é ladrão /.../	22

No exemplo acima, temos a ocorrência do marcador <AH> em fala citada, linhas 02 e 16, no qual verificamos a expressão de sentimentos do falante. Na primeira ocorrência (linha 02), notamos a acentuação do sentido de ameaça que o enunciado encerra. A inclusão desse elemento no início da fala parece uma tentativa do falante (aquele que reconstrói a fala do

outro) de resumir nele a atitude ameaçadora do cunhado. E isso é possível por conta da relação de proximidade que L1 mantém com o mesmo. Acreditamos que, pelo fato do falante conhecer as intenções do falante citado e todos os problemas que este causou a sua irmã, ele reconstrói o enunciado de modo a deixar claro sua intenção – comprometer o falante citado diante de seu ouvinte -, o que faz por meio da produção sonora de um elemento paralinguístico carregado por um tom de ameaça.

Destacaremos um outro exemplo dessa ocorrência:

Exemplo 69. Os interactantes conversam sobre os acontecimentos anteriores ao assassinato de um primo.

L2: /.../ aí quebrô a bicicleta du betinha todinha aí u michel pegô a bicicleta e levô PA	1
MÃI Deli (+) chegô lá a mãi deli meteu a isculhambaçãu neli vei elis dois (+) aí	2
quandu chegô lá (+) cum a mãi du michel cum eli aí u finadu betinha cumeçô a	3
isculhambá elis dois ó!	4
L2: mas u betinha num pagô a bicicleta nãu?	5
L1: pagô foi porra (+) chamandu ela dí num sei u quê num sei u quê qui u teu filhu vai	6
amanhecê cum a boca cheia di furniga (+) aí ta bom u michel dissí <AH> tá bom (+)	7
foi pa casa deli /.../ u michel chegô sabi? lá du matu (+) da banda du matu aí chegô (+)	8
aí ficô lá nu cantu aí contaru pru michel né? (+) <AH> intãu é issu tá bom michel só nu	9
cantu i u aguinaldu já foi na casa deli buscô um tessadu aí ficaru lá /.../	10

Neste excerto, linhas 07 e 09, também verificamos um tom de ameaça nas emissões do <AH> utilizadas pelo falante ao recriar a fala da pessoa citada. O elemento parece ser usado para estabelecer um limite entre a fala do locutor e a fala recriada, além de imprimir um efeito de ameaça que configura o clima de perigo precedendo o assassinato do primo.

5.3.16. Sinalizadores de Repreensão

Em outros trechos de fala, identificamos a ocorrência de elementos que parecem expressar uma repreensão ao comportamento e/ou atitude do outro. Vejamos os exemplos a seguir:

Exemplo 70. Os informantes conversam sobre os débitos de L1.

L1: /.../ eu tenhu conta du cumeçu du anu queu tô pagandu	1
L2: deus u livri	2
L3: <u-hu>	3
L1: (+) todú mês eu dô só (+) dô só u queu possu	4
[
L4: quantas calcinha ela num comprô <heim>?	5
L3: <un!>	6
L1: não né só calcinha nãú já/	7
L2: <hum> mãi!	8
L1: é um bucadu di bermuda bucadu dic alça queu comprei desdi janeru	9

Neste excerto, vemos que L2, ao produzir o elemento <hum> repreende sua mãe, esclarecendo que está chateada com o fato desta reter tantas dívidas. Assim, neste caso, a produção desse enunciado não-lexicalizado parece suficiente para L1 (a mãe) se sentir repreendida.

Em outros trechos conversacionais, encontramos novos exemplos desse elemento:

Exemplo 71. L1e L2 conversam sobre a formação do caráter das pessoas.

L1: /.../ ☺ eu sô eu sô u cara pó queu já nasci <clique> cum aquela seta entendeu? (+)	1
eu sei u qui é certu i eu sei u qué erradu eu só façu u erradu seu quizé (+) eu só façu u	2
err/ eu num precisu di di babá pra tá mi dizendu eu num precisu di pastô (+) eu num	3
precisu di piscólogo eu num precisu di nada eu sei u qui é certu eu sei u qui é erradu	4
L2: mas issu é di cada pessoa porque eu conheci um monti di genti na igreja genti na	5
igreja quera ruim feitu u diabu	6

L1: <hum>	7
L2: ruim	8
L1: u qui tem di genti ruim nessi mundu	9
L2: <hum>	10
L1: jesus /.../	11
L2: (+) juãu já e/e/ei jambãu (+) ruim sabi? di di di negá as coisa pras pessoas fala	12
mal todú dumingu (+) defamá as pessoas (+) aquela (+) lembra da márcia lá di	13
bragança?	14
L1: <un?>	15
L2: a márcia sofreu muito na mão du pessoal da igreja	16
L1: era sim /.../	17

A emissão do elemento <hum>, no trecho de fala do exemplo 71, parece demonstrar uma atitude repreensiva do falante diante de sua constatação a respeito da maldade dos homens. Neste caso, especificamente, o elemento em destaque não apenas informa que o locutor censura tal comportamento de outrem, mas que também se sente indignado diante de tal situação. Observemos que os dois interlocutores envolvidos na seção conversacional produzem o mesmo elemento paralinguístico, demonstrando assim que ambos compartilham do mesmo sentimento em relação ao tópico em foco.

Constatamos, assim, outra manifestação de sentido do elemento paralinguístico <ah>. Dessa vez, ele parece carrear também um sentido repreensivo. Vejamos o exemplo (72):

Exemplo 72. L1 e L2 discutem sobre a dívida em uma grande loja do estado.

L2: /.../ a yamada também é fácil (+) agora quela:: põi mais dificultadi (+) eu nunca dei	1
caloti na yamada	2
L1: nem eu (+) eu pagu meu filhu (+) dá caloti é quem num paga nunca (+) igual u u u	3
mininu queu conheci <UN!> devu mais di mil i quinhentu ☹ eu num vô pagá pra queli	4
japonês ☹	5
L2: eu qui/qui/ eu tô devendu	6
L1: quarenta i seis	7
L2: qui QUARENTA I SEIS ? (+) a minha prestação é:: ☹ seti reais só	8
L1: <AH> custa você inclui a MINHA parti na sua /.../	9

Neste exemplo, a emissão do elemento <AH> parece encerrar uma repreensão do falante em relação à posição de L2 em não compartilhar as dívidas. Assim, essa vocalização aparece no enunciado tanto para interagir com o outro quanto para realçar a expressão do estado emocional do falante.

5.3.17. Sinalizadores de Ressentimento

Identificamos em nosso *corpus*, um outro efeito expressivo do elemento paralinguístico <ah> em algumas seções conversacionais. Vejamos duas ocorrências:

Exemplo 73. L1 e L2 falam da forma não polida de sua vizinha tratar as pessoas.

L2: /.../ rapaz (+) aquela mulhé rapaz (+) aquela mulhé é injuada dimais vamu respeitá	1
ó! (+) rapaz as criança brincandu tudu lá nafrenti brincandu lá sabi? (+) era brincadera	2
mesmu di criança correndu tava u rodrigu andandu na bicicleta <clique> (+) rapa pô a	3
dona maria brigandu (+) puxandu a bicicleta (+) chamandu us mininu di inJUADU(+)	4
ispusandu us mininu dali pra í pra casa delis ó j.!	5
L1: <ah> mas ela é muito increnquera mesmu /.../	6

Exemplo 74. Os interactantes conversam sobre a diferença de comportamento e de atitude do ex-marido de L2 em relação ao nascimento dos dois filhos.

L1: /.../ i nissu u ca-lunga NADA di ta lá du teu ladu	1
L2: calunga nunca nem apareceu (+) só quandu r. nasceu	2
L1: eli apareceu?	3
L2: quandu r. nasceu eli chegô lá nu hospital foi aquela festa meu filhu porque u/era	4
homi (+) aí diz qui foi pra vaquejada aí bebeu bebeu pareci um CACAHOrru velhu (+)	5
a mãi deli mi falô queli chegô foi uns TROMBECÃU lá pur cima duns monti di areia	6
qui tinha lá pelu meu da rua ☹ caindu ☹ issu tudu di (+) PO-RRI	7
[
L1: mas	8
L1: quandu nasceu u juan ele num fez a mesma festa?	9
L2: <AH> u juan dizia qui num era filhu deli	10
L1: <ah> sim	11
L2: comé queli ia fazê festa /.../	12

Nos exemplos (73) e (74), a presença da emissão paralinguística <ah> parece-nos expressar certo ressentimento do falante em relação à pessoa citada no tópico conversacional. Sobre essas ocorrências, ressaltamos que as relações interpessoais possibilitam a expressão de sentimentos em relação ao parceiro conversacional e/ou ao assunto da conversa (Cambell, 2003). Nos excertos vistos nesta seção, o elemento <ah> contribui para impressão de um sentimento no enunciado. Essa emoção do falante é sinalizada, de acordo com nossa análise, pela modulação da voz no que diz respeito à altura dada em sua emissão. Esse tom de voz impresso na emissão do elemento <AH> contribui para a compreensão de sua expressividade. Sobre o tom de voz, Cagliari (1993, p. 47) argumenta que: “[...] o falante sabe como agir diante não apenas do significado literal das palavras e das estruturas sintáticas, mas também ao ‘tom de voz’ com que os enunciados são proferidos”. Assim, nos exemplos em questão, esse tipo de produção sonora também contribui para a revelação da intenção do falante em compartilhar com o interlocutor seu ressentimento em relação às pessoas a quem se referiam em suas trocas conversacionais.

5.4. Considerações finais

As considerações tecidas neste capítulo salientaram o papel expressivo de elementos paralinguísticos no discurso falado em situações reais de comunicação. Destacamos, assim, os efeitos de sentido expressados por esses elementos, bem como suas funções nas relações comunicativas interpessoais existentes no *corpus*.

Das observações desses elementos, verificamos que estes se apresentam em muitos momentos da conversa para manifestar diferentes sentimentos e opiniões ou apenas para

colaborar com o desenvolvimento textual. Assim, importa-nos destacar algumas das conclusões obtidas a partir da análise e da descrição dos dados em questão.

Esses elementos contribuem para o fluxo conversacional do discurso falado, fazendo-o progredir, à medida que animam o falante a continuar o tópico conversacional ou revelam um significado expressivo que leve o interlocutor a compreender seu posicionamento emotivo. De igual modo, observamos também que uma mesma emissão vocálica pode expressar uma variedade de efeitos pragmáticos na conversação.

Outro ponto que consideramos importante é o constante aparecimento do elemento <ah> em falas recriadas quando o falante tem por objetivo fazer uma avaliação subjetiva sobre o que foi dito pela pessoa citada no seu discurso. Isso pode revelar que o falante, nesses casos, deseja imprimir em sua fala sua opinião ou sentimento em relação a essa pessoa de quem recriou um enunciado. No *corpus* analisado, vimos que, na maioria das vezes, esse elemento paralinguístico apareceu nos momentos em que o falante citava falas de pessoas com quem mantinha uma relação pessoal.

Sobre as funções desses elementos paralinguísticos, vimos que estes têm um papel comunicativo-interacional, pois não articulam apenas as informações textuais, mas também amarram a interação interpessoal, possibilitando a expressão de sentimentos e/ou opiniões dos interactantes em relação ao outro ou ao tópico conversacional. Temos assim, que esses elementos constituem-se em escolhas voluntárias dos interlocutores envolvidos em uma interação comunicativa para organizar o texto e/ou revelar estados emotivos.

Também verificamos que esses elementos podem ocorrer isolados em um turno, no início ou no final de unidades conversacionais lexicalizadas. Seja qual for o seu posicionamento, a emissão desses elementos parece sempre contribuir para a sinalização de participação e cooperação dos interlocutores no processo interativo em que se encontram.

Em suma, percebemos que a análise e a descrição desses elementos revelam que estes exercem funções importantes nas conversas informais, de forma que sua produção realça a expressão da fala expressiva. Desse modo, consideramos que tais emissões vocálicas além de contribuir para a organização textual, colaboram também para a manifestação das intenções emotivas do falante.

CONCLUSÃO

“A comunicação através da fala é apenas informativa, pois a emotiva é fornecida pela paralinguagem.”⁵⁶

(Mary Ritchie Key)

⁵⁶ Mary Ritchie Key (1958) *apud* Steimberg (1988).

Levando em consideração os objetivos iniciais propostos em nosso trabalho, observamos que, em linhas gerais, eles foram contemplados: fizemos o levantamento, a análise e a descrição de elementos paralinguísticos do português espontâneo; além disso, confirmamos a hipótese acerca do alto índice de frequência desses elementos na fala natural, bem como de seu caráter expressivo no discurso falado.

O processo de análise nos revelou que enquanto recursos não-verbais, esses elementos podem carrear informações sobre a opinião, estado emocional e/ou de atitude do falante em relação ao seu parceiro na interação ou ao tópico discursivo. Essa constatação ratifica a contribuição dessas emissões vocálicas para a construção do discurso e para a organização interpessoal.

Sobre sua ocorrência na fala, importa-nos ressaltar que esses elementos paralinguísticos aparecem com bastante frequência em conversas informais travadas por pessoas que mantêm relações pessoais familiares. Esse aspecto corrobora o postulado de Campbell e Ishi (2004) e Campbell (2003), que assumem que a manifestação paralinguística é mais significativa quando a conversa se torna mais pessoal. Assim, no processo de transcrição e identificação dessas realizações paralinguísticas, constatamos um grande número delas no *corpus* alvo desta pesquisa, refletindo atitudes, emoções e opiniões dos interlocutores. Daí, entendemos que esses enunciados não-lexicalizados contribuem diretamente para a manifestação da fala expressiva, no sentido de imprimir no discurso informações pessoais do falante.

Dessa forma, os elementos paralinguísticos, ao ocorrerem numa conversação, não só cooperam para a unidade temática da enunciação, mas também possibilitam ao ouvinte, numa dada situação comunicativa, compreender as intenções do falante.

Sobre o posicionamento desses elementos, observamos que, de modo geral, eles se posicionam antes ou depois de unidades lexicalizadas, especialmente o elemento <ah> que na

maioria de suas ocorrências se manifestou ligado a um enunciado verbalizado. Em muitos casos, verificamos que eles podem aparecer isolados em um único turno de fala, funcionando, assim, como atos de fala completos. Além disso, constatamos também outros elementos, como <*un!*> sinalizando hesitação, <*han*> manifestando frustração, entre outros, que aparecem no interior de um enunciado lexicalizado.

A análise prosódica mostrou que propriedades como a duração e a frequência fundamental contribuem significativamente para a manifestação do sentido revelado pelos elementos paralingüísticos na cadeia da fala. Constatamos que para a manifestação expressiva de sentimentos e/ou de atitudes de alguns desses itens não-lexicalizados houve uma considerável variação na duração e/ou na frequência de *pitch*. Assim, acreditamos que essas emissões vocálicas são notadamente marcadas pela variação prosódica que categoricamente modifica o efeito percebido ou o significado dos elementos.

A análise de tais emissões nos revelou também outra característica peculiar a elas: o traço fonético silabação. Essa propriedade se constitui num traço comum à grande maioria dos elementos paralingüísticos vistos no *corpus* deste estudo. A frequência de emissões com essa característica não corresponde apenas a monitoramento do ouvinte (cf. Ward, 2004), mas também a outros que exprimem as intenções dos interlocutores. Na maioria das vezes, esses elementos paralingüísticos silabados ocorreram isolados em um único turno conversacional.

Sobre os elementos paralingüísticos, podemos dizer, ainda, que estes desempenham funções específicas no texto falado. Do ponto de vista discursivo, verificamos que eles atuam em função dos interlocutores envolvidos na interação, ora demonstrando interesse e/ou monitorando a conversa ora revelando estados emotivos dos interlocutores. Além disso, acreditamos que esses aspectos da fala também colaboram para a estruturação e articulação dos enunciados ao possibilitarem a fluência da fala.

Ressaltamos também outro ponto observado que consideramos importante neste trabalho. Trata-se da inserção de elementos paralinguísticos, como <ah> e <un!> em falas recriadas. Em nossa análise e descrição, constatamos que essa introdução, feita pelo falante atual, revela um conteúdo subjetivo, isto é, um sentimento do falante atual em relação à pessoa de quem recriou a fala. Além de atualizar o episódio, garantindo naturalidade e vivacidade à fala do outro, ele enriquece-a com elementos paralinguísticos que impregnam de emotividade a expressão oral.

Outra característica importante da manifestação paralinguística está relacionada à possibilidade do falante modificar o sentido de um dado elemento por meio da variação na F0 ou no tempo de emissão. Além disso, o falante também pode criar novas vocalizações paralinguísticas ao inserir mais sílabas a elementos existentes. Essa característica, inerente aos elementos paralinguísticos, ratifica a premissa de Maekawa (2004) a respeito de a paralinguagem constituir-se uma manifestação voluntária do falante para expressar estados emotivos, atitudes ou cooperação no ato conversacional.

O estudo desses elementos paralinguísticos, em síntese, fez-nos perceber que todos os elementos produzidos no ato da interação, seja pelo falante ou pelo ouvinte, confluem para um único fim: possibilitar a expressão das intenções do falante em relação ao ouvinte e ao conteúdo da conversa, de forma que os objetivos enunciativos dos interlocutores sejam atingidos e a comunicação seja bem sucedida. Assim, postulamos que tais realizações não-verbais representam um dos fenômenos responsáveis pela manifestação da fala expressiva, que se caracteriza como uma das várias facetas da linguagem humana (Campbell, 2002a, 2003, 2004).

A apresentação da descrição que fizemos sobre os aspectos paralinguísticos da fala e das hipóteses levantadas a cerca do papel discursivo podem contribuir para o estudo, não só sobre esses elementos, mas também sobre diversos detalhes paralinguísticos que, em conjunto

com outros fenômenos não-verbais da comunicação falada, contribuem para a efetivação da fala expressiva. Este tipo de estudo revelou-se muito produtivo no que diz respeito às inúmeras ocorrências de realizações não-verbalizadas; fato que confirmamos quando do levantamento das amostras de fala utilizadas neste trabalho, e, posteriormente, do processo de transcrição e extração dos dados paralinguísticos.

Acreditamos que há muito que se fazer ainda neste tipo de trabalho, especialmente no que diz respeito à análise de outras propriedades prosódicas e o modo de fonação que contribuam para a realização do significado e expressividade dos elementos paralinguísticos, bem como a realização de um teste perceptivo desses elementos dentro e fora do contexto da enunciação para verificarmos a recepção dos sujeitos. É nossa intenção dar continuidade a este estudo e desenvolver novos procedimentos metodológicos que colaborem para um refinamento ou redefinição da descrição feita por nós, ampliando, assim, os resultados obtidos neste estudo.

Nossa investigação pretendeu contribuir para os estudos do português regional espontâneo, em particular, àqueles que se interessem pelos fenômenos não-verbais recorrentes na comunicação falada, além de ressaltar a importância dos aspectos paralinguísticos para a comunicação falada como um todo. Por isso, ansiamos também que pesquisas como esta venham a ocupar um espaço fundamental nos estudos fonéticos, haja vista tratar-se de um fenômeno ainda não incorporado à análise linguística do português falado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*. 9ª edição. Coleção Linguagem e Cultura. São Paulo: Huciteo, 1999.

BIRDWHISTELL, R.L. *Kinesis and context*. Philadelphia, Pennsylvania Press, 1970.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais*. In **ILARI**, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II: Níveis de análise lingüística. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 37-60.

_____, Luiz C. & **CAGLIARI**, Gladis M. *Fonética*. In: **MUSSALIN**, F. & **BENTES**, Ana C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1. p. 105 – 146.

CAMPBELL, Nick. *Towards a grammar of spoken language: incorporating paralinguistic information*, 2002a. Disponível em: <http://feast.his.atr.jp/nick/pubs/icslp.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2004.

_____, *Listening between the lines: a study of paralinguistic information carried by tone-of-voice*, 2002b. Disponível em: <http://feast.his.atr.jp/nick/pubs/tal-Campbell.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2004.

_____, *Modelling affect in speech communication*, 2003. Disponível em: <http://feast.his.atr.co.jp/esp/esp-web/papers/files/beijing03.doc>. Acesso em 29 de março de 2005.

_____, *Database on emotional speech*, 2004. Disponível em: <http://www.qub.ac.uk/en/isca/proceedings/pdfs/campbell.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2004.

_____ & **ISHI**, Carlos. T. *Analysis of acoustic-prosodic features of spontaneous expressive speech*. Revista de Estudos da Linguagem da FALE/UFMG, V. 12, nº 02, p. 37 – 49, Jul./Dez., 2004. p. 37-49.

CORRAZE, J. *As comunicações não-verbais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Tradução e adaptação [da 2ª edição inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

CRUZ, Regina. *Analyse phonologique et acoustique du portugais parlé par des communautés noires de l'Amazonie (Brésil)*, Tese de Doutorado, Université de Provence, 2000. 266 p.

_____, Regina; **BULHÕES, Jailma;** **FERNANDES, Lea.** *Banco de Dados Oraís: uma nova perspectiva aos estudos do português brasileiro*. Revista de Estudos da Linguagem da FALE/UFMG, V. 12, nº 02, p. 193 – 212, Jul./Dez., 2004a.

_____, Regina & **BULHÕES, Jailma.** *Implementação de um banco de dados oraís destinado ao estudo do português regional paraense*. In: VII Encontro IFNOPAP: navegando entre o rio e a floresta. Tema: “Populações e tradições às margens do rio Tocantins: um diálogo entre a cultura e biodiversidade”, Belém, 2004b. p. 201-216.

CUNHA, SILVA, Márcia Almeida. *O marcador discursivo olha em narrativas oraís e conversações*. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. 234 p.

DAVIS, Flora. *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus, 1979.

DIONÍSIO, Ângela P. *Análise da Conversação*. In : **MUSSALIN, F. & BENTES, Ana C.** (orgs.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001, v. 2. p. 69-99.

_____ & **HOFFNAGEL, Judith C.** *Recursos paralingüísticos e supra-segmentais nas narrativas conversacionais*. In : **MAGALHÃES, Izabel** (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. São Paulo : brasília : editora UNB, 1996. p. 503-513.

ECO, Humberto. *A estrutura ausente*. 7ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

FÁVERO, L. L. *O tópico discursivo*. In: **PRETTI**, Dino (org.). Série projetos paralelos: v.1. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 33-53.

_____, Leonor; **ANDRADE**, Maria Lúcia & **AQUINO**, Zilda. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 4ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2003.

FERREIRA, Aurélio de Buarque Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

FUJIE, Shinya et all. *Spoken dialogue system using prosody as para-linguistic information*. Proceedings of the 3rd International Conference Speech prosody. Nara Japan, 2004. p. 387-390.

GALEMBECK, Paulo de T. *O turno conversacional*. In: **PRETTI**, Dino (org.). Análise de textos orais: Projeto de estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de são Paulo (Projeto NURC/SP). São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 55-79.

GOMES, Adriano Lopes. *A voz que vem de longe: os códigos paralingüísticos na compreensão de narrativas oralizadas*, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP04_gomes.pdf. Acesso em 12 de maio de 2005.

_____, Adriano Lopes. *Os códigos paralingüísticos na compreensão das narrativas oralizadas*, 2004. Disponível em: <http://www.comidia.ufrn.br/entrelinhas/artigos.htmf>. Acesso em 12 de maio de 2005.

HOULT, Christopher. *Emotion in speech synthesis*, 2004. Disponível em: <http://www.sirch.co.uk/papers/speech.pdf>. Acesso em 02 de abril de 2005.

KEY, Mary Ritchie. *Preliminary Remarks on Paralanguage and Kinesics in Human Communication*, La Linguistique 9 (2): 17-26, 1970.

KNAPP, M. L. *La comunicacion non verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós Ibéricas, 1982.

KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. 8ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

MAKEWA, Kikuo. *Production and perception of 'paralinguistic' information*, 2004. In: http://www.isca-speech.org/archive/sp2004/sp04_367.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: forma posições e funções*. In: *Português culto falado no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989. p. 281-321.

_____, L. A. *Citação de fala na interação verbal como fala idealizada*. I Colóquio de Analistas do Discurso. Caracas, Fevereiro, M. S., 1995.

_____, Luiz. A. *Análise da Conversação*. 5ª Edição. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

MARTINS, Fernando. *Bases lingüísticas em sistemas de reconhecimento de fala*. In: **RANCHHOD**, Elisabete Marques (org). *Tratamento das Línguas por Computador: Uma introdução à Lingüística Computacional e suas aplicações*. Lisboa: Editorial caminho, 2001. p. 195-229.

MEHABIAN, A. et all. *Inference of attitudes from the Posture Orientation, and Distance of a Communication*. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1968, vol. 32, nº 3, 296-308.

MESQUITA, Rosa Maria. *Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional*. *Revista Paulista Educativa de Física*. São Paulo, 1(2): 155-163, Jul./Dez. 1997.

MIXDORFF, H., Mehnert, D. *Perceptual Comparison of Three Different Approaches for Generating F0-Contours in TTS*. In: *Fortschritte der Akustik (DAGA '98)*, pages 398-399. Zürich, Schweiz, 1998.

MOZZICONACCI, Sylvie. *Speech variability and emotion: production and perception*. Eindhoven: Technische Universiteit Eindhoven, 1998.

_____, Sylvie. *Prosody and emotions*. Proceedings of the 1st International Conference Speech prosody. Aix en Provence, France, 2002. p. 1-9.

POSSENTI, Sírío. *Língua: sistema de sistemas*. In: **ALBANO**, Eleonora et alli (orgs.). *Saudades da Língua*. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2003.

QUAST, Helmut. *Automatic recognition of Nonverbal Speech: an approach to model the perception of para-linguistic vocal communication with neural networks*, 2001. Disponível em: <http://mplab.ucsd.edu/techreports/mplab2002.02.pdf>. Acesso em 17 de junho de 2005.

RECTOR, M & **TRINTA**, A. *A comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROACH, Peter. *The Techniques for the phonetic description of emotional speech*, 1999. Disponível em: <http://www.qub.ac.uk/en/isca/proceedings/pdfs/roach.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2004.

SCHOTZ, Suzanne. *Linguistic & paralinguistic phonetic variation*, 2002a. Disponível em: http://www.speech.kth.se/~rolf/gslt_papers/SusanneSchotz.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2004.

_____, Suzanne. *Paralinguistics phonetics in NLP models & Methods*, 2002b. Disponível em: http://www.ling.lu.se/persons/Suzi/downloads/NLP_paper_Susanne.pdf. Acesso em 20 de Janeiro de 2004.

_____, Suzanne. *Prosody in relation to paralinguistic phonetics*, 2003. Disponível em: http://www.ling.lu.se/persons/Suzi/downloads/prosodypaper_Susanne2003.pdf. Acesso em 14 de Janeiro de 2004.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SILVA, Messias Nogueira da. *Elementos cinésicos e paralingüísticos nas narrativas orais paraenses*. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. 219 p.

STEINBERG, Marta. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

TRAGER, George L. *Paralanguage: a first approximation*. In: Hymes, Dell (ed.). *Language in Culture and Society*. Harper & Row, Publishers. York & Evanston. London, 1964.

TRAUNMÜLLER, Hartmut. *Evidence for demodulation in speech perception*, 2000. Disponível em: <http://www.ling.su.se/staff/hartmut/demod.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2004.

TRINDADE, Regina. *O som da fala dos pescadores de Cameté*. Memóire de Máster du Département de Linguistic de L'Université Fédérale du Santa Catarina (Brésil), 1992.

URBANO, Hudinilson. *Marcadores Conversacionais*. In: **ILARI**, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II: Níveis de análise lingüística. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 81-101.

VIANA, M. Céu. *Síntese de fala*. In: **RANCHHOD**, Elisabete Marques (org). *Tratamento das Línguas por Computador: Uma introdução à Lingüística Computacional e suas aplicações*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.p. 133-193.

WARD, Nigel. *Pragmatic functions of prosodic features in non-lexical utterances*. Proceedings of the 3rd International Conference Speech prosody. Nara Japan, 2004, p. 217-220.

WERNER, S. & KELLER, E. *Prosodic aspects of speech*, 1994. Disponível em:
<http://www2.unil.ch/imm/docs/LAIP/pdf.files/Werner-Keller-94-FundVol.pdf>. Acesso em
29 de março de 2004.

ANEXOS

Nº DE ORDEM	ELEMENTO PARALINGUÍSTICO	FRAGMENTO DE ORIGEM	PITCH MÍNIMO (Hz)	PITCH MÁXIMO (Hz)	MEDIA DO PITCH (Hz)	DURAÇÃO (Ms)
1	<aah>	AmCaCiB1e16	225	434	346	632
1	<an?>	AmCaCiA1e01	186	198	194	184
2	<an?>	AmCaCiA1e14	182	200	191	229
3	<an?>	AmCaCiA1e02	202	225	213	215
4	<an?>	AmCaCiB1e04	204	216	209	170
7	<an?>	AmCaCiC2b01	205	533	240	167
10	<an?>	AmCaCiC2e06	201	214	198	380
11	<an?>	AmCaCiC2e07	188	218	196	253
14	<an?>	AmCaCiD1b03	115	123	121	220
16	<an?>	AmCaCiD1e10	216	480	249	137
17	<an?>	AmCaCiD1e14	216	514	246	368
9	<an?>	AmCaCiB1e17	200	211	205	259
5	<an?>	AmCaCiB1e18	187	204	196	334
6	<an?>	AmCaCiB1e23	182	216	209	182
8	<an?>	AmCaCiC2e03	200	211	204	253
12	<an?>	AmCaCiC2e09	198	215	209	241
13	<an?>	AmCaCiD1b03	194	344	253	131
15	<an?>	AmCaCiD1e10	180	201	194	222
1	<an?>	AmCaCiA1e01	186	198	194	184
1	<an!>	AmCaCiA1e10	239	260	243	177
2	<clique>	AmCaCiA2e01	indefinido	indefinido	indefinido	032
3	<clique>	AmCaCiB1e16	indefinido	indefinido	indefinido	022
4	<clique>	AmCaCiB1e18	indefinido	indefinido	indefinido	027
6	<clique>	AmCaCiB1e24	indefinido	indefinido	indefinido	066

7	<clique>	AmCaCiB1e24	indefinido	indefinido	indefinido	047
8	<clique>	AmCaCiB1e26	indefinido	indefinido	indefinido	034
9	<clique>	AmCaCiB1e26	indefinido	indefinido	indefinido	037
10	<clique>	AmCaCiB1e26	indefinido	indefinido	indefinido	079
11	<clique>	AmCaCiC1e06	indefinido	indefinido	indefinido	049
12	<clique>	AmCaCiC1e10	indefinido	indefinido	indefinido	011
13	<clique>	AmCaCiC2b01	indefinido	indefinido	indefinido	010
14	<clique>	AmCaCiC2e10	indefinido	indefinido	indefinido	019
15	<clique>	AmCaCiD1e12	indefinido	indefinido	indefinido	021
16	<clique>	AmCaCiD1e12	indefinido	indefinido	indefinido	015
17	<clique>	AmCaCiD1e12	indefinido	indefinido	indefinido	026
18	<clique>	AmCaCiD1e12	indefinido	indefinido	indefinido	012
1	<han-han>	AmCaCiC2e04	170	344	265	383
2	<an-ahm>	AmCaCiC2e03	174	324	254	356
3	<an-ahm>	AmCaCiD1e11	172	249	216	469
1	<an-ahm>	AmCaCiD1e11	91	421	285	482
1	<um::-uhm>	AmCaCiB1e23	84	584	294	1.687
3	<umm>	AmCaCiB1e13	195	202	200	253
4	<umm>	AmCaCiB1e18	91	218	172	447
5	<umm>	AmCaCiC1e05	109	112	110	324
6	<umm>	AmCaCiC1e10	212	226	221	509
7	<umm>	AmCaCiD1b03	209	225	219	246
8	<umm>	AmCaCiD1b03	194	220	213	516
9	<umm>	AmCaCiD1e13	210	233	216	235
10	<umm>	AmCaCiD1e13	89	243	205	751
1	<umm>	AmCaCiD1e13	77	230	212	913
2	<umm::>	AmCaCiB1e22	81	587	291	1.948
1	<umm>	AmCaCiC1e11	316	541	433	237
2	<uhm-hum:>	AmCaCiC1e11	109	382	270	0.719
3	<uhm-hum:>	AmCaCiC2b01	79	349	202	1.577
1	<uhm-hum:>	AmCaCiC2b01	263	323	286	0.507

2	<u-hu>	AmCaCiA2e07	314	553	428	413
3	<u-hu>	AmCaCiB1e04	279	310	289	161
4	<u-hu>	AmCaCiB1e04	346	588	428	160
5	<u-hu>	AmCaCiB1e05	324	481	384	215
6	<u-hu>	AmCaCiB1e05	327	401	380	192
7	<u-hu>	AmCaCiB1e05	172	560	348	161
8	<u-hu>	AmCaCiB1e05	299	393	324	263
9	<u-hu>	AmCaCiB1e13	270	447	386	141
10	<u-hu>	AmCaCiB1e13	455	471	465	094
11	<u-hu>	AmCaCiB1e14	315	372	334	231
12	<u-hu>	AmCaCiB1e17	273	364	303	202
13	<u-hu>	AmCaCiC2e13	123	277	214	394
1	<u-hu>	AmCaCiC2e13	247	305	278	282
1	<uhm-hum>	AmCaCiB1e10	105	249	215	344
2	<uhm-hum>	AmCaCiB1e17	199	309	234	506
3	<uhm-hum>	AmCaCiC1e08	115	323	252	730
4	<uhm-hum>	AmCaCiC1e09	203	292	240	463
5	<uhm-hum>	AmCaCiC1e10	209	315	250	430
8	<uhm-hum>	AmCaCiC2e03	297	519	404	579
7	<uhm-hum>	AmCaCiD1e04	197	351	232	534
9	<uhm-hum>	AmCaCiD1e15	178	294	223	399
4	<uhm>	AmCaCiD1b01	261	301	288	180
1	<uhm>	AmCaCiB1e07	318	352	343	204
2	<uhm>	AmCaCiC1e11	316	541	433	237
3	<uhm>	AmCaCiC2b01	119	324	277	600
5	<uhm>	AmCaCiC2b01	337	413	399	421
6	<uhm>	AmCaCiD1b02	281	301	327	117
1	<un-hun>	AmCaCiA1e02	207	229	212	460
6	<un-hun>	AmCaCiA1e02	147	210	186	368
20	<un-hun>	AmCaCiC1e08	219	255	231	393
9	<un-hun>	AmCaCiA1e18	130	228	194	391

23	<un-hun>	AmCaCiC1e09	98	249	201	424
33	<un-hun>	AmCaCiC2e13	99	251	176	224
35	<un-hun>	AmCaCiD1b03	107	236	207	297
1	<un-hun>	AmCaCiD1e17	186	433	272	459
4	<un-hun>	AmCaCiA1e03	225	302	251	579
7	<un-hun>	AmCaCiA1e09	137	231	185	660
10	<un-hun>	AmCaCiA2e03	81	211	138	404
11	<un-hun>	AmCaCiA2e03	209	264	227	393
13	<un-hun>	AmCaCiA2e03	419	441	432	259
14	<un-hun>	AmCaCiB1e19	171	227	194	473
15	<un-hun>	AmCaCiB1e20	195	226	209	377
16	<un-hun>	AmCaCiC1e05	221	247	229	349
17	<un-hun>	AmCaCiC1e06	110	227	197	356
18	<un-hun>	AmCaCiC1e06	194	218	210	329
19	<un-hun>	AmCaCiC1e07	218	323	236	405
21	<un-hun>	AmCaCiC1e08	545	591	578	357
22	<un-hun>	AmCaCiC1e09	206	440	233	353
25	<un-hun>	AmCaCiC1e10	118	231	218	285
26	<un-hun>	AmCaCiC2b01	206	247	222	435
27	<un-hun>	AmCaCiC2e03	219	262	233	343
28	<un-hun>	AmCaCiC2e03	224	278	249	337
29	<un-hun>	AmCaCiC2e03	207	246	223	294
30	<un-hun>	AmCaCiC2e06	215	231	219	355
32	<un-hun>	AmCaCiC2e06	217	245	224	411
43	<un-hun>	AmCaCiC2e09	127	133	130	212
34	<un-hun>	AmCaCiC2e13	123	277	214	570
36	<un-hun>	AmCaCiD1b03	165	199	188	507
37	<un-hun>	AmCaCiD1b03	195	214	205	297
38	<un-hun>	AmCaCiD1b03	187	215	202	381
39	<un-hun>	AmCaCiD1e13	212	228	220	331
40	<un-hun>	AmCaCiD1e13	207	235	215	470

41	<un-hun>	AmCaCiD1e13	103	254	213	457
42	<un-hun>	AmCaCiD1e14	85	195	158	353
1	<UN?>	AmCaCiD1e10	93	612	291	553
2	<un?>	AmCaCiB1e10	241	274	258	275
11	<un?>	AmCaCiB1e23	95	98	97	264
13	<un?>	AmCaCiC1e06	222	234	229	237
18	<un?>	AmCaCiC2e06	152	158	153	158
26	<un?>	AmCaCiD1e06	146	160	155	274
8	<un?>	AmCaCiB1e20	202	215	210	221
23	<un?>	AmCaCiC2e10	121	125	123	164
20	<un?>	AmCaCiC2e06	202	335	252	242
3	<un?>	AmCaCiB1e11	174	242	206	212
4	<un?>	AmCaCiB1e11	272	317	302	172
5	<un?>	AmCaCiB1e18	215	231	226	201
6	<un?>	AmCaCiB1e19	214	224	218	289
7	<un?>	AmCaCiB1e19	231	235	233	128
9	<un?>	AmCaCiB1e20	210	219	217	193
10	<un?>	AmCaCiB1e23	91	92	91	200
12	<un?>	AmCaCiC1b01	231	237	234	158
16	<un?>	AmCaCiC2e05	213	228	218	172
17	<un?>	AmCaCiC2e05	121	131	129	350
19	<un?>	AmCaCiC2e06	77	228	170	234
27	<un?>	AmCaCiC2e07	111	177	152	114
21	<un?>	AmCaCiC2e07	177	180	179	91
22	<un?>	AmCaCiC2e09	134	138	135	274
24	<un?>	AmCaCiD1b01	209	216	213	173
25	<un?>	AmCaCiD1b03	191	212	203	342
1	<un?>	AmCaCiD1e10	207	219	213	218
25	<un?>	AmCaCiB1e11	313	316	315	201
3	<un!>	AmCaCiA1e11	216	217	217	138
4	<un!>	AmCaCiA1e11	201	224	215	120

7	<un!>	AmCaCiB1e14	388	423	415	110
8	<un!>	AmCaCiB1e16	218	232	227	191
9	<un!>	AmCaCiB1e16	186	208	193	180
5	<un!>	AmCaCiA2e07	164	196	174	139
10	<un!>	AmCaCiB1e18	238	297	270	112
2	<un!>	AmCaCiA1e07	224	234	229	162
11	<un!>	AmCaCiB1e19	212	219	216	146
12	<un!>	AmCaCiB1e19	114	117	116	323
13	<un!>	AmCaCiB1e23	289	330	316	137
1	<un!>	AmCaCiB1e07	350	364	359	614
1	<un!>	AmCaCiB1e09	306	318	310	218
15	<un!>	AmCaCiC1e03	113	219	145	419
16	<un!>	AmCaCiC1e05	113	266	150	183
2	<hum>	AmCaCiA1e14	294	482	360	336
3	<hum>	AmCaCiB1e14	276	429	334	219
4	<hum>	AmCaCiB1e14	341	382	367	126
5	<hum>	AmCaCiB1e15	337	484	413	150
6	<hum>	AmCaCiB1e18	240	279	257	096
8	<hum>	AmCaCiC2b01	350	572	464	323
9	<hum>	AmCaCiC2b01	428	461	450	105
10	<hum>	AmCaCiC2e05	219	360	322	270
11	<hum>	AmCaCiC2e06	178	484	418	439
12	<hum>	AmCaCiC2e10	175	194	186	224
13	<hum>	AmCaCiC2e10	160	391	305	310
14	<hum>	AmCaCiD1e04	187	232	232	255
15	<hum>	AmCaCiD1e07	172	253	218	220
7	<hum>	AmCaCiB1e18	226	255	238	230
1	<hum>	AmCaCiD1e13	299	328	217	180
2	<hu>	AmCaCiB1e04	indefinido	indefinido	indefinido	620
3	<hu>	AmCaCiB1e04	269	299	291	132
4	<hu>	AmCaCiB1e05	321	462	394	115

5	<hu>	AmCaCiB1e05	indefinido	indefinido	indefinido	076
6	<hu>	AmCaCiB1e05	indefinido	indefinido	indefinido	045
7	<hu>	AmCaCiB1e17	301	345	323	179
8	<hu>	AmCaCiB1e17	364	451	405	126
9	<hu>	AmCaCiD1e04	133	414	314	192
10	<hu>	AmCaCiD1e06	285	344	318	092
11	<hu>	AmCaCiD1e06	268	340	311	097
1	<hu>	AmCaCiD1e07	473	595	530	119
4	<un-hum> (afirmativo)	AmCaCiC1e06	213	261	227	383
5	<un-hum> (afirmativo)	AmCaCiC1e07	203	254	223	346
6	<un-hum> (afirmativo)	AmCaCiC1e08	105	248	145	324
9	<un-hum> (afirmativo)	AmCaCiC1e09	196	304	220	551
1	<un-hum> (afirmativo)	AmCaCiD1e13	195	226	204	348
10	<un-hum> (negativo)	AmCaCiB1e11	131	297	206	357
2	<un-hum> (negativo)	AmCaCiB1e11	131	297	206	303
8	<un-hum> (negativo)	AmCaCiC1e06	218	284	242	344
3	<un-hum> (negativo)	AmCaCiD1e08	131	297	206	600
1	<hem-heim>	AmCaCiA1e15	169	272	219	326
2	<hem-heim>	AmCaCiD1b02	208	268	237	520
3	<hu::>	AmCaCiA1e11	104	630	330	560
4	<hu::>	AmCaCiA1e11	108	515	358	455
5	<hu::>	AmCaCiB1e05	270	401	353	330
6	<hu::>	AmCaCiB1e17	208	253	232	340
7	<hu::>	AmCaCiC1e02	147	464	397	347
8	<hu::>	AmCaCiC1e02	391	408	399	262
9	<hu::>	AmCaCiC1e02	227	335	287	319
10	<hu::>	AmCaCiC1e02	275	390	334	253
11	<hu::>	AmCaCiC1e03	89	491	391	376
12	<hu::>	AmCaCiC1e05	88	316	234	524
13	<hu::>	AmCaCiC1e05	208	474	342	451
14	<hu::>	AmCaCiC1e06	281	467	394	430

15	<hu::>	AmCaCiC1e11	273	325	306	405
16	<hu::>	AmCaCiC1e11	80	587	398	291
17	<hu::>	AmCaCiC2b01	256	444	336	199
18	<hu::>	AmCaCiC2b01	345	474	415	127
19	<hu::>	AmCaCiC2b01	271	297	289	154
20	<hu::>	AmCaCiC2b03	240	267	257	549
1	<hu::>	AmCaCiD1e13	268	392	347	361
1	<he::>	AmCaCiB1e18	178	339	228	393
20	<heim>	AmCaCiA1e01	140	160	152	228
3	<heim>	AmCaCiA1e12	215	231	224	245
7	<heim>	AmCaCiB1e16	107	114	109	102
8	<heim>	AmCaCiB1e16	204	209	206	166
9	<heim>	AmCaCiB1e17	76	130	111	175
10	<heim>	AmCaCiC1e04	291	351	316	183
12	<heim>	AmCaCiC2b01	104	112	107	185
13	<heim>	AmCaCiC2e03	175	453	300	269
23	<heim>	AmCaCiD1e08	77	569	222	631
17	<heim>	AmCaCiD1e15	248	382	345	224
21	<heim>	AmCaCiA1e11	248	273	255	157
2	<heim>	AmCaCiA1e11	86	344	201	218
4	<heim>	AmCaCiA2e01	258	295	280	143
5	<heim>	AmCaCiB1e06	124	506	314	419
6	<heim>	AmCaCiB1e14	223	230	227	099
25	<heim>	AmCaCiB1e16	189	207	197	114
19	<heim>	AmCaCiC1b01	290	325	304	156
24	<heim>	AmCaCiD1e13	227	506	319	176
16	<heim>	AmCaCiD1e13	244	554	319	215
18	<heim>	AmCaCiD1e15	91	99	94	161
1	<heim>	AmCaCiD1e17	238	375	277	147
2	<ha::>	AmCaCiB1e17	119	511	283	292
3	<ha::>	AmCaCiB1e18	92	465	303	852

4	<ha::>	AmCaCiC1e03	81	156	116	237
5	<ha::>	AmCaCiC1e04	224	469	343	329
6	<ha::>	AmCaCiC1e05	84	135	106	199
7	<ha::>	AmCaCiC1e08	217	533	447	596
8	<ha::>	AmCaCiC1e08	135	426	298	705
9	<ha::>	AmCaCiC1e11	113	191	158	342
10	<ha::>	AmCaCiC2b01	183	370	296	741
11	<ha::>	AmCaCiC2b01	272	615	391	397
12	<ha::>	AmCaCiD1e13	180	622	374	429
1	<ha::>	AmCaCiD1e14	165	356	263	425
1	<han>	AmCaCiB1e14	210	241	225	172
2	<fum>	AmCaCiB1e17	251	596	388	600
1	<fum>	AmCaCiB1e15	75	443	224	268
1	<an::-han::-umm:>	AmCaCiA1e11	192	326	317	453
2	<an-han>	AmCaCiA1e01	201	140	207	425
4	<an-han>	AmCaCiA1e01	207	201	221	383
3	<an-han>	AmCaCiA1e11	195	232	207	304
5	<an-han>	AmCaCiA1e18	154	206	192	414
6	<an-han>	AmCaCiC1e07	192	211	199	360
7	<an-han>	AmCaCiC1e10	197	256	222	340
11	<an-han>	AmCaCiC2b01	227	299	245	524
12	<an-han>	AmCaCiC2e06	219	346	244	425
13	<an-han>	AmCaCiC2e09	135	240	214	304
16	<an-han>	AmCaCiD1b103	199	234	223	411
18	<an-han>	AmCaCiD1e13	200	220	208	530
19	<an-han>	AmCaCiD1e13	210	223	216	353
1	<an-han>	AmCaCiB1e17	83	241	205	695
8	<an-han>	AmCaCiC2b01	184	253	223	332
9	<an-han>	AmCaCiC2b01	201	276	222	371
10	<an-han>	AmCaCiC2b01	188	228	205	354
14	<an-han>	AmCaCiD1b103	206	270	231	344

15	<an-han>	AmCaCiD1b103	97	228	195	389
17	<an-han>	AmCaCiD1e11	179	224	192	373
1	<UN!>	AmCaCiB1e26	440	550	512	212
1	<hu::-uhm>	AmCaCiA1e11	400	494	450	548
1	<an!>	AmCaCiA1e10	327	462	416	177
1	<an-ahm>	AmCaCiC2e03	175	325	254	356
2	<an-ahm>	AmCaCiD1e11	172	249	216	469
3	<an-ahm>	AmCaCiD1e11	91	421	285	482
1	<UN::>	AmCaCiB1e05	238	543	393	614
1	<ah>	AmCaCiA1e03	222	233	227	231
2	<ah>	AmCaCiA1e06	105	154	126	177
3	<ah>	AmCaCiA1e06	118	181	139	194
4	<ah>	AmCaCiA1e06	118	123	121	289
5	<ah>	AmCaCiA1e08	120	138	124	278
6	<ah>	AmCaCiA1e10	110	118	114	139
7	<ah>	AmCaCiA1e10	127	144	134	177
8	<ah>	AmCaCiA1e18	88	146	125	304
12	<ah>	AmCaCiB1e03	222	233	227	116
14	<ah>	AmCaCiB1e07	99	272	222	309
15	<ah>	AmCaCiB1e07	108	307	253	115
16	<ah>	AmCaCiB1e07	214	253	231	170
18	<ah>	AmCaCiB1e07	218	354	285	267
19	<ah>	AmCaCiB1e07	172	191	182	086
21	<ah>	AmCaCiB1e13	210	288	239	183
24	<ah>	AmCaCiB1e15	100	340	204	212
27	<ah>	AmCaCiB1e20	101	196	178	165
28	<ah>	AmCaCiB1e22	90	111	100	304
32	<ah>	AmCaCiC1b01	371	386	377	124
39	<ah>	AmCaCiC2e04	154	158	156	088
45	<ah>	AmCaCiD1e04	248	268	259	122
50	<ah>	AmCaCiD1e17	206	265	231	314
51	<ah>	AmCaCiB1e23	77	91	85	314
77	<ah >	AmCaCiA2e05	155	181	164	269
102	<ah >	AmCaCiC1e07	279	437	360	201
109	<ah >	AmCaCiC2b01	247	399	325	244

93	<ah>	AmCaCiB1e13	192	318	261	282
118	<ah>	AmCaCiA1e01	78	343	172	361
119	<ah>	AmCaCiA1e01	80	344	173	292
120	<ah>	AmCaCiA1e01	89	120	109	256
121	<ah>	AmCaCiA1e01	89	181	108	177
122	<ah>	AmCaCiA1e02	119	129	125	407
123	<ah>	AmCaCiA1e03	102	599	135	493
125	<ah>	AmCaCiA1e06	113	194	154	760
126	<ah>	AmCaCiA1e06	72	195	145	502
127	<ah>	AmCaCiA1e10	110	235	130	460
128	<ah>	AmCaCiA1e14	199	218	208	448
129	<ah>	AmCaCiA1e16	89	131	102	555
130	<ah>	AmCaCiA2e05	123	173	145	611
131	<ah>	AmCaCiA2e05	154	236	204	503
132	<ah>	AmCaCiB1e06	266	299	276	504
133	<ah>	AmCaCiB1e06	223	349	296	736
134	<ah>	AmCaCiB1e06	223	350	283	373
135	<ah>	AmCaCiB1e07	199	281	227	378
136	<ah>	AmCaCiB1e07	185	204	192	352
137	<ah>	AmCaCiB1e07	109	382	319	397
138	<ah>	AmCaCiB1e07	145	321	279	179
141	<ah>	AmCaCiB1e20	188	271	232	579
142	<ah>	AmCaCiB1e22	89	181	108	681
145	<ah>	AmCaCiC1b01	237	252	244	408
146	<ah>	AmCaCiC1e11	196	346	221	390
147	<ah>	AmCaCiC2e02	172	413	298	348
148	<ah>	AmCaCiD1e08	179	237	218	382
33	<ah>	AmCaCiC1e02	158	192	171	190
9	<ah>	AmCaCiA1e18	114	455	242	153
29	<ah>	AmCaCiB1e22	257	315	280	145
46	<ah>	AmCaCiD1e07	209	314	258	164
47	<ah>	AmCaCiD1e11	231	254	244	204

49	<ah>	AmCaCiD1e16	220	304	252	105
95	<ah >	AmCaCiB1e16	272	366	322	239
139	<ah>	AmCaCiB1e15	318	429	407	1.802
124	<ah>	AmCaCiA1e05	112	128	118	498
143	<ah>	AmCaCiB1e26	303	359	337	618
144	<ah>	AmCaCiB1e28	248	504	384	555
52	<ah>	AmCaCiB1e13	172	192	182	086
25	<ah>	AmCaCiB1e15	245	279	264	168
41	<ah>	AmCaCiC2e11	94	309	265	222
10	<ah>	AmCaCiA2e01	499	547	522	371
57	<ah >	AmCaCiA2e05	90	217	185	450
81	<ah >	AmCaCiA2e09	204	251	227	166
11	<ah>	AmCaCiA2e10	499	547	522	269
17	<ah>	AmCaCiB1e09	198	277	241	115
20	<ah>	AmCaCiB1e13	212	212	219	124
23	<ah>	AmCaCiB1e14	245	279	264	166
40	<ah>	AmCaCiC2e09	125	133	129	133
59	<ah >	AmCaCiB1e09	83	201	184	335
94	<ah >	AmCaCiB1e15	229	422	307	217
44	<ah>	AmCaCiD1b03	271	526	316	114
100	<ah >	AmCaCiC1e06	277	451	377	214
83	<ah >	AmCaCiB1e04	282	375	325	280
84	<ah >	AmCaCiB1e04	179	203	185	177
85	<ah >	AmCaCiB1e05	251	260	257	148
13	<ah>	AmCaCiB1e05	não definido	não definido	não definido	170
26	<ah>	AmCaCiB1e16	269	487	371	161
38	<ah>	AmCaCiC2b01	239	387	320	244
96	<ah >	AmCaCiB1e17	290	579	315	223
97	<ah >	AmCaCiB1e19	200	230	215	095
71	<ah >	AmCaCiC2b01	80	80	80	272
106	<ah >	AmCaCiC2b01	229	266	241	157
117	<ah >	AmCaCiB1e18	325	461	411	239
108	<ah >	AmCaCiC2b01	216	336	278	196
22	<ah>	AmCaCiB1e13	224	333	266	242

78	<ah >	AmCaCiA2e05	238	250	247	270
75	<ah >	AmCaCiA2e02	255	316	272	252
82	<ah >	AmCaCiA2e10	186	192	189	255
86	<ah >	AmCaCiB1e05	179	203	185	096
88	<ah >	AmCaCiB1e05	179	244	202	171
107	<ah >	AmCaCiC2b01	95	194	184	214
73	<ah >	AmCaCiA1e16	222	366	255	282
91	<ah >	AmCaCiB1e11	299	308	304	302
98	<ah >	AmCaCiB1e26	225	306	269	167
116	<ah >	AmCaCiB1e23	293	333	316	208
30	<ah>	AmCaCiB1e24	301	324	312	133
31	<ah>	AmCaCiB1e24	207	241	221	272
72	<ah >	AmCaCiA1e10	81	404	332	256
34	<ah>	AmCaCiC1e02	347	436	405	235
63	<ah >	AmCaCiB1e18	211	522	399	452
35	<ah>	AmCaCiC1e06	315	447	392	201
36	<ah>	AmCaCiC1e07	99	101	100	257
48	<ah>	AmCaCiD1e15	220	304	252	204
70	<ah >	AmCaCiA2e12	82	404	333	186
87	<ah >	AmCaCiB1e05	188	199	192	152
90	<ah >	AmCaCiB1e11	194	235	216	244
92	<ah >	AmCaCiB1e12	213	373	291	311
67	<ah >	AmCaCiB1e26	383	463	401	362
68	<ah >	AmCaCiB1e26	78	90	82	317
99	<ah >	AmCaCiC1e06	154	435	304	270
103	<ah >	AmCaCiC1e08	174	296	200	136
104	<ah >	AmCaCiC1e09	255	326	290	195
105	<ah >	AmCaCiC1e09	252	410	333	199
110	<ah >	AmCaCiC2e07	174	296	200	197
115	<ah >	AmCaCiD1e15	198	212	202	196
140	<ah>	AmCaCiB1e17	289	573	431	621
149	<ah>	AmCaCiB1e05	179	244	202	147

37	<ah>	Am Ca CiC1e10	117	277	196	237
42	<ah>	Am Ca CiC2e13	129	242	173	184
60	<ah >	AmCaCiB1e14	208	222	216	311
79	<ah >	AmCaCiA2e05	179	497	260	120
114	<ah >	AmCaCiC2e13	192	318	261	282
43	<ah>	Am Ca CiC2e13	282	295	290	114
53	<ah>	Am Ca CiB1e15	204	310	271	561
56	<ah >	AmCaCiA2e04	342	508	424	336
58	<ah >	AmCaCiB1e07	104	390	344	708
61	<ah >	AmCaCiB1e15	212	310	276	562
62	<ah >	AmCaCiB1e15	163	525	288	313
64	<ah >	AmCaCiB1e23	75	338	261	326
65	<ah >	AmCaCiB1e24	90	217	185	524
66	<ah >	AmCaCiB1e24	215	350	292	391
69	<ah >	AmCaCiC2e05	91	229	197	594
76	<ah >	AmCaCiA2e04	424	486	469	191
80	<ah >	AmCaCiA2e05	117	297	246	273
89	<ah >	AmCaCiB1e06	266	299	278	166
101	<ah >	AmCaCiC1e06	251	312	296	171
54	<AH >	AmCaCiA1e06	356	482	409	317
55	<ah >	AmCaCiA2e02	195	347	294	301
74	<ah >	AmCaCiA2e02	149	221	186	183
111	<ah >	AmCaCiC2e11	286	424	364	171
112	<ah >	AmCaCiC2e11	220	338	286	194
113	<ah >	AmCaCiC2e11	333	481	390	177
150	<ah>	AmCaCiD1e11	209	216	213	151
151	<ah>	AmCaCiD1e17	179	237	218	105